

HENRY S. CONY
24 HAWTHORNE
PRINCETON, N.

M. CONCEIÇÃO JR.

Os JUDEUS E O DESTINO

Mensagem de Amós
O Profeta



Library of The Theological Seminary

PRINCETON • NEW JERSEY



PRESENTED BY

Dr. Henry S. Gehman

Al. Ale.

SCB
7527

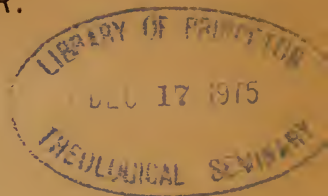
HENRY S. GEHMAN
24 HAWTHORNE AVE.
PRINCETON, N. J.

OS JUDEUS E O DESTINO

(Mensagem de Amós — o Profeta)

Composto e impresso na
TIP. DA LIVRARIA PROGREDIOR
Av. Rodrigues de Freitas, 383 - Porte

M. CONCEIÇÃO JR.



OS JUDEUS E O DESTINO

Mensagem de Amós — o Profeta



EDITORIA — LIVRARIA PROGREDIOR — PORTO

OBRAS DO MESMO AUTOR:

Publicadas:

Prosas Avulsas — Assuntos diversos

Os Judeus e o Destino — Estudo histórico

A publicar:

O Inspirado de Patmos — Biografia e história

Estudo sobre Salmos — Exegético e crítico

Apreciações da obra de Amós :

«O livro de Amós, cujo estilo tem sido classificado de rude e inculto, é sumamente artístico e sublime».

Henry C. Thompson
História Sagrada, perg. 37

«É notável pela precisão com que reconhece a soberania universal de Jeová.

Joseph Angus
Hist., Doutr. e Int. da Bíblia, perg. 308

«Apresenta uma descrição vívida do estado social de Israel naquele tempo».

S. R. Driver
Joel and Amos, Cambridge University Press

«Os críticos imaginam um Amós ideal, e afirmam que certas passagens do livro não estão de harmonia com esse ideal ; mas a dificuldade não está no livro, sim no falso método como eles o apreciam».

John H. Raven
Old Testament Introduction, pág. 217

«Amós assume a posição de renovador e reformador de concepções religiosas da antiguidade. Busca a pureza e a simplicidade de culto».

André Neher
Contribution à l'Étude du Prophetisme

«O argumento do livro parece ser este : Se as nações pagãs foram castigadas por causa das suas transgressões, quanto maior castigo cairá sobre Israel que pecou contra a luz».

John D. Davis
Dictionary of the Bible - Amos

«Amós clama contra o falso conceito de Deus e de religião por parte do crente e da Igreja».

Paul F. Barackman
Journal of Bible and Theology, July 1959

«Amós previu o castigo e a ruína de Israel».

Edgar J. Goodspeed
The Story of the Old Testament

«As profecias de Amós, embora evidentemente retocadas para publicar, e provavelmente reduzidas na sua forma original, são excelente literatura ; o profeta escreve como fala, preservando assim os efeitos da oratória e do drama, com fervor lírico que lhe dão encanto especial».

Driver - Idem, pág. 115

PREÂMBULO

A mensagem de Amós pertence a um passado remoto. Foi elaborada nos domínios da pré-história, muito anterior a Heródoto e a outros escritores célebres da antiguidade hebraica e grega. Por isso é um documento literário de grande valor pelo seu carácter arcaico, descritivo, religioso. Nele se faz referência a acontecimentos que chegaram até nós nimbados de tradição e de lenda, numa quase penumbra de incerteza. E o autor esclarece esses factos com o poder da sua inteligência observadora, do seu amor pela verdade, da sua confiança no divino.

Pena é que a sua mensagem não seja das mais lidas e meditadas; que o seu contexto não seja mais acessível mediante uma simples leitura; que o seu conteúdo se torne, por vezes, mal compreendido e deficientemente interpretado. É um monumento histórico com poucos admiradores. E, se ainda não foi esquecido, é porque faz parte de um conjunto apreciável muito querido do povo israelita.

A esta circunstância se deve o ter sido preservada a sua mensagem. De contrário, ter-lhe-ia sucedido aquilo que é comum a todas as obras que caem em desuso e deixam de ter interesse.

Mas a Bíblia de que ela faz parte nada tem que ainda seja desconhecido. Nela tudo tem sido minuciosamente estudado. Tudo tem conta, peso e medida. Está bem determinado o número de livros que a compõem, de capítulos, de versículos, de parágrafos, de linhas, de sílabas e até de letras. Sabe-se qual é o volume de cada rolo, o seu estado de conservação, o material de que é feito, a sua cor, as substâncias químicas da tinta que foi usada, os processos empregados na sua manufactura, a quantidade de papiro ou de pergaminho que tem cada um. Sabe-se a largura de cada folha, o seu comprimento, o espaço das margens, a forma de escrita, o original que serviu de fonte, as faltas cometidas pelo copista.

Nada tem escapado à curiosidade de quem

estuda, ao cuidado de quem investiga — nem a matéria, nem a forma, nem o assunto. Hoje tudo isto é explicado. E, a par com esta minúcia exterior, anda outra ainda mais meticulosa e pesquisadora — a das ideias, da doutrina, dos ensinamentos, da lógica aplicada à história, da ética aplicada à vida. Tudo tem sido revelado, discernido, provado pelo fogo da crítica. Nenhum outro livro tem merecido mais atenção, mais interesse, mais vigilância. É por si só uma biblioteca digna de ser lida, uma herança perdurável, revelação da vontade do seu único autor.

*

* *

O nosso contacto com o livro familiarizou-nos com o assunto, despertou-nos curiosidade, entreteve-nos durante anos consecutivos—como estudante para aprender, como ministro para interpretá-lo, como mestre para ensinar, como crente para sentir o poder que ele revela.

Procurámos conhecê-lo nas línguas originais, penetrar no âmago do pensamento do profeta, confrontando versões em latim e inglês com as três mais conhecidas em língua portuguesa — Ferreira de Almeida, Figueiredo e Brasileira. Quisemos surpreendê-lo na sua época, encontrá-lo através da sua obra, indagar do estado da sua alma.

Para isso tivemos de transportar-nos no tempo a essa época de confusão política e social em que ele viveu, época em que os governantes eram despóticos e os sentimentos eram egoístas ; em que os chefes se impunham pela força e os endinheirados pela violência. Época de multidões iletradas e oprimidas, de exércitos em marcha, de mandões ambiciosos e arrogantes, de homens semi-deuses, de monos divinizados.

Procurámos conhecer a obra na letra e no significado ; o obreiro no seu espírito, na vontade e no esforço. Tudo isso nos atraiu, suggestionou e venceu. E, à medida que prosseguíamos na realiza-

ção deste propósito, coligimos apontamentos que formam a urdidura deste estudo, agora dado a público, para assim cooperar na divulgação da sua mensagem.

*

* *

Antiguidade do manuscrito.—O livro de Amós está catalogado como trigésimo entre os que compõem o Antigo Testamento. Mas teria sido o décimo terceiro no conjunto da Bíblia hebraica, cuja canonização levou séculos a elaborar e que foi feita em quatro períodos sucessivos — um para os manuscritos da Lei, outro para os Profetas, um posterior para os Salmos e mais livros poéticos, um último para Daniel, Esdras e Crônicas.

Quando os hebreus procediam à compilação e escolha dos textos sagrados, entenderam reunir num só volume vários rolos de autores diferentes, a que deram o nome de Profetas Menores. Esta selecção fora feita sem desprimor pela importância de cada

um, tendo apenas em vista o seu tamanho que, comparado com os de Isaías, Jeremias, Ezequiel, eram em verdade pequenos.

No entanto, o critério seguido por esses sábios colecionadores, que tão excelente serviço prestaram à humanidade, foi prudente e feliz, porquanto salvaram do esquecimento, talvez da destruição, esses doze preciosos documentos que hoje são obras de valor inestimável. E como oito desses rolos não vão além de quatro capítulos cada um, tendo Obadias apenas 21 versículos e Ageu 38, os organizadores do cânone hebraico apresentaram-nos em grupo no fim da lista dos últimos profetas. E assim foram conservados durante muito tempo.

Mas, à medida que esses pequenos manuscritos iam sendo estudados, a sua importância crescia e o seu valor intrínseco revelava-se. Cada um começou a reclamar individualidade própria, impondo-se entre os outros com menção especial do seu autor. E assim, em versões posteriores, feitas do hebreu

para grego e latim, o grupo único dos Profetas Menores desdobrou-se com nome e lugar à parte entre os 66 livros do conjunto bíblico. Amós é, portanto, o trigésimo volume nessa biblioteca divina.

Investigações recentes, levadas a cabo em monumentos arqueológicos, têm lançado luz sobre factos da história, permitindo relacioná-los com outros, estabelecer-lhes datas cada vez mais aproximadas. Assim, alguns episódios dos reinados de Uzias e de Jerobão II apontam para o ano 763 como sendo o do grande terramoto que abalou a Palestina, ao qual o profeta faz referência no começo da sua mensagem.

Com a ajuda desta ligeira referência é possível indicar o ano 760 a. C. como aquele em que Amós teria escrito a sua obra, portanto no meio de duas épocas que marcam extraordinários acontecimentos da antiguidade — a saída dos israelitas do Egipto sob o comando de Moisés e a encarnação do Verbo que abriu caminho às civilizações cristãs. À volta

do primeiro gira toda a história do Antigo Testamento; em torno do segundo consolidam-se as bases dos tempos modernos.

Dentro dos nove capítulos em que a mensagem se desenvolve, surgem verdades pouco conhecidas naquele tempo que o profeta tornou claras e profundas, que foram repetidas por outros escritores sacros como actualizadas e necessárias. Por fim, a promessa da restauração de Israel, na última parte do livro, que alguns críticos pretendem excluir do texto original é, talvez, a coroa de glória de obra tão excelente. Embora essa conclusão pareça estar deslocada no texto, mostra a confiança do autor no futuro de Israel.

*

* *

O assunto deste trabalho não constitui novidade. Em matéria de interpretação bíblica já não há segredos a desvendar. Tudo tem sido previsto, considerado, discutido em hipótese, em teoria, em

revelação confirmada, embora não suceda o mesmo no campo da história. Por isso as ideias que se apresentam como novas são apenas modalidades de outras que passaram a ser velhas. De ordinário repete-se aquilo que já foi dito. Mas o assunto é de molde a exercitar a imaginação e a inteligência. Acresce ainda, ser bom repetir o que é importante para não deixar esquecer, para manter o fogo em chama, para encorajar outros a empreender de novo.

No entanto, aqueles que se interessam por assuntos históricos encontrarão neste estudo algum auxílio para conhecer melhor o ambiente religioso e social duma época distante.

Sob o ponto de vista cronológico, indicamos datas que não são as mais seguidas por escritores contemporâneos, mas que se afiguram muito aproximadas dos acontecimentos e de harmonia com as referências feitas nos livros de Crônicas e Reis. Essas datas foram elaboradas em face de modernos

trabalhos de investigação arqueológica e científica recentemente publicados, os quais procuram corrigir e esclarecer factos que eram aceites apenas em teoria. Algumas delas são universalmente admitidas como exactas; outras continuarão a ser objecto de discussão até que surjam razões que as modifiquem ou comprovem.

Encontrarão também uma análise circunstanciada da maneira de ser do profeta e uma interpretação pessoal de algumas passagens da sua obra que ajudarão a compreender a beleza moral da sua alma, a influência que os seus colóquios espirituais tiveram na geração do seu tempo e como os seus ensinamentos enquadram ainda na maneira de ser moral dos nossos dias.

O AUTOR.

AO LONGO DOS SÉCULOS

O livro do profeta Amós pertence à literatura arcaica do Antigo Testamento e fica a mais de metade da distância que separa no tempo dois grandes acontecimentos — um foi o êxodo israelita do Egipto ; outro foi o aparecimento de Cristo, que deu lugar a uma nova era. Não admira, pois, que pouco se possa dizer sobre a biografia do seu autor.

Acresce ainda que a história da antiguidade oriental está pouco mais do que começada. Há uma grande nebulosa de incerteza, com muitas lacunas de completo desconhecimento, em volta dessa época importante na vida da humanidade. Pouco se sabe acerca do que se tenha passado para além do ano dois mil. Esta data é, sem dúvida, remota, mas para além dela está o começo de importantes civilizações como foram a babilónica, a assíria, a fenícia, a egípcia, acerca das quais tantos problemas se arrastam, através dos tempos, sem solução. A hebraica, a grega e a romana, vieram depois,

Estudos recentes baseados na Bíblia, e auxiliados pela Arqueologia, como ciência de grandes recursos, têm procurado avançar para além do ano dois mil antes de Cristo. Mas o que se tem conseguido descobrir é bem pouco. A tarefa de reconstituir o passado distante é tão difícil de realizar quanto extenso é o campo aberto à investigação. No entanto, a essas duas grandes fontes de informação — a Bíblia e a Arqueologia — se deve a maior parte do trabalho feito por equipas de sábios, de curiosos, de amantes de velharias, em dispendiosas aventuras.

Pode dizer-se que a Bíblia e a Arqueologia caminham de mãos dadas, como irmãs instruídas no conhecimento do passado — uma divinamente revelada, outra habilidosamente construída, e ambas empenhadas em guiar o homem pelo caminho da verdade.

Uma recordando episódios, mencionando nomes de indivíduos e de lugares que ninguém sabia quem eram e onde ficavam ; outra guiando a pá e a picareta do cavador, empenhado em remexer entulhos, para retirar deles restos defuntos, que ainda falam com eloquência acerca daquilo que foram e das pessoas que os utilizaram. E assim, ambas vão contribuindo para arrancar do esquecimento alguma coisa das civilizações desaparecidas.

Contudo, essas duas fontes de informação, hoje indispensáveis àqueles que se interessam por assuntos da pré-história, estiveram por muito tempo esquecidas, quase ignoradas. A Bíblia, que chegou a ser mal compreendida por filósofos e lida sob reserva por investigadores, tem conquistado o lugar que lhe pertence no seio das literaturas e vai impondo a sua autoridade na mente contemporânea. Contém documentos, hoje reputados dos mais antigos que a humanidade conhece, informações preciosas que todos devem saber.

O valor desse livro, que esteve sonegado ao público durante séculos, ultrapassa tudo quanto se tem dito e escrito sobre ele. Tem conduzido o estudioso e o sábio a maravilhosas descobertas no campo da história, da teologia, da investigação científica. E o seu testemunho permanece fiel, apesar de tanta celeuma levantada em volta dele por ignorância, por paixões desencontradas, pela crítica.

Tão acirrada foi a luta travada em seu redor, tão acesas foram as controvérsias levantadas, que não há passagem alguma dentro dessa biblioteca que possa dizer-se esquecida pelos comentadores, por exegetas, teólogos, filósofos, por os rebuscadores da verdade. Nenhum outro livro tem preocupado mais o homem. Hoje contam-se por milhões os volumes escritos acerca dele — tratados, mono-

grafias, compêndios, roteiros, biografias, dicionários, sermões, poemas, comentários, romances, folhetos, etc., que enchem bibliotecas públicas e particulares.

Por isso, não será ocioso perguntar : Por que razão um só volume, composto de sessenta e seis livros, tem preocupado tantas inteligências cultas, tantas pessoas de nome ilustre, tantas mentalidades que fazem parte da constelação dos inspirados ? Certamente porque é único no seu género, a obra mais excelente e extraordinária que jamais se conheceu. Descreve experiências do homem iluminado e superiormente dirigido. Expõe problemas que se relacionam com dois mundos. Entra no vastíssimo domínio do insondável e do eterno, cujas fronteiras recuam até o incompreensível.

A Arqueologia, por sua vez, foi subtraída ao domínio do desconhecido. Este ramo da ciência que, há cem anos atrás, era um passatempo de amadores, tida como curiosidade de museu ao serviço de raros coleccionadores de coisas velhas, veio para o ar livre dos montes e dos desertos, organizada e definida, a instigar a perícia dos entendidos, disposta a revelar tesouros, a exercitar a inteligência dos filólogos e paleontólogos na decifração de enigmas que constituíam mistério.

E assim vão sendo desenterrados vestígios

fósseis de plantas e de animais que viveram em épocas primitivas, estruturas de pedra e de tijolo escondidos no sub-solo, monumentos majestosos que o tempo guardava longe da vista, tais como palácios, templos, jazigos, esculturas, jardins, pirâmides, ruas, cidades inteiras, restos de civilizações que passaram, que tiveram a sua época de esplendor e de decadência.

O primeiro Instituto de Arqueologia fundado em Boston, nos Estados Unidos da América, data de 1879. Vieram depois várias escolas da especialidade, criadas em Washington, em Roma, em Atenas, em Londres, subsidiadas por iniciativa particular, por dádivas generosas, com recursos financeiros para explorar terrenos, para remover montes de areia, de pedregulho, de lama, que ocultam recordações de alto valor científico.

A maior actividade em escavações com objectivo arqueológico data de 1828, quando os pesquisadores de relíquias da antiguidade oriental voltaram as suas atenções e esforços para o solo da velha Mesopotâmia, da Assíria, da Palestina e do Egipto, berço de primitivas civilizações. E quantos fragmentos de utensílios caseiros têm sido encontrados, que dão testemunho da cultura e do viver dos povos que habitaram essas paragens!

Desde a descoberta de túmulos reais em

Sakkara, próximo do Cairo, de Tutankamon, ao sul de Assiute, do palácio de Ramsés III, em Luxor, em grande parte devida à perícia de dois celebrados arqueólogos ingleses, Lorde Carnarvon e Howard Carter, até às mais recentes expedições universitárias para investigação e pesquisa em diferentes pontos da Palestina, nas cidades desaparecidas entre o Tigre e o Eufrates; desde o encontro de fósseis humanos em Canossa, na Itália, de sarcófagos de bronze, estatuetas e moedas em Atenas e em Creta, até aos recentes achados de documentos escritos em cavernas do Mar Morto, que variedade de informação para estudo desses tempos longínquos, onde só por tentativas se vai entrando com firmeza, em espírito, a fim de reconstituir a maneira de viver desses povos.

Graças ao esforço e sacrifício de poucos, à cooperação e incitamento de muitos, tem sido possível fazer ressuscitar de cinzas apagadas, a alma colectiva de gerações extintas, com a sua arte, a sua crença, os seus processos de trabalho; tem sido possível determinar limites geográficos e políticos de estados, reinos, nações e impérios desaparecidos.

Esse entusiasmo quase religioso do homem de hoje para conhecer melhor o seu semelhante de ontem, com as suas alegrias, as suas lutas e tristezas, tem ocasionado vitórias no campo da

história, e dele dependerá muito daquilo que se espera no sentido de lançar luz sobre as sombras do passado. Ele continuará a manter acesa a chama da fé, a alimentar a esperança dos sábios em novas descobertas, que alargarão mais e mais o conhecimento dos povos primitivos.

*

* *

Ainda não começou a ser escrito o capítulo mais extenso da história da antiguidade. Há povos, raças e nações completamente ignoradas, portanto, esquecidas. Para conhecê-las, não basta um nome nem a certeza de terem existido.

É forçoso dizer que a história das civilizações primitivas está longe de ser completa, e muito do que tem sido escrito e ensinado sobre ela terá de ser refundido e alterado. Não se trata, é claro, de negar o valor do que se tem conseguido levar a efeito, nem de demolir aquilo que tem sido construído com sacrifício. Trata-se, sim, de aprofundar a investigação, de ampliar o conhecimento, de limar arestas, de definir limites, de desfazer teorias, alargando o horizonte da verdade. Há pontos obscuros que carecem de ser esclarecidos e só poderão sê-lo com novas revelações futuras.

E assim como as versões bíblicas que possuí-

mos, por mais perfeitas que pareçam, estão sujeitas a ser revisadas e corrigidas quanto à maneira de exprimir o pensamento, também a interpretação histórica de alguns acontecimentos que elas enunciam terá de ser modificada, sem que isso altere a essência dos ensinamentos que proclamam.

Que se sabe hoje, além de resumidas informações bíblicas, dos povos que viveram antes do Dilúvio? Que pode afirmar-se acerca dessas gerações, das terras por onde andaram, das ocupações que tiveram, das suas vitórias e tribulações? Que se sabe hoje desses tempos mitológicos pós-diluvianos, anteriores à dinastia de Ur, na Caldeia? Que se poderá contar de positivo acerca dos sumerianos de Uruk e Eridu, de outros povos primitivos que ocuparam a fertilíssima planura entre os rios Tigre e Eufrates? Que se pode dizer dessas civilizações de outrora, a dos hititas que dominaram na Ásia Menor, a dos hindus na parte oriental do mesmo continente, a dos incas na América do Sul?

Até mesmo em épocas mais recentes, no tempo dos grandes impérios do Egipto, da Babilónia, da Assíria, cujos acontecimentos nos parecem mais vizinhos, quantos saltos tem de dar o estudioso sobre lacunas da história, algumas delas profundas como abismos, porque faltam dados, escasseiam documentos, que só podem ser preenchidos com lendas e suposições!

Na história do Egipto há dinastias com mais de trinta monarcas, cujos nomes são totalmente ignorados, e outros pouco certos. Nas da Babilónia e da Assíria há factos esquecidos, narrações incompletas, datas confusas, episódios sobre os quais o investigador tem de passar a correr, como gato por cima de brasas, por falta de provas, de detalhes, de circunstâncias accessórias.

A própria Bíblia menciona tribos, raças, gerações, acerca das quais pouco ou nada se sabe, tais como amorreus, gírgasseus, amonitas, heveus, edumeus, fereseus e tantos outros que foram senhores da Palestina. A não ser um ou outro episódio da sua história, separado do seu todo, um combate, uma chacina, uma invasão, uma fuga, que poderá contar-se sobre a sua existência? Amós cita na sua obra os reinos da Síria, da Fenícia, da Filistina, de Edon, de Moab, como exemplos de transgressão da lei moral e da vontade divina. Esses reinos, mais ou menos duradoiros, tiveram os seus monarcas, os seus hábitos, as suas tradições. Como reconstituir a sua cultura, a sua arte, a sua maneira de ser?

Estamos, em verdade, muito atrasados no processo de compilar materiais que permitam conhecer melhor as civilizações da antiguidade bíblica. Alguma coisa do que se tem feito deve-se ao esforço de iniciativas particulares. A paleontologia e a

paleografia, como ciências organizadas, são relativamente recentes. A geologia e a arqueologia vão avançando a passo de tartaruga. Tudo isto torna difícil a missão do historiador.

No entanto, alguma coisa se vai realizando do muito que há para fazer. Muito se deve já, neste sentido, ao esforço de arqueólogos investigadores que têm feito do estudo do passado um autêntico ministério. Isto prova que nem tudo aquilo que jaz esquecido é mortal e passageiro. Muitos desses vestígios de gerações que o tempo apagou serão ainda ressuscitados entre as cinzas que deixaram. O interesse não afrouxa nem o entusiasmo definha. O abençoado contágio da curiosidade vai-se propagando por toda a parte. Em muitas nações se remexem entulhos para tirar deles fragmentos de loiça, de pedra, de tijolo, que dêem testemunho daquilo que foram noutras eras.

Regiões que eram ermo, tractos abandonados e incultos foram cavados a alguns metros de profundidade e mostraram nas suas entranhas edifícios desmantelados, cidades que foram destruídas, que são agora escolas e museus ao ar livre, centros de cultura e de turismo onde a curiosidade se deleita, onde o estudioso conjectura e medita. Nas encostas dos montes têm-se aberto trincheiras para desventrar a terra e tirar dela ruínas que falam dos tempos idos. Morros de areia têm sido remo-

vidos, poços e lagos vão sendo dragados, até o leito dos mares está prestes a ser desvendado. E o trabalho prossegue.

No Egipto, na Arábia, na Palestina, noutros países do Oriente, da Europa e das Américas, o solo é perfurado, remexido, peneirado, em busca de bagatelas preciosas de informação, que ajudem a lançar luz sobre o passado das gerações defuntas. E quantas surpresas surgirão ainda! O homem não pára. Avança, dia após dia, para a conquista do mundo desconhecido, firme no seu propósito de afastar as sombras que lhe estorvam o caminho, movido pela ansiedade de possuir segredos entesourados. E conseguirá dar satisfação ao seu intento. Bastam-lhe para isso três virtudes — a fé, a coragem, a persistência.

*
* *
*

Entre a época do Dilúvio e a dos grandes impérios da Ásia e do Egipto viveram gerações que hoje não têm história, porque desapareceram sem cronista que imortalizasse os seus feitos, sem cantor que transmitisse à posteridade os seus triunfos e alegrias. Por onde elas passaram, ficou apenas o rasto dos seus recontros em luta, assinalado por espólios de conquista e por destroços de derrota. Sob esses escombros jazem marcas evi-

dentos do que elas foram e fizeram. São esses vestígios que dão conta dos aglomerados humanos que ali existiram, de povos que apascentaram rebanhos, cultivaram a terra, domesticaram animais, construíram abrigos, formaram reinos.

São esses restos que falam hoje a dar testemunho dos seus hábitos domésticos, das suas crenças, das suas lutas contra a fome, contra a doença, contra os elementos da natureza. Foi isto que eles deixaram para sua identificação futura. E é este o campo imenso da Arqueologia, o terreno fértil das hipóteses, das suposições, das teorias, que pouco a pouco está sendo explorado.

Em nenhum outro período da história, o homem se tem preocupado tanto com o passado como nos últimos cem anos, certamente movido pelo desejo de conhecer melhor as experiências que tiveram os seus avós, estimulado pela necessidade de saber até onde ia a sua fé, a sua cultura, o progresso da sua arte, do seu trabalho em comum. Talvez porque isso ainda permanece encoberto aos olhos de quem estuda, tem sido exageradamente enriquecido o património cultural de alguns povos, em detrimento de outros que os antecederam. Cremos que assim tenha acontecido com a cultura greco-romana.

Não há dúvida que esta civilização se impôs

no mundo por grandes conquistas no domínio das artes e do pensamento, sobretudo na legislação, na filosofia, na literatura. Mas o que está ainda por apurar é o quanto essa civilização herdou do passado, aquilo que inventou ou simplesmente aperfeiçoou, qual o crédito realmente merecido pelo génio e pelo engenho dos seus homens ilustres. É provável que algumas das flores que enfeitam o andor dessa prodigiosa civilização ocidental tivessem nascido no solo bem fértil do Médio Oriente.

Escavações effectuadas recentemente em alguns pontos da antiga Mesopotâmia, da Ásia Menor, do México, etc., dão testemunho de elevada cultura, e provam que essas regiões foram habitadas por povos com conhecimentos literários e técnicos muito além daquilo que se tem pensado, e que a sua arte de construir edifícios, o seu engenho na escultura e na pintura suportam confronto favorável com épocas posteriores. Isto indica que a humanidade não dá saltos; que o progresso da habilidade e do saber tem a sua lógica sequênciã; que o hebreu e o siríaco ainda têm muito para contar.

QUEM ERA AMÓS ?

O profeta diz na sua mensagem ser natural de Tecoa e contado entre os seus pastores. Era, portanto, de uma povoação ao sul da Palestina que ficava a poucas milhas de Belém, a antiga Bethlehem.

Estava situada na encosta de um monte, à entrada de um deserto que tem o mesmo nome (1) e se estende para oriente, próximo do Mar Morto. Era um aglomerado de certa importância no século X, por quanto Roboão a fez incluir no número das quinze cidades transformadas em fortalezas para defender o seu reino, quando este ficou separado do de Israel, por causa da revolta das tribos, após a morte de Salomão (2).

Como cidade interior, no coração de Judá, sem facilidades naturais de saída para o mar, nunca chegou a desenvolver-se como outras do litoral no decorrer de sua longa história. No entanto, o povo

(1) II Cr. 20:20 (2) Idem 11:5-10.

de Tecoa era activo e dotado de sentimento patriótico, como afirma Neemias (1), que louva os tecoenses pela sua atitude cooperadora na reconstrução das muralhas de Jerusalém, comprometendo-se a auxiliar as despesas da obra, enquanto muitos nobres se conservavam desinteressados para não suportar qualquer espécie de sacrifício.

Foi pois em Tecoa que Amós passou a sua infância e juventude, iniciou uma profissão rural, começou a mostrar-se interessado em assuntos espirituais e a ouvir a voz interior que o chamava para uma grande missão.

Nada se sabe acerca da data do nascimento do profeta, nem dos pais, nem da família, nem do tempo em que podou sicômoros, nem da idade que tinha quando foi para Betel como mensageiro. Era «boieiro», isto é, cuidava de gado; era «pastor» e cuidava da terra, semeando, plantando e colhendo, a salário de outros ou por conta própria.

Era, portanto, um homem do campo, filho de gente humilde, certamente crente em Jeová, frequentador do templo de Jerusalém, sem meios de fortuna. Não tinha títulos de nobreza nem recursos económicos que lhe proporcionassem vantagens. É como não tinha possibilidade de frequentar escolas e

(1) Neemias 3:5.

pagar instrução que ficava cara, ninguém esperava que ele chegasse a ser um dos homens conhecidos e talentosos do seu tempo. A vida espiritual tem destas anomalias.

Amós marcou um lugar à parte na história de Israel. Conquistou pela fé e pela inteligência um nome célebre entre os sábios da antiguidade. Soube elevar-se no conceito dos outros, lutando; soube vencer dificuldades que teimavam em estorvar-lhe a vocação e espalhar confiança em redor de si. Custa a crer como ele, tendo nascido numa classe tão desprovida de meios, tivesse encontrado oportunidade para adquirir conhecimentos geográficos, históricos, e teológicos, tão vastos e completos, como revela na sua mensagem. Só uma pessoa dotada de muita inteligência, com espírito observador e persistente força de vontade, poderia suprir com êxito, em idade já madura, a falta de instrução que lhe negara a mocidade.

Da leitura do seu livro depreende-se que o autor viajara por cidades distantes fora de Judá. Percorrera os dois reinos israelitas até à Fenícia, Damasco, provavelmente até ao Egipto. Conhecera povos diferentes dentro e fora da Palestina. Familiarizara-se com a sua maneira de ser, os seus costumes e com muitos dos seus problemas. Convivera de perto com eles, assistindo a festas religiosas, a reuniões públicas, a palestras, a passa-

tempos de gente abastada. Conversara com pessoas de influência e do povo, interrogando, inquirindo, coleccionando informações.

A sua habilidade para assimilar aquilo que via e ouvia, através de muitas experiências, conseguiu-lhe tal soma de conhecimentos que só uma pessoa bem preparada podia ter.

*

* *

Os documentos bíblicos pouco dizem acerca da vida de Amós, e tudo quanto se afirma além do que eles relatam é apenas dedução mais ou menos atilada de quem escreve. Contudo, muito se pode inferir do contexto desses documentos, do estudo de acontecimentos coevos, do confronto de episódios e de situações idênticas. Dá-se com o profeta aquilo que é comum a muitas outras figuras importantes do passado, acerca das quais escasseiam informações e que são objecto de porfiado estudo.

Façamos pois algumas deduções do pouco que afirmam as Escrituras.

A mocidade no campo. — É fácil concluir que os pais do profeta eram pobres e não puderam abrir ao filho o caminho de outra profissão além de pastor de gado.

Cuidar do rebanho era ocupação humilde, mas decente, entre o povo israelita. As famílias que cultivavam a terra tinham gado e alguém era incumbido de cuidar dele. A esse mister se dedicavam os jovens considerados menos hábeis, como no caso de David, que era o mais novo e também o mais franzino dos irmãos na casa de Jessé. Os filhos varões mais robustos e mais ágeis dedicavam-se à guerra e eram escolhidos para soldados. Era motivo de orgulho ser escolhido para o serviço do rei.

É de crer que, se os pais de Amós tivessem recursos materiais para pagar a mestres e permitir que o filho se instruisse, teriam feito dele um encarregado público ou um sacerdote. Tanto mais isto era de esperar quanto é certo que a inclinação do jovem para as coisas espirituais se manifestou sendo ainda muito novo.

Sabe-se que Elias tinha fundado uma escola de profetas nas fraldas do monte Carmelo; que essa escola teve nome e fora frequentada durante muito tempo. Mas seria franqueada aos alunos que pudessem contribuir para o seu próprio sustento. Amós não o pôde fazer, embora no íntimo do seu coração ardesse como chama um desejo de ser usado no serviço de Jeová, de auxiliar espiritualmente a sociedade do seu tempo. E esta ansiedade jamais deixou de acompanhá-lo. Era ainda jovem.

Negociante e viajero. — Amós foi conjuntamente homem do campo e pastor. Hábil como era, e votado ao trabalho, teria escolhido a situação que lhe oferecesse rendimento mais compensador. Ter rebanho era sinónimo de viver bem. Os príncipes e monarcas eram proprietários, tinham gado em barda e criados para cuidar dele (1). Quando um exército invadia nação alheia e conquistava a terra, os vencidos eram forçados a pagar tributo em oiro, prata, em milhares de cabeças de gado. Por isso, os reis se faziam negociantes.

Ora, Amós conhecia bem o rumo dos ventos, sabia escolher o que mais convinha ao seu génio empreendedor. Dedicou-se a criar gado, a multiplicar as cabeças do seu rebanho e prosperou em bens. Isto o levou a alargar a sua esfera de actividade, a trocar e vender produtos congéneres, lã, peles e reses, a princípio em pouca quantidade, depois em grande escala. Teve de sair da sua cidade, da província, do país, e viajar.

Fez-se negociante. Comprou, trocou, vendeu. Tornou-se conhecido, mestre no seu mister e procurado. Tratou com homens abastados, com nobres enriquecidos, com monarcas e seus curadores. E como era hábil, lançado na vida, orientado por normas de boa conduta moral, granjeou estimas,

(1) II Cr. 35:7-9.

e tornou-se também senhor de recursos. Foi então que ele procurou remediar aquilo que tinha faltado na sua mocidade.

Vocacionado de infância. — Se Amós não tivesse saído da sua terra, não teria conseguido instruir-se nem preparar-se para a obra que lhe estava reservada. Naquele tempo as escolas eram poucas, os rolos manuscritos eram raros, os mestres habitavam nos grandes centros e pagavam-se bem. Só as pessoas ricas possuíam manuscritos e podiam ter copistas ao seu serviço. Não havia jornais nem inventos que facilitassem a propagação das ideias como nas sociedades modernas. A instrução era dispendiosa e a cultura em grau elevado era ainda mais cara.

Amós conseguiu remover todos esses entraves viajando, convivendo e observando. Relacionou-se com mestres, com sacerdotes, com burocratas, com caravaneiros que transportavam mercadorias e notícias do estrangeiro.

Foi nesses contactos, entre povos de diversas tribos e raças, que ele tomou conhecimento de problemas sociais, do desprezo a que eram votados os pobres e os escravos, da maneira como eram explorados e oprimidos, a avareza e o egoísmo que corroíam a alma dos ricos e dos poderosos, a arro-

gância dos que se entretinham a sustentar vícios e a exhibir vaidades.

Esta disparidade de situações entre pessoas da mesma raça, coexistindo sobre o mesmo território, fazendo parte do mesmo aglomerado populacional, mas separados uns dos outros no ideal, distanciados no sentimento, impressionou de tal modo o coração do futuro profeta, que apressou a sua resolução de abandonar o negócio para assumir a defesa dos fracos e dos humildes. No decorrer de cada existência há episódios que ficam gravados para sempre na memória e não se deixam esquecer. Isto aconteceu com Amós.

A sua mensagem é o clamor da razão contra tantas injustiças que ofendem o bom senso e roubam a confiança. A sua revolta contra tudo o que é maldade, ficou para sempre patente a todas as gerações. São expressões que o tempo não apaga. As suas palavras são, por vezes, cáusticas e penetrantes como gume de espada, porque põem a claro erros e subterfúgios que rebaixam o coração humano.

Amós não censura os ricos por terem muito, nem exalta os pobres por nada terem, porquanto a pobreza não é sinónimo de virtude. Reprova a atitude de todos aqueles que, na sua condição, não usam de caridade e de prudência. Os poderosos

pelo mau uso que fazem dos seus recursos ; o usurário pela cobiça que o cega e lhe rouba a alegria de fazer bem ; os endinheirados porque dissipam em prazeres e vaidades aquilo que lhes é supérfluo. Deplora, acima de tudo, os que se afastam dos princípios irrevogáveis da lei moral e fecham os olhos às verdades da lei divina.

Mensageiro e profeta. — É de crer que a voz de Deus tivesse começado muito cedo a fazer-se ouvir no espírito de Amós. Guiava-o, fortalecia-lhe a fé, inspirava-lhe confiança.

Tecoa ficava a pequena distância de Jerusalém, a cerca de duas horas de viagem no tempo em que toda a gente andava a pé. Jerusalém era o centro religioso por excelência em todo o reino de Judá. Os pais de Amós frequentavam as cerimónias religiosas do culto moisaico e levariam com eles o filho, ainda criança. Foi lá, sem dúvida, que o futuro profeta sentiu inclinação para as coisas divinas.

Foi crescendo no corpo e na inteligência. A par destes, crescia também o desejo de servir, uma compreensão mais clara da vida espiritual, embora fosse noutra direcção que a sorte o impelia. E isto certamente o contristava.

Não levou muito tempo a convencer-se que o ser religioso não exigia ser sacerdote nem profeta. Exigia sim, uma consciência honesta, ter plena confiança no poder divino e viver dentro de normas sãs. E estas coisas dependiam da sua vontade, podiam realizar-se mediante o seu propósito.

Por isso jamais deixou de caminhar na direcção desse rumo. E Deus o abençoou. O seu espírito tornou-se sábio e recto. A voz que lhe falava, revelou-se mais eloquente. A luz que o cercava, fez-se mais intensa. Ouviu e observou para transmitir ao mundo a certeza de grandes verdades.

AMBIENTE CULTURAL E RELIGIOSO NO SÉCULO VIII a. C.

**Aprendizagem — Meios de comunicação —
Problemas do espírito**

O mundo em que Amós viveu era muito limitado. Pode dizer-se que tinha pouca semelhança com o nosso. Compunha-se dos dois continentes que formam a Eurásia e da parte setentrional da África. Ainda não eram conhecidas as três Américas, a Austrália, as vastas regiões dos polos ártico e antárctico, nem a maior parte das ilhas espalhadas pelos grandes oceanos. Ninguém tinha navegado sobre as salsas ondas do Atlântico sul e do Pacífico austral.

Naquele tempo, os centros de actividade humana achavam-se agrupados em zonas marginaes dos países que cercam a bacia do Mediterrâneo, à volta dos golfos e enseadas alimentadas por ele. Havia núcleos coloniais em redor de três grandes lagos interiores com o nome de mares — o Vermelho e o Negro que tiram o seu nome da cor

das areias que lhes servem de leito ; o Adriático, assim chamado, por ter servido de aio à próspera Ádria, cidade buliçosa na embocadura do rio Pó.

Era ali, no extenso litoral do Mediterrâneo, que se acolhiam povos de várias raças e tribos, que se reuniam pescadores e negociantes, entregues aos afazeres da pesca e à troca de produtos da terra ou da pequena indústria. O mar auxiliava-os na faina de transportar mercadorias para o comércio, gado para os campos, tropas e munições para invasão e conquista. Servia de barreira para separá-los e de ponte para uni-los.

Sobre a água desses mares moviam-se barcos à vela e a remo, cruzavam-se canoas e bergantins, sulcavam as ondas com variados rumos as galeotas, brigues e galeras. Alguns burgos tornaram-se cidades, os pequenos estados fizeram-se reinos, nações constituíram-se em impérios. Desenvolveram-se riquezas, levantaram-se edifícios, festejaram-se vitórias, incubaram civilizações.

O século oitavo antes de Cristo não conheceu estradas engenhosamente construídas nem escolas organizadas. Faltaram-lhe estes dois recursos do progresso que ajudam o homem a marchar — um para a vida nas suas múltiplas relações sociais ; outro para o conhecimento especializado nas suas diversas modalidades. As primeiras estradas reais

surgiram no trilho das caravanas que andavam de região em região e, à medida que esses caminhos estreitos se tornaram conhecidos, foram-se alargando também conforme a necessidade de passagem para soldados e povos em multidão. É de crer que fosse ainda muito acanhado e pedregoso o caminho pisado pelos israelitas na sua viagem para o cativoiro.

A par disto, a indumentária era simples, de fabrico manual e de tintura caseira. A túnica, a capa, o turbante, as sandálias eram comuns a ricos e a pobres. A diferença consistia nos adornos e na qualidade da matéria prima. Os ricos usavam linho e seda, púrpura e brocado, por vezes guarnecidos a ouro e a prata. Os pobres, na maior parte, cobriam o corpo com peles de carneiro ou de cabra, panos de lã, de estopa, de saco, e andavam descalços. Ao lado de amplos aposentos iluminados por archotes e candeias, havia casebres sem janelas, tugúrios, cabanas e cavernas, onde se acolhiam os menos bafejados da sorte.

*

* *

A época de Amós foi pouco favorecida pelo talento inventivo. O material de escrita era escasso. O papiro, que foi uma das grandes invenções da antiguidade, era ainda pouco conhecido. Esse pro-

duto da terra, comercialmente industrializado para servir o homem, não havia atingido aquele grau de utilidade que veio a ter depois. Mas o processo de prepará-lo propagou-se depressa a algumas nações, que fizeram dele monopólio e se tornaram prósperas e ricas. Foram postas de lado as tábuas recamadas de cera e o estilete aguçado, para gravar traços e letras sobre tijolos amolecidos, foi substituído pelo cálamo, o antecessor da pena de pato que perdurou até os nossos dias. Sobre o papiro entrelaçado, comprimido e macio, começou a usar-se tinta extraída de cascas de fruto, de bagas corantes, de folhas e de flores em infusão. A arte do gravador cedeu lugar à do copista, limitada em princípio a poucos que sabiam ler, e esta recrutou adeptos especializados, tornou-se profissão de muitos.

As escolas eram raras e consideradas privilégio de poucos. Os centros de cultura estavam ligados à instrução religiosa no templo de Jerusalém e nos santuários do paganismo. Mais tarde, cederam o seu lugar às sinagogas. Havia mestres itinerantes que andavam pelas casas, reuniam poucos alunos e cobravam caro. Devido a isso, a grande massa do povo era iletrada, ignorante em assuntos literários. Como o material de escrita era escasso, rolos para ensinar, só os tinham os templos, as repartições públicas, os grupos religiosos, monarcas, príncipes, argentários. À medida que os trabalhos

didáticos se desenvolviam, a indústria do papiro crescia e os rolos escritos multiplicavam-se. Havia-os de todos os tamanhos e alguns com mais de vinte palmos de comprimento.

Mais tarde, os rolos foram suplantados pelos códices de pergaminho, com folhas paralelas ligadas umas às outras por fitas. A arte de desenhar deu a sua contribuição para fazer códices preciosos. As letras capitais deram em ser ornadas a primor, coloridas, formando iluminuras em filigranas.

Acresce a tudo isto a falta de recursos entre a gente pobre, de mestres, de alunos, e de estímulo. Saber ler e escrever era recompensa de poucos. Quando os rolos da Lei circulavam entre o povo, um lia para muitos. Estes correram mundo separados, antes de serem reunidos num só volume. E os judeus tiveram sempre grande respeito por esses livros de Moisés. Ainda hoje os guardam e usam com reverência. São o símbolo das suas glórias passadas, o testemunho eloquente da escolha que Deus fez para Israel ser o seu povo.

Foi certamente sobre esta obra que Amós fez a sua aprendizagem acerca das coisas divinas que tanto preocuparam a sua vida. A Lei era lida e ensinada pelos levitas e o pastor de Tecoá foi um frequentador assíduo do templo de Jerusalém. Lá teria aprendido a ler e conseguido adquirir um rolo

para seu uso. Depois, debruçado sobre esse manuscrito, teria estudado, feito meditações repetidas, orado em preparação espiritual. O facto é que chegou a conhecer detalhadamente todos os livros da Lei, interpretou a sua essência como literato e como teólogo. A sua profecia está cheia de citações do Pentateuco.

É de crer que no tempo de Amós, já os dois rolos de Samuel, os primeiros de Reis e de Crónicas, circulassem de mão em mão entre as pessoas cultas, interessadas em assuntos históricos e religiosos; que Amós se tivesse familiarizado com eles num período da vida em que a sua situação económica era desafogada, quando nas suas frequentes viagens pelo norte e pelo sul se punha em contacto com pessoas de diferentes crenças e misteres. E assim, ouvindo, lendo, conversando, conseguiu atingir um grau de cultura pouco vulgar, firmar ideias pouco comuns acerca da majestade de Deus, das maravilhas da criação, dos privilégios concedidos ao israelita. Deste jeito, por esforço próprio e em comunhão com o Altíssimo, ele orientou a sua vida de tal modo que os eflúvios da graça lhe encheram a alma, iluminaram o caminho e enriqueceram o coração. Na altura devida, a inspiração desceu sobre ele, fortaleceu-lhe o espírito e fez dele um notável profeta.

Por outro lado, o seu conhecimento com sacer-

dotes e escribas teria contribuído para a sua formação religiosa. Zacarias, filho de Joiada, era sacerdote entendido em visões, jovem como ele, eloquente nos seus discursos e consagrado às cerimónias festivas como já tinha sido seu pai. Chegou a ser muito popular em Jerusalém, por causa das suas duras recriminações contra os príncipes de Judá, que se mostravam indiferentes ao culto no templo. Algumas delas circulavam escritas para edificação dos crentes. Amós provavelmente teve conhecimento delas e foi influenciado pelos seus argumentos.

Acresce ainda as experiências de Elias em Sarepta e no Carmelo, e as de Eliseu em Sunem, que eram recentes, muito repetidas e comentadas com admiração. A ressurreição do filho da viúva, a descida miraculosa de fogo para queimar o holocausto, a passagem a seco no rio Jordão, depois a purificação das águas de Jericó, a cozedura de ervas venenosas em tempo de fome, eram assunto de muitas conversas nas cidades e nas aldeias. Não deixariam de ter impressionado a mente de Amós.

As mensagens de Joel, anunciando o «dia do Senhor»; já estavam escritas em rolo; eram lidas e ensinadas. Jonas era um profeta contemporâneo, e Amitai, seu progenitor, era sacerdote muito conhecido em Gathepher, a norte da Nazaré. Amós teria ouvido referências lisongeiras ao seu traba-

lho, talvez falado com ele nas suas viagens pela Galileia. Havia em Jerusalém um outro sacerdote bastante popular chamado Azarias, homem zeloso das prerrogativas levíticas, e que para defendê-las se malquistou com o seu próprio rei, a quem Amós teria falado muitas vezes no templo.

E todos estes contactos com pessoas de posição social, ilustres e cultas, teriam ajudado na preparação literária de Amós, de maneira a suprir a falta de escola e a suplementar o seu esforço de autodidacta. Auxiliariam mesmo a resolver quanto à sua carreira futura que, sem dúvida, foi brilhante.

Pode mesmo dizer-se que a vida do profeta se tornou exemplo de estímulo para muitos. Quando um jovem é honesto, activo, espiritualmente bem orientado, a carência de recursos materiais não é motivo para deitar ao desprezo os impulsos da sua vocação. Amós não teve esses recursos na sua infância, mas soube lutar contra essa falta. E o querer com persistência é vencer. Quando a voz do alto se fez ouvir, a chamá-lo para profeta, já ele estava pronto e preparado para abraçá-la.

ACTIVIDADE DE AMÓS

O profeta e a sua obra só podem ser devidamente apreciados quando se tiver em mente as circunstâncias que o rodearam no seu tempo. Ao ler hoje essa mensagem deslocamo-la da sua época; tiramo-la do meio ambiente em que foi escrita para outro muito diverso ; arrastamo-la através de vinte e oito séculos de civilização para o meio culto e exigente dos nossos dias. Por isso, se descobrem nela deficiências que não tem ; falhas de expressão, de linguística, de sequência das ideias, que apenas redundam em proveito do autor. É como quem agarrasse um indígena de tanga à cinta, de arco a tiracolo ou lança em punho, e o colocasse no centro de um salão ornamentado onde se ostenta a sociedade elegante. Não faltaria quem o acusasse de defeitos, de atraso de inteligência, até mesmo de maneiras. No entanto, reconduzido ao seu verdadeiro ambiente, talvez ele excedesse em virtudes todos os membros da sua tribo.

Para bem se compreender Amós, para admirar o valor da sua obra e o alto significado que ambos atingiram no seu tempo ; para se aquilatar a pre-

ciosa contribuição que têm dado ao desenvolvimento moral e espiritual de gerações, é preciso reintegrá-los na sua época, dentro do cenário que por direito lhes pertence. É preciso conhecer o estado de confusão religiosa, de enfraquecimento político, de illusórias expectativas em que viveram os dois grupos israelitas, na primeira metade do século oitavo a. C., a fim de se avaliar a capacidade intelectual do autor, o seu poder de observação dos homens e das coisas, a sua interpretação da majestade de Deus, a confiança na infalibilidade da justiça divina à frouxa luz dos conhecimentos teológicos daquele tempo.

Só assim se poderá atribuir à sua profecia o valor que ela tem; só assim será permitido contemplar o pastor de gado, o mestre divino, o inspirado vidente, com a grandeza real por ele atingida na literatura, no domínio do pensamento. O profeta aparecerá então revestido de dons que o elevam muito acima do comum; mostrar-se-á aos olhos de quem estuda e medita como um artista da palavra, um sonhador do ideal, um génio mensageiro do bem.

Esse século viu nascer outros profetas, sacerdotes, mestres, levitas e escribas — que deixaram os seus nomes ligados à história — Joel e Jonas que antecederam Amós; Obadias e Oseas, que chegaram depois. O pastor de Tecoá aparece entre eles como um marco a separar duas épocas

— a do triunfo do paganismo e a da sua decadência ; é como um traço de união entre dois grupos de inspirados — os anteriores e os posteriores. Não surpreende mesmo que a sua obra sobreleve outras em profundeza de conceitos, apresente características peculiares que a recomendam no seu mérito, um poder intrínseco de persuasão que se irradia da sua leitura.

Em cada capítulo sobressaem duas notas que impressionam o leitor — uma é a da eloquência que a verdade inspira àqueles que a proclamam ; outra é a da coragem para combater erros que provocam desinteligências e misérias. O profeta é sempre um convencido da verdade. É mais do que isso. É um escolhido e um privilegiado. É um escolhido porque nele se manifesta uma vontade superior ; é um privilegiado porque se faz cantor das glórias de Deus. Assim, ele obedece e entra na luta de ânimo alegre.

É de crer que a voz de Deus tivesse martelado na consciência de Amós antes de ele ter sentido a urgência do mando, e de ter resolvido deixar a sua aldeia, os cuidados do seu negócio, a paz do seu lar, em troca de incertezas na Samaria. Tanto mais que o dedo invisível do Omnipotente apontava-lhe um empreendimento que não atraía ninguém. Betel era um santuário religioso no reino do norte, onde os judeus do sul eram pessoas suspei-

tas e recebidas com reserva. Além disso, Amós estava informado das dissensões políticas entre as duas monarquias, do antagonismo religioso entre frequentadores dos templos de Betel e de Jerusalém, do desacordo entre os reis pagãos e os que se mantinham fiéis ao culto de Jeová.

Acima de tudo, ele sentiu ser Deus quem o chamava e que lhe cumpria obedecer, como outros já tinham feito. Baixou a cabeça em atitude de reverência e, à semelhança de Moisés, disse: Senhor, que queres tu que eu faça? Dali em diante só um objectivo imperava no seu espírito — servir; só um propósito reclamava o concurso da sua inteligência e da sua fé — auxiliar o povo, esclarecê-lo, e... profetizar.

Profetizar! Sim. Expressar por palavras a certeza e a confiança que lhe enchiam o coração; proclamar o amor de Deus à luz das experiências da própria vida. Fazer ver ao mundo o poder que a alma tem sobre a inconstância da matéria, sujeitando interesses, essencialmente passageiros, a outros que são eternos. E Amós profetizou.

Impellido para fora da sua aldeia, afastado das lides da sua profissão, entregou-se de corpo e alma a uma tarefa incomparavelmente maior do que até ali tinha tido no meio da sua parentela, na faina de lidar com o seu gado. Não se deixou seduzir

por passatempos alegres nem por vaidades. Enfrentou o dever sem pensar que o seu nome viria a ser incluído no número de humildes construtores do Reino, dos que souberam edificar o mais extraordinário monumento de Israel — a Igreja primitiva de Jeová, o Deus dos Exércitos.

*

* *

O assunto religioso tem sido um dos mais importantes em todos os períodos da história, e o esforço dos povos para dar-lhe a primazia tem sido mais intenso nuns do que noutros. Como a ideia de Deus está mais ou menos latente no espírito e no coração de todos, daí o interesse quase geral pelas coisas divinas. Aqueles que se mostram alheios a assuntos desta natureza, os desprendidos de preocupação religiosa, podem ser considerados mais como excepção do que como regra. O homem é um animal inteligente e essencialmente propenso a crer no Eterno.

A questão religiosa é quase tão antiga como ele. Foi a sua primeira política. Tem-no acompanhado sempre nas suas lutas e conquistas, nos seus triunfos e reveses, em todas as actividades que determinam estados de civilização.

O homem, criado por Deus e Seu compa-

nheiro nos tempos do Eden, não pode afastar-se do seu Benfeitor senão por ingratidão e rebeldia. Foi o que aconteceu com Adão. E como tudo o que é ruinoso tem seus adeptos, o mau exemplo proliferou.

Na época de Amós, a questão religiosa andava intimamente ligada com a questão política, e assim continuaram unidas por séculos até o aparecimento de Jesus Cristo.

Durante os três reinados que firmaram a monarquia em Israel — Saúl, David, Salomão — a religião prevaleceu sobre a política. Os reis foram ungidos pelos profetas, e estes foram orientados por Deus que, acima de tudo, velava pelo seu povo para auxiliá-lo a construir o seu futuro. Sob essa protecção, a nacionalidade progredia e o povo sentia-se feliz. Mas esta situação não perdurou muito. A decadência política acentuou-se com o enfraquecimento espiritual e este começou ainda no reinado de Salomão. Os germes da discórdia minavam o trono e o altar.

A monarquia do reino unido era teocrática. Deus estava no centro da alma israelita, porque a ideia religiosa preocupava governantes e governados.

Com a revolta das dez tribos, os primeiros

monarcas dos reinos divididos foram Roboão e Jeroboão I. Ambos pretenderam impor a sua autoridade sobre os súbditos e consolidar a posse dos seus domínios territoriais. Para consegui-lo, puseram o assunto religioso ao serviço da sua política, procurando cada um atrair para o seu partido o maior número de adeptos.

Ora o templo de Jerusalém era o mais concorrido em toda a Palestina. A ele afluíam todos os anos grandes romagens de peregrinos que vinham de longe. Estes assistiam às festas e pagavam os seus dízimos. O santuário era majestoso e rico, os sacerdotes elaboravam grandes cerimónias, as receitas eram avultadas. O templo tornara-se o centro religioso e político de Israel.

Acontecia, pois, que o reino de Judá continuava a ser visitado por grandes multidões vindas do norte da Palestina, da Fenícia, da Síria, mesmo da Samaria e de outros países em redor. Isto dava uma certa vantagem ao reino do sul sobre o seu rival, o que descontentava Jeroboão e os seus conselheiros.

Foi então que este monarca fez reparar e embelezar o templo pagão de Betel. Mandou colocar nele um bezerro de ouro, à semelhança daquele que Arão tinha feito no Sinai durante a ausência de Moisés, convidou forasteiros a visitá-lo e proibiu

aos habitantes da Samaria irem a Jerusalém. Extremaram-se assim, e cada vez mais, os dois campos; ao norte a Samaria com o santuário de Betel, ao sul Judá com o templo de Jerusalém.

Em virtude desta separação, grande número de famílias passaram-se para o reino do sul. Mas as lutas continuaram. Ao lado da questão política surgiu a religiosa e ambas caminhavam juntas, de braço dado, auxiliando-se e, por vezes, confundindo-se.

Entretanto, na Samaria, o monarca e os sacerdotes espalhavam entre o povo o gosto pela idolatria, procurando afastá-lo do templo de Jerusalém. Isto fez diminuir o entusiasmo das peregrinações, a assistência aos cultos e festividades em honra de Jeová; decresceram os rendimentos sacerdotais, a casa ficou deserta. Muitos levitas que serviam dentro dela, tiveram de recorrer a outras profissões. A esta triste situação faz referência o autor do segundo livro de Crônicas, em seu capítulo quinze.

Asa, o terceiro monarca do reino de Judá, procurou controlar a situação por meio de reformas, chegando a impor graves penalidades àqueles que se afastassem do culto a Jeová para seguir a idolatria. Foi decretada a pena de morte para os trânsugas, tanto homens como mulheres. Para levar a efeito estas resoluções, o rei fez reunir em magna assembleia os seus conselheiros, os chefes

de governo com o povo, dando a esse acontecimento um carácter religioso. Sacrificaram-se em holocausto milhares de ovelhas, bois e carneiros. O rei falou à multidão e expôs os seus planos que foram aceites com muito regozijo. Diz o cronista (1) que este acto de prepotência político-religiosa, proclamado pelo monarca, fora aplaudido por todo o povo de Judá.

Mas a este esforço de Asa para impedir a propagação do paganismo no seu reino, se levantou outro, em sentido contrário, no reino do norte, esforço de proselitismo idólatra, favorecido por alguns monarcas e que tanta confusão religiosa espalhou entre o povo israelita.

Nos últimos anos do governo de Asa em Judá, subiu ao trono da Samaria um rei monoteísta de nome Acab, casado com uma princesa fenícia fanáticamente pagã, chamada Jesabel, que fez do marido um acérrimo defensor da idolatria. Este monarca não só abraçou a crença da esposa, mas tornou-se perseguidor dos profetas de Jeová e mais fanático do que ela. Ao mesmo tempo que acirrava a luta contra estes, recebia com honras no seu palácio os sacerdotes de Baal, e convidava-os a sentarem-se à mesa com ele. Esta atitude do monarca e da sua consorte foi um golpe

(1) II Cr. 15:13-15.

tremendo no entusiasmo e na fé dos que seguiam o culto conforme a lei do Sinai.

Tanto Asa como Acab tiveram os seus imitadores e a rivalidade entre os dois grupos não afrouxou durante mais de um século. Entretanto, a propaganda pagã era intensa, a fuga de crentes das fileiras de Jeová era constante. A crise religiosa agravou-se e o templo de Jerusalém teve as portas fechadas.

Cerca de sessenta e cinco anos depois, surgiu no tablado político da Samaria um outro monarca, Jeú, soldado de temperamento belicoso, votado à tarefa de destruir tudo que fosse idólatra. Este pôs termo à quarta dinastia e fez valer a sua autoridade após alguns anos de guerra civil. A sua atitude real foi de completa oposição à política religiosa dos monarcas anteriores. Fez exterminar todos os elementos da família de Acab e sacrificou à traição, numa horrível carnificina, sacerdotes e instrutores que frequentavam os altares pagãos. O seu objectivo era eliminar com a morte todos aqueles que se opunham ao culto de Jeová. E estes constituíam grande parte da nação. Em toda a Samaria era relativamente pequeno o número daqueles que permaneciam fiéis à religião dos seus antepassados (1).

(1) I Reis 19:18

Jeú, seguindo uma política de oposição à maioria dos seus súbditos, só pela violência poderia assegurar a posse do trono.

Enquanto isto se passava no reino do norte, a política de Acab era seguida por sua filha Atália, esposa de Acasias, que governou o reino de Judá como soberana viúva, cerca de treze anos após a morte do pai. Durante os seis anos, em que esteve senhora do trono sòzinha, favoreceu os sacerdotes idólatras, com manifesto prejuízo do culto de Jeová. Isto despertou muita antipatia contra ela e preparou o caminho para uma conjura de revoltados que lhe deram morte desprezível.

E assim, por estes poucos exemplos, é fácil avaliar a que estado de confusão religiosa e de política sangrenta chegaram os dois reinos que, durante quase século e meio, fizeram do centro da Palestina um teatro de lutas inglórias.

Não admira, pois, que estes acontecimentos tivessem impressionado a mente de Amós e lhe fizessem antever a decadência moral do seu povo. O conhecimento que ele tinha da história do seu país e a atmosfera carregada de intrigas que se respirava dentro dele, tiveram, sem dúvida, grande influência no ânimo do pastor de Tecoa, impelindo-o para o burburinho das festas em Betel, com o propósito de esclarecer o seu povo. E Betel era

o centro por excelência do paganismo no reino da Samaria.

Foi lá, no meio da multidão atraída pela propaganda dos sacerdotes, que o seu ministério profético se iniciou. Foi lá que ele pôs o seu coração ao serviço da intelligência e da fé, clamando aos seus ouvintes que o caminho seguido por Israel era mau, que nuvens de tempestade se acumulavam no horizonte, que era tempo de abrir os olhos para a verdade e de implorar a protecção de Deus.

AMBIENTE POLÍTICO EM QUE AMÓS VIVEU

(Continuação)

O profeta, diz, no começo do seu livro, dar conta «daquilo que viu e ouviu nos dias de Uzias, rei de Judá, e de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terramoto».

Segundo a cronologia estabelecida pelo autor, é opinião de alguns historiadores que a obra fora preparada entre as datas de 760 a 750 aproximadamente, enquanto outros afirmam que ela tivera lugar poucos anos antes, ou cerca de quarenta depois. E cada um apresenta, a seu jeito, razões que parecem convincentes.

No entanto, o estudo de acontecimentos coevos e de outros a que o autor faz alusão, auxiliado pela luz revelada em recentes investigações arqueológicas, permite uma aproximação maior de duas datas importantes — a de 765 para a mensagem

do profeta em Betel e a de 760 para a sua redacção por escrito (1).

Amós faz referência a dois fenómenos extraordinários que em seu tempo ocorreram na Palestina, separados um do outro por intervalo de poucos meses. Alude a um, o eclipse do sol, visível de Jerusalém, que alguns comentadores indicam ter sido a 15 de Junho de 763 (2); o outro, de consequências desastrosas pelos prejuízos que causou, foi o grande terramoto que abalou o sudoeste da Ásia, tão violento que fez inúmeras vítimas, encheu de terror populações inteiras e se tornou lembrado cerca de três séculos depois (3).

As palavras do profeta, contando por «dois anos antes» do terrível cataclismo o tempo em que transmitira a sua mensagem, dão a entender ter havido esse intervalo entre a sua pregação em Betel e o acto de immortalizá-la sobre papiro, talvez de concluí-la, como é de supor que assim tenha acontecido. Tudo leva a crer que a mensagem tivesse ficado incompleta por causa da intervenção inesperada e arrogante de Amazias. Custa mesmo a aceitar a ideia que afirma o contrário, pois o autor declara, sem reboços, ter sido interrompido

(1) Adiante se explicam as razões que militam em favor destas datas.

(2) A. F. Kirkpatrick - Obra sobre Amós.

(3) Zac. 14:5.

pelo sacerdote com invectivas e ameaças. Isto dera origem a vozearia e a tumulto, como era natural, e seria difícil restabelecer a acalmia necessária para prosseguir no trabalho. Parte da mensagem teria ficado em suspensão como se depreende do tom em que continuou o diálogo entre Amós e o sacerdote pagão.

Os pontos mais incontrovertidos da sua mensagem, no que respeita à data em que foi elaborada, são os reinados de Uzias e de Jeroboão, portanto na primeira metade do século VIII que foi, em verdade, um curto período de prosperidade material nas pequenas nações de Judá e da Samaria. Mas foi-o também de preparação militar para as grandes potências a norte e a sul da Palestina, Assíria e Egípto. Esses dois impérios, rivais e inimigos, tornavam-se uma ameaça para os povos vizinhos quando à frente deles se encontravam monarcas de temperamento aguerrido e ambiciosos.

O rei Uzias esteve cinquenta e dois anos no trono de Judá, e Jeroboão II governou quarenta e um na Samaria. Ambos se entregaram à tarefa de recuperar os territórios que tinham pertencido ao reino unido de Israel no tempo de David e de Salomão. Nesse difícil empreendimento alcançaram vitórias, tiveram êxito, conquistaram prestígio, mas esse triunfo foi deveras passageiro.

Uzias mostrou ser um monarca calmo, interessado no bem-estar do seu povo e no progresso do seu país. Fez reparar as ruínas feitas na muralha de Jerusalém pelos soldados de Joás, numa extensão de quatrocentos metros, submeteu pela força os filisteus e os amonitas, alargou os limites do reino para o sul até Edom, mandou guarnecer com tropas algumas cidades fronteiras e organizou um exército permanente de trezentos e setenta mil homens. Impôs a sua autoridade e refreou a cobiça de algumas tribos irrequietas.

Jeroboão, por sua vez, mostrou ser um monarca amigo do povo e amante da paz, bem intencionado no propósito de colaborar com o seu colega do sul, durante os quinze anos de governo simultâneo, numa atitude de bom entendimento e de boa vontade. Restabeleceu também os limites do seu território com os reinos de Damasco e da Síria, foi amigo da ordem e dedicado aos assuntos da sua administração. Pode dizer-se que a época em que decorreram os dois reinados foi como um oásis no meio do deserto, foi sol de pouca dura. O povo já não estava habituado a paz.

A política israelita, no reino do norte, foi dirigida durante mais de um século pela dinastia de Jeú, o monarca que iniciou o seu governo perseguindo de morte a família de Acab e que consolidou a sua autoridade no meio de uma guerra civil.

Esta dinastia contou cinco monarcas até Zacarias. Foi durante o tempo que ela esteve no poder que Salmanazar III invadiu com as suas tropas a Síria e Israel, impondo aos vencidos um pesado tributo ; que Hazael da Síria fez incursões armadas no reino do norte com prolongada luta de guerrilhas ; que os moabitas se coligaram com os inimigos da Samaria atacando-a pelo sul. E, no seguimento de tantos recontros sanguinários, surgiu o rei babilónio Tiglat-Palesar III, à frente de um formidável exército, para impor o seu domínio sobre as pequenas nações do norte da Palestina e a dilatar o seu império pela Samaria até Judá.

Foi no desenrolar dos acontecimentos da sua época que Amós previu a série de experiências más que iriam atravessar os dois reinos de Israel, os reveses e sofrimentos que aguardavam o momento de se manifestar, o prolongado cativo que teve lugar vinte anos depois.

De tudo isto se depreende que o profeta viveu num período de desagregação social em que prevaleciam a dúvida e a confusão ; período de incertezas que exigia coragem para falar em nome da verdade ; período em que as duas comunidades judaicas pensavam caminhar para bom futuro e estavam a resvalar no abismo. Usufruíam as vantagens de um progresso illusório, sem dar conta dos erros que minavam a moral colectiva, dos vícios

que corroíam as virtudes da raça. Não se apercebiam da tremenda conspiração que se tramava além fronteiras, para roubar-lhes a liberdade e destruir-lhes a independência.

*

* *

Entretanto, o povo israelita, talvez envaidecido por vitórias pretéritas, atribuía a si mesmo uma força que não tinha, julgando-se seguro contra possíveis violências. Embalado pela lembrança de triunfos dos seus antepassados, vivia iludido pela propaganda dos seus sacerdotes e confiava demasiado no valor dos seus soldados. Colocava a resistência da Samaria e das muralhas de Jerusalém muito acima da protecção que lhe pudesse vir do alto. Todavia, nem a autoridade do poder nos dois Estados nem a consciência nacional eram bastante fortes para fazer frente ao infortúnio que o ameaçava.

A poderosa Assíria, nas margens do Eufrates, e o não menos extenso Egipto, ao longo do Nilo, observavam por meio de espias o que se passava nas nações de permeio, entre o Jordão e o Mediterrâneo. Os dois impérios vigiavam-se mutuamente para não consentir que o outro tomasse a dianteira na conquista. E esta atitude belicosa roubava aos pequenos países estabilidade e segurança. A Pales-

tina estava destinada a ser o ponto de encontro de forças hostis, espécie de arena ou campo de treino onde os soldados jogavam a sorte das tribos e das nações em redor.

E assim, desde Salmanazar III (860-825) até Senaqueribe (705-681), o sucessor de Sargom; desde a entrada de Nabucodonosor em Judá, e consequente destruição de Jerusalém e do templo, até à repetição da mesma triste façanha, por volta do ano setenta, com os soldados de Tito, à ordem de Roma, todo o centro da Ásia foi como uma fornalha de fogo, espécie de cratera de vulcão, de onde irrompiam labaredas de ódio e explosões de vingança. Por mais de quinhentos anos não houve uma só geração que tivesse vivido sem experimentar a sorte da guerra. Escusado será dizer que alguns desses incêndios só se apagavam à custa de muito sangue e de incríveis misérias. O destino dos pequenos estados oscilava à mercê dos mais fortes, como bola de jogar sujeita ao pontapé do mais destro.

Ora, quando uma época é soprada por ventos rápidos e contrários, está sujeita a tempestades; estas a terem marés cheias e mar revolto, com possibilidade de naufrágios. Então, só depois do temporal ter amainado se pode medir a extensão dos prejuízos pelo estendal de destroços, que testemunham a luta contra os elementos. Assim foi com Israel.

Ao clarear do bom senso, após longos anos de tristeza e de sofrimento no cativeiro, foi possível recolher os restos dispersos de uma geração heróica, abrir os olhos da fé sobre o panorama de destroços que ficaram após muitos anos de tragédia.

Amós assistiu ao lento desmoronar de uma importante civilização — a do povo hebreu, na antiguidade dos tempos proféticos. Sobre os escombros que ficaram do passado ergueram-se outras civilizações — a dos gregos, a dos romanos — e, acima destas, a mais importante de todas que tem o nome de Cristã.

*

* *

Também é difícil interpretar a obra espiritual de Amós, isolando-o dentro da sua época, separado dos antecedentes que deram origem ao reino de Israel, porquanto foram eles que abriram a inteligência do profeta e lhe moldaram o coração para enfrentar as duras realidades da vida.

Pode dizer-se que ele pensou mais nos outros do que em si mesmo, impulsionado pelo desejo de guiá-los a recuperar a confiança, de aplanar-lhes o caminho da existência. A esse ideal consagrou todos os dons de que era dotado — o esforço, a vontade, a coragem, o espírito de sacrifício, os recursos materiais granjeados à custa de activi-

dade honesta. Não tivesse a sua vida de boieiro e de negociante sido exemplar, como reflexo de um carácter íntegro, certamente lhe faltaria autoridade moral para fazer ouvir a sua voz e clamar em público por mais caridade e rectidão, em nome de um Deus omnipotente e justo. Do testemunho eloquente do seu passado, tirava ele o poder moral que o fazia reprimir toda a casta de malícias e condenar todas as práticas corruptas como anti-sociais e criminosas.

É preciso recuar, na distância dos tempos, para se apreciar a extensão da obra do profeta e atribuir-lhe o seu justo valor. Sem isso, qualquer tentativa será por demais deficiente.

As estrelas que se observam no céu, parecem pontos luminosos fixos no espaço. No entanto, a ciência afirma que são mundos em constante movimento. É a longitude de milhões de quilómetros que estorva vê-las no seu verdadeiro tamanho. Também a distância de milhares de séculos, no horizonte da história, não permite observar com minúcia os episódios e as figuras que neles intervêm. Mas a inteligência afirma que o tamanho desses vultos, o seu talento, o seu génio, o seu ideal, o seu espírito de aventura, são mais belos do que os nossos olhos podem ver.

Reconstituir a vida de Amós, a vinte e oito

séculos de distância, com os poucos recursos materiais que chegaram até hoje, sem dados certos que sirvam de apoio à razão, é como desenhar um corpo pela sombra que ele produz. Por mais meticulosa que a obra seja, o contorno terá sempre traços mal definidos, fruto da fantasia, do poder da imaginação. Faltarão detalhes que tornem a imagem fiel — os membros, a cor, o olhar, o gesto, a expressão, a vida — essa harmonia de conjunto que serve de espelho da alma.

Descobrir Amós dentro dos nove capítulos em que hoje está dividida a leitura da sua mensagem, para surpreender nela o pensador e o crente que ele foi, a maneira de ser do seu mundo moral, a sensibilidade que o fazia vibrar de compaixão em frente das desgraças alheias, é tarefa difícil quando se pretende realizá-la com aproximação da verdade. Por mais que se investigue, que se imagine e medite, a obra parecerá sempre infiel. No entanto, é bom trabalhar nessa mesma direcção.

Os diamantes não se encontram à superfície da terra. É preciso cavar fundo, minar o solo, tirar dele muita coisa inútil para escolher aquilo que convém, para seleccionar aquilo que brilha. Assim acontece quando se remexe na história.

Já dissemos que Amós viveu numa época difícil, de intrigas políticas, de ambições de conquista, de

confusão espiritual, de exorcismos supersticiosos, de excessos de egoísmo e de crueldades, de exhibições faustosas e de práticas de luxúria. Época em que os israelitas estavam sujeitos a influências perniciosas que sopravam de fora para amolentá-los a coragem, desprendê-los do amor à terra. Época em que o direito da força mandava mais do que a força da razão; em que os chefes belicosos viam na guerra o campo aberto para sonhos de aventura; em que os ídolos importados da Fenícia, da Babilónia, do Egipto, reclamavam a construção de altares no cimo dos montes e nas clareiras das florestas; em que os deuses se multiplicavam pelas esquinas e a confiança no Jeová do Sinai definhava no coração do povo. Foi num tempo assim que o profeta viveu.

A sua mensagem sobreleva em valor o poder de uma fé comum. O significado que ela contém é profundo no conceito de divindade, de justiça, de amor fraterno; nada inferior ao que é possível em nossos dias.

O profeta sentiu o efeito de uma grande necessidade para a geração do seu tempo, difícil de remediar, a de aproximar o homem de Deus, espiritualmente, com inteligência, em plena confiança. Pretendeu imaterializar a divindade como ela é, por meio de um culto racional e digno, sem mistificações nem banalidades supérfluas. Esforçou-se

por guiar o crente a encontrar-se com Jeová, o Senhor dos céus e da terra, da eternidade e do infinito. Lançou as bases da moderna teologia, sem nunca ter pensado em ser teólogo ; impôs no mundo o respeito pela dignidade de profeta, sem se contar nesse número.

Afinal, o que ele condenava não era a profecia, nem a descendência de profeta. Revoltava-se contra o mau conceito criado em volta desse nome pelo descrédito em que o tinham feito cair aqueles que o não eram e pretendiam enfeitar-se com ele. Censurava aqueles que assim se chamavam, e não ultrapassavam o nível de agoireiros vendáveis, de falsos adivinhos, que buscavam proventos em troca de prognósticos futuros.

Contra esse abuso clamou Amós, recusando-se a ser contado no número dos sacerdotes mercenários, que prestavam serviço nos santuários da idolatria. O seu objectivo era mais nobre. Era esclarecer o povo acerca de Deus e da vida, como testemunha fiel de manifestações divinas que ele observava e antevia.

AMÓS E O IDEAL QUE O INSPIROU

As ideias que preocupam a mente humana são realidades invisíveis, porquanto é possível reduzi-las a imagens e tirar delas factos concretos para a vida. O carácter abstracto que as reveste, não impede classificá-las como tais, pois que elas existem no mundo do espírito, embora sem forma delineada pelos sentidos.

Nem todas têm a mesma duração. Sucedem-se como as imagens em película de cinema e sobrepõem-se umas às outras segundo a importância que assumem no cérebro que as faz conceber. E assim, umas subsistem, outras logo esquecem.

Há ideias que desaparecem sem deixar vestígio algum. São, por assim dizer, reflexos sem vida. Não chegam a produzir efeito apreciável. Não conseguem impressionar a memória nem o coração. Surgem no espírito e morrem ao nascer. Não chegam a tomar forma, a preocupar a mente que lhes serve de berço; não servem de luz nem mostram um rumo. São ideias vagas, apagadas, inúteis.

A sua realidade é efémera. Não deixam rasto. Voam no pensamento a caminho do nada, como insectos que atravessam o espaço sem deixar vestígio da viagem que fizeram.

As ideias são como as palavras, acabam-se no mesmo lugar onde começam. Esvaem-se sem ninguém dar por isso. Quando não têm importância fogem e esquecem. Não chegam a fazer eco na inteligência, não sensibilizam o cérebro, não perturbam nem beneficiam. Resumem-se a sons que o vento leva.

Mas quando a palavra encontra uma mente que a retém, um écran onde se projecte, uma alma que a escute e interprete, então fica gravada, e a sua existência torna-se real. Pode ser repetida, meditada, discutida. Embora proferida ao acaso, teve uma missão a cumprir, um propósito a realizar. Mereceu a atenção de alguém. Pode dizer-se que essa palavra marcou, tomou forma no pensamento, exteriorizou-se com um significado. Não importa o tempo em que a acção se prolonga. Pode ter uma existência curta e desempenhar um papel de relevo. Pode perpetuar-se na escrita, gravar-se na madeira, na pedra, no barro, na alma de quem a ouve.

Sucedem por vezes que a palavra estilizada pela pena ou pelo buril desaparece diante dos olhos,

varre-se da memória, deixa de ser lida e entra no rol das coisas esquecidas. Mas a todo o tempo pode reaparecer de novo, voltar à luz, quebrar o encantamento que a reteve. Pode entreter a mente do filósofo ou a curiosidade do arqueólogo. As ideias têm um destino semelhante às palavras que lhes servem de corpo. Aquelas surgem incógnitas e ficam no abstracto ; estas afloram nos lábios e revestem-se de cor.

Quando Tomás Edison começou as suas experiências em busca do processo de produzir luz por meio de electricidade, era guiado por uma ideia real que actuava no seu espírito e lhe servia de rumo. Essa ideia era apenas uma centelha do seu génio inventivo, invisível, sem forma definida, mas verdadeira. Aquilo que ele imaginava era possível realizar ; o que ele desejava conseguir tinha razão de ser. Mas faltava alguma coisa—era saber como pôr em prática o seu projecto. Portanto, o inventor foi guiado por uma ideia-luz que se tornou concreta mediante o esforço para realizá-la.

Se essa ideia não tivesse existido na sua mente como inspiradora, ele poderia esgotar todas as suas energias sem revelar ao mundo a maravilhosa invenção da lâmpada eléctrica. É, pois, forçoso concluir que essa ideia geradora do invento era real, verdadeira, fruto do seu engenho, da sua capacidade de raciocínio. Duas forças concorreram

para que ela se manifestasse de maneira visível — uma foi a inteligência que a concebeu; outra a da vontade que a pôs em prática. E a resultante de ambas foi o êxito.

*

* * *

Deus opera continuamente no mundo e o domínio do espírito pertence-lhe em absoluto. É nesse mundo do espírito, onde surgem as ideias e se elaboram os pensamentos, que se manifestam as mais sublimes concepções em benefício da humanidade. Todas as ideias que têm por fim auxiliar a vida e combater o mal, são inspiradas do alto. Quando os pensamentos do homem são maus, é porque ele se afasta da trajectória que lhe é indicada superiormente, e recusa a inspiração que está ao seu alcance. Neste caso, a culpa é do homem que actua em rebeldia com o Criador.

No domínio do espírito só Deus é Senhor. O mal só pode entrar nele como intruso. Foi sob disfarce que ele conseguiu a cumplicidade de Adão no Eden. Este foi guiado pelo espírito de Jeová até o momento do fracasso, que o privou da comunhão com o Eterno. Então o homem caiu do seu pedestal de santidade, enveredou por caminhos diferentes e lançou mão de processos, muitas vezes

condenados pela moral e pela razão. Os caminhos de Deus são outros e os seus processos são mais elevados (1).

Quando o homem se inspira no alto e deseja ser orientado espiritualmente por Quem dispõe de poder para fazê-lo com sabedoria, as suas ideias são altruístas e generosas; e as acções que delas resultam são heróicas e nobres. A Bíblia está cheia de tais exemplos. Para comprová-lo, basta citar apenas dois :

Um é Moisés, quando falou com Deus no monte Sinai, em frente da sarça que ardia em labareda viva. O pastor de Midian ouviu uma voz que lhe pronunciava o nome e sem que alguém se mostrasse visível. Era a voz do Espírito, manifestando a presença real do Todo-Poderoso. Essa voz era firme, sonora, com autoridade, mas a pessoa que falava não tinha forma. Qualquer figura que Moisés procurasse observar com os olhos seria uma irrealdade, talvez alucinação. Contudo, ele teve a certeza de estar em presença do Eterno. E tão surpreendente se lhe mostrou a majestade do Invisível, que ele não hesitou em reconhecê-la como tal, em cobrir o rosto em sinal de respeito. Falou com Ele, dialogou, invocou razões, e terminou por obedecer à ordem que lhe era dada.

(1) *Isaias 55: 8-9.*

Este encontro de Moisés com Deus foi o processo de dar forma à ideia de libertar o seu povo da servidão do Egipto. Esta ideia preocupava-lhe a mente, não cessava de persegui-lo desde que tinha deixado a corte do rei Faraó. Foi lá que ela germinou no seu espírito, depois de ter conhecimento da sua origem hebraica e de se ter apercebido das injustiças praticadas contra os seus irmãos de raça. E jamais essa ideia deixara de acompanhá-lo. Pelo contrário, tornara-se uma realidade torturante que o affligia dia e noite. Ocupava-lhe o pensamento e pesava-lhe na consciência como um fardo difícil de remover.

Por outro lado, essa ideia brilhara na sua mente durante quarenta anos como se fosse um facho de luz. Iluminava e oprimia. Alimentava-lhe a vontade de reagir contra a tirania, mas não sabia como pô-la em execução. Meditava e orava. A ideia indicava-lhe um rumo, mas a maneira de realizá-la parecia-lhe impossível. Tornou-se madura durante a sua permanência nos arredores do monte Sinai. Por fim, Deus mostrou-lhe o caminho, delineou-lhe o plano, sugeriu o seu regresso ao Egipto. Foi nessa altura que Moisés acordou perante o facto real daquilo que tinha pensado; foi então que ele tremeu ao sentir-se investido na difícil tarefa de lhe dar seguimento. E como a ordem vinha de cima, entrou abertamente na liça, pronto a enfrentar todas as complicações que pudessem aparecer.

Afinal, a ideia de libertar Israel da opressão não era de Moisés, mas de Deus que a fez surgir na mente do servo escolhido ; que a manteve constante no seu espírito até chegar o momento oportuno de lhe dar forma real. Moisés sentiu o efeito dessa ideia, mas estava certo da sua incapacidade para realizá-la. Faltavam-lhe recursos. Foi então que Deus interveio para coordenar na mesma direcção três agentes importantes : a ideia que se tinha feito luz no espírito de Moisés, a fé que lhe inspirava confiança, e o poder que lhe vinha do alto para remover dificuldades. Antes que a ideia recebesse o impulso da vontade e se manifestasse ao mundo como propósito, já Deus a tinha determinado e escolhido o instrumento que iria pô-la em execução.

Amós é o outro exemplo. A ideia de auxiliar Israel a reforçar a sua confiança em Deus começou a preocupá-lo desde muito jovem. E à medida que avançava na idade e nas experiências da vida, mais se convencia da necessidade de guiar povos e nações pelo caminho do aperfeiçoamento moral. A ideia não era sua. No seu espírito surgiu o pensamento, acompanhado de firme desejo de contribuir para que ela tivesse continuação. E jamais deixou de alimentar a ambos.

O profeta anteviu o que seria uma sociedade orientada por princípios honestos e justos, consoli-

dada sobre sentimentos nobres e eternos. Conveceu-se de que era possível atingir esse estado ideal, se o homem compreendesse o propósito com que tinha sido criado e tivesse mais confiança no seu destino. Mas o povo israelita era escravo de si mesmo, das suas ambições, das suas intrigas, do seu egoísmo. Era preciso esclarecê-lo e emancipá-lo dessas misérias. E assim, como outrora, ele tinha sido resgatado da servidão em terra alheia, carecia agora de libertar-se de novo na sua própria terra.

Esta ideia de ajudar o seu povo a encontrar-se a si mesmo, determinou um rumo novo na vida de Amós — o de contribuir para melhorar o estado moral e político em que se afundava a geração do seu tempo. Isto preparou-o para ouvir a voz que o chamava, que pretendia fazer dele um mensageiro da verdade. Daí em diante, uma força o impelia para a liça — era o desejo de servir apoiado na firmeza da sua fé.

*
* *

O profeta pôde contemplar nas suas visões aquilo que muitos não conseguiam enxergar. Depois de Moisés, foi um dos poucos privilegiados a ver Deus em espírito, de maneira real, a ouvir-Lhe a voz, a falar com Ele, a curvar-se reverente diante da sua personalidade divina. Foi também dos pri-

meiros a descrever como Ele é, superiormente bom, sábio e justo. A palavra Jeová assumiu nos seus lábios proporções de santidade que até ali não tinha. Não era apenas o nome do sobrenatural, do incompreensível, de um deus poderoso. Não.

Jeová era único por excelência em domínio e autoridade. Era o Senhor dos céus e da terra, Deus eterno e supremo Juiz. Todos os povos estavam dependentes da sua vontade e podiam ter a garantia da sua protecção. O essencial era crer e obedecer. Pensou como filósofo, escreveu como teólogo, actuou como crente.

Esta certeza que fortalecia a alma do profeta, levou-o à seguinte conclusão:— Se o homem pudesse sentir Deus no coração, e experimentar o poder maravilhoso que a fé dá à inteligência, a vida seria mais tranquila e mais segura. Então o indivíduo olharia para o seu semelhante através do prisma da amizade, do respeito mútuo, do reconhecimento de direitos e deveres de cada um. Isto faria reforçar a confiança entre todos sobre a base do amor fraternal. O bom senso serviria de controle a baixos instintos e o contributo de todos para a sociedade representaria um benefício apreciável. Para realizar este objectivo, era preciso instruí-lo.

Encorajado por esta luz que brilhava no seu espírito, Amós foi atraído para a luta contra as

misérias do seu tempo, como Moisés tinha sido atraído pela chama que saía da sarça. E não olhou a dificuldades. Deixou tudo quanto até ali o tinha preocupado e tornou-se um mensageiro entre o povo de Israel.

Ê então que ele se eleva às alturas de profeta, de enviado com uma missão a cumprir, de interessado em esclarecer as almas com a verdade, de amigo empenhado em ajudá-las a reagir contra o erro, contra egoísmos, ódio e vinganças.

«Buscai o bem e aborrecei o mal» (1).

Esta é a sua grande tese. Tem a certeza de que o BEM e o MAL coexistem no mundo, mas cabe ao homem o privilégio de escolher entre um e outro. Para isso dispõe de uma vontade que é soberana. Sabe que um inimigo o espreita constantemente disposto a atormentá-lo, mas, a seu lado, há também uma força prodigiosa pronta a protegê-lo. E, se a arbitrariedade e o crime têm porta aberta no coração, o seu querer, no sentido que é justo, basta para fazer prevalecer a vontade sobre todas as paixões. O seu refúgio é o bem, e este uma rocha inexpugnável.

O profeta ensina que a lei moral, mesmo que

(1) Amós 5: 14-15

não esteja escrita, impõe-se perante a inteligência como o sol diante dos olhos que vêem. Sem ela não haveria segurança para a vida, nem recompensa para a virtude. É a infalibilidade dessa lei que leva o homem sábio a submeter-se-lhe com alegria; que lhe dá coragem para fitar o céu com admiração e antever no além com esperança.

Numa sociedade contaminada por excessos e intrigas, por preconceitos e superstições, Amós fez da sua língua uma espada em defesa dos fracos e dos oprimidos. Usou a pena como buril para gravar sobre papiro sentenças que não se apagam. A sua boca proferiu afirmações que ficaram a repetir-se no espaço, para condenar abismos de miséria, a dar triunfo à razão. Clamou e clama por justiça.

Mas aquela que ele exalta e invoca tem origem divina e não pode ser pervertida. É a única que serve de padrão em todas as idades, que não é imposta por coacção nem atende a conveniências obscuras — uma justiça honesta, serena, imparcial, intransigente com o erro, que leva paz à consciência que a pratica. Só ela pode considerar-se perfeita e imutável. A esse sublime conceito de rectidão, ligá o profeta três consequências imediatas: o desejo e a alegria de fazer bem, a sobrevivência do amor e da caridade, a expiação de culpas exigida pelo remorso aos déspotas e aos tiranos.

Amós pensou falar apenas para aqueles que se reunissem em redor dele a escutá-lo: «Ouvi o que o Senhor clama contra vós, ó filhos de Israel», gritou ele perante uma multidão de forasteiros, gente vinda de perto e de longe para assistir às festas no santuário. E eram muitos os grupos vindos das encostas de Efraim, das planuras do Jordão, das aldeias limítrofes de Aí e de Mispé, povo do campo e dos montes, afeito a amanhar a terra e a pascergado.

Mas não era só para este que o profeta exorava. O seu auditório era tão numeroso que ninguém o poderia contar. A assistência era mais vasta do que ele via, atraída pelo som da sua voz, despertada pela curiosidade, atenta ao assunto que lhe era transmitido, cujas palavras ecoavam nos ouvidos como um brado de guerra, uma ameaça de perigo, um aviso prudente — Ouvi !

E foi então que Amós discorreu com energia sobre transgressões, actos de violência, excessos de crueldade, práticas maliciosas, pecados de avareza e de luxúria que reclamavam castigo. E dirigia-se a todos, ricos e pobres. Todos tinham a sua culpa. E prosseguiu na sua mensagem enquanto não foi interrompido.

Não lhe interessavam temas vulgares, questões locais, problemas caseiros. O seu objectivo era

mais amplo e mais elevado. Era pôr em foco a doença moral que a todos contaminava, o enfraquecimento do espírito que se tinha apossado das almas no meio da confusão, falsas teorias de segurança em que estavam sendo embalados e iludidos. Era fazer-lhes sentir o quanto se tinham afastado de Jeová, o Senhor da eternidade e o autor da vida.

E a argumentação do profeta era ilustrada com exemplos da história e com apelos ao bom senso de quem ouvia. O seu clamor repetia-se a distância, e fazia parar os mais distraídos e obstinados. Mas uma cortina invisível limitava o seu olhar. Para além dessa cortina estava o seu maior auditório, milhões de vidas que tornariam as suas palavras mais preciosas do que o ouro e exaltariam a sua mensagem, bendizendo-a para sempre.

AMÓS E A TRADIÇÃO MOISAICA

Para se compreender a personalidade do profeta é preciso descobri-la no meio das agitações políticas e religiosas do seu tempo. É preciso recuar aos primórdios da nacionalidade israelita, desde a saída do Egipto até a discórdia das tribos, após a morte de Salomão. É preciso remexer nesse período de confusão que durou mais de um século, desde Roboão e Jeroboão I a Joás e Jeú, conhecer a história do povo hebreu na sua longa tradição.

O passado e o presente. — Pela leitura da mensagem de Amós é fácil verificar a influência que Moisés e os acontecimentos da sua época exerceram na mente do autor. Tão frequentes são as alusões que ele faz ao chefe de Israel e aos cinco livros da Lei, que a sua obra, além de ser um grito de alerta e um apelo às consciências, é também um documento crítico e digno de ser meditado. Nele se faz menção do Êxodo, da oposição feita aos fugitivos apátridas, da conquista de

Canaan, da extensão do predomínio amorreu, que, juntamente com outros povos (amalequitas, heteus, jebuseus, etc.) possuíam a terra da Palestina (1). Depois a insistência com que o autor fala de Kir, lugar de cativo para os sírios; de Caphtor, a ilha do Mediterrâneo de onde saíram os felistinos; das cidades de Asdode e Ecrom, praças fortificadas que eram a chave de Canaan; de Jerusalém e Betel, centros de peregrinação, um com o templo de Salomão, outro com o seu santuário de Baal; de Dan, Gilgal, Berseba, onde o povo afluía em romagem, outrora dedicados ao culto de Jeová, mas que o tempo havia adulterado e transformara em idolatria.

Tudo isto o profeta revê na sua mensagem para salientar o enfraquecimento da fé de Israel e como Deus se sentia entristecido com o desleixo dos seus monarcas e apostasia do povo escolhido:

«Retive a chuva; feri-vos com queimadura e com ferrugem; fiz secar as vossas hortas, vinhas e oliveiras; deixei que os vossos mancebos sofressem à espada; subverti alguns de entre vós como outrora em Sodoma e Gomorra... e vós não vos convertestes a mim», nem temeis o meu poder (2).

(1) Num. 13:29. Deut. 1:4, 7, 14. (2) Amós 4:7, 9-11.

Amós aponta ao povo as causas do seu sofrimento, movido pelo desejo de fazer-lhe compreender erros cometidos, levá-lo a cair em meditação para recuperar coragem e reagir contra o mal. Este é o propósito da mensagem. Quer ajudá-lo a sair do marasmo em que tinha naufragado nos reinados de Acab e Acazias. Quer que ele acorde na inteligência e na fé, pronto a impedir que o carro do seu destino continui a resvalar para o abismo com prejuízo da sua independência e da sua liberdade.

Não admira, pois, que o profeta oprimido pelo pressentimento de alguma tragédia se unisse aos seus irmãos do norte, a clamar em voz alta: «Ajuntai-vos sobre os montes da Samaria, e vede o grande alvoroço no meio dela!» (1) E era grande, em verdade, a agitação, porque nas margens do Tigre e do Eufrates se preparavam tropas assírias, babilónicas, persas, fenícias, para invadir o sul e liquidar o reino da Samaria.

E se Amós não conseguiu evitar que os acontecimentos em marcha seguissem o seu curso, contudo preparou o terreno para que outros iluminados pelo clarão da fé se entregassem à tarefa de esclarecer as almas, de inspirar confiança aos exilados que, longe da pátria, carpiam suas mágoas, chorando saudades dela.

(1) Amós 3:9.

Dados cronológicos. — Dissemos já que o livro de Amós foi colocado a meio do conjunto dos manuscritos antigos, como um marco divisório entre dois grupos — os do Antigo e os do Novo Testamento. Acresce ainda o facto de uma compilação de doze pequenos rolos, designada pelo nome de «Profetas Menores», ter ocupado o décimo terceiro lugar na Bíblia hebraica que consta de vinte e quatro livros. Está, portanto, a meio dessa colectânea.

A nossa curiosidade leva a fazer menção de uma outra coincidência — a de a mensagem de Amós ter sido escrita precisamente no meio de dois importantes acontecimentos. Um foi o da saída do Egipto levada a efeito pelos israelitas em multidão; outro foi o da destruição de Jerusalém e do templo por tropas romanas sob o comando do general Tito.

Ora, como se regista neste trabalho, a data aproximada do êxodo terá sido o ano de mil quatrocentos e cinquenta da era antiga; a da sujeição da Palestina ao poderio militar de Roma foi o ano setenta da era cristã. Dentro desta cronologia, que é seguida por bons historiadores, há um intervalo de mil e quinhentos e vinte anos. A meio dele fica o ano setecentos e sessenta a. C., data em que Amós escreveu a sua mensagem.

Pouco interessa conhecer esta circunstância. No entanto, é possível inferir dela como o destino

preparou as coisas para que a obra do profeta tivesse um papel preponderante no desenrolar dos séculos futuros.

Encarada sob este prisma a grande influência que a mensagem veio a ter na história da humanidade, ela aparece-nos como uma ponte de transição entre duas épocas sem limites — a do despotismo da força, que vem de remota ancestralidade, e a do poder da Lei, que se perpetua pelos tempos em fora.

Antes do profeta levantar o grito de reacção contra a arbitrariedade dos chefes e contra a crueldade dos poderosos, a Lei de Moisés, escrita em rolos separados, circulava entre o povo apenas como literatura, admirada por uns e desprezada por outros.

Embora esses rolos recordassem episódios que diziam respeito à epopeia vivida pelos israelitas em viagem pelo deserto, e fizessem parte dela princípios morais estabelecidos como norma de conduta por divina revelação, eram relativamente poucos os que interpretavam esses cinco livros como um todo, conjunto admirável que viria a constituir a base do Antigo Testamento.

Creemos, pois, que foi Amós quem reclamou para eles o respeito e o valor que vieram a ter. Foi ele quem chamou a atenção dos estudiosos.

amigos da tradição, para a necessidade de compilar esses manuscritos dispersos, de reuni-los num só volume que, mais tarde, seriam definitivamente consagrados por consenso dos sábios e por apreciação do povo como matéria preciosa de origem divina.

Amós, repetimos, foi, sem dúvida, um dos grandes obreiros que mais contribuíram para a divulgação dos cinco manuscritos da Lei.

O profeta e o primeiro cânone. — Só depois do autor da mensagem ter despertado a atenção pública para a justiça de Jeová, a quem apelidou de Juiz Supremo, é que os rolos da Lei começaram a ser procurados por muitos que ainda os desconheciam; que outros se convenceram de que cada um deles era parte do mesmo todo, e que todos se referiam à mesma vontade divina cuja transgressão reclamava castigo.

Enquanto Amós não trouxe a claro a existência de um tribunal invisível, mas inevitável, ao qual todos estavam sujeitos e nenhum homem podia eximir-se, a Lei escrita por Moisés não era considerada como um código de regras inseparáveis, um compêndio de ensinamentos de carácter permanente. Foi então que essa Lei deu em ser pretendida e estudada no seu conjunto.

Em face desta afirmação, cumpre expor alguns dos argumentos em que ela se baseia e justifica.

A palavra «lei» encontra-se nos textos manuscritos mais antigos da Bíblia — no Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, e Deutoronómio, em passagens referentes a disposições impostas pelo chefe, em regulamentos de carácter moral, em citações do Decálogo (1). Mas, em qualquer destes casos, o sentido de lei é atribuído a poucos e limitado a uma determinação especial. Em nenhum deles se alude à Lei de Moisés, no seu todo, à «Torah» que os judeus se habituaram a ler e respeitar como herança divina.

Acontece ainda que, antes de Amós, não se encontra nos textos sagrados qualquer referência a essa colectânea dos cinco livros. A primeira vez que um escritor bíblico aponta para o todo da lei moisaica é na mensagem deste profeta. Nela se encontra esta expressão bem típica e definida: «Ouvi *esta palavra* que o Senhor fala contra vós, filhos de Israel» (2), que é, por assim dizer, uma forma de invocação atraente, destinada a predispor os que escutam ou lêem para a importância do assunto, que o autor se propõe tratar no seu discurso, e sobre a qual firma toda a autoridade das

(1) Gen. 47: 26 Ex. 12: 49 Lev. 24: 22 Num. 15: 16
Deut. 17: 11 (2) Amós 3: 1.

suas declarações. Que ele tinha na sua mente a Lei escrita por Moisés, provam-no as seguintes razões :

1) O profeta não usa o termo «lei» certamente para evitar confusão com tantos outros análogos, de sentido restrito, empregados em manuscritos anteriores. Chama «*Palavra*» ao conjunto dos cinco livros que ele conhece bem, porque de cada um tira citações correctas até mesmo sem lhes alterar a linguagem (1).

2) Chama à Lei revelada «*prumo*» que o Senhor porá no meio do seu povo escolhido (2). Ora essa força moral reguladora da actividade divina, capaz de dar sentido vertical à vida, foi interpretada por Moisés na sua obra, a qual veio a ser considerada como instrumento fiel de equilíbrio para a humanidade.

3) Entre as visões de Amós há uma que lhe faz antever multidões de judeus no cativeiro, onde sentirão necessidade de ouvir falar da «Lei», onde se lembrarão com tristeza do tempo em que podiam assistir ao culto no templo de Jerusalém, que depois não lhes será permitido fazer por estarem longe dele, em terra alheia.

(1) Gen. 19 : 24,25. Ex. 22 : 26. 12 : 51. Lev. 20 : 8.
Num. 34 : 8. Deu. 7 : 6. (2) Amós 7 : 8.

«Eis que vêm dias, diz Jeová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome, nem sede de água, mas de ouvir *as palavras* do Senhor» (1)

Daqui se conclui que o profeta fala das palavras dispersas em livros, escritas por Moisés, (a «Torah» dos judeus) que servem de alicerce ao conjunto dos sessenta e seis que formam a biblioteca divina.

Acresce, por outro lado, que, só depois de Amós ter escrito a sua mensagem, começaram a aparecer referências a «toda a lei», como se verifica nos livros de Reis e de Crónicas, que são posteriores à obra do profeta.

E assim, o autor do segundo volume de Reis emprega esta expressão bastante elucidativa: «Conforme toda a lei de Moisés» (2). Depois dele, o autor do segundo de Crónicas engloba no mesmo todo «a lei e mandamentos, estatutos e juízos», isto é, o conjunto dos cinco livros que chegaram até nós.

Há ainda um outro ponto a considerar. No estudo deste assunto convém lembrar o facto de em Reis 23:2 se fazer distinção entre a Lei

(1) Amós 8:11.

(2) II Reis 23:25. II Cr. 19:10 33:8.

e «livro do concerto» ou seja o Deuteronomio que foi encontrado entre as ruínas, quando se procedia à reconstrução do templo, no reinado de Josias (1).

Ora, tanto o escritor de Reis como o de Crônicas são posteriores a Amós. O primeiro dos dois relata acontecimentos do tempo de Joaquim (596), que foi o penúltimo rei de Judá. O segundo fala de Zedequias, que sucedeu ao anterior, e também de Ciro, o rei persa que deu liberdade aos desterrados no cativeiro em 538.

Em conclusão, pode afirmar-se o seguinte; Amós é o primeiro dos escritores sacros a indicar que a Lei de Moisés consta de cinco livros e a chamar a atenção dos sábios para a vantagem de reuni-los em volume. É também o primeiro que a todos se refere e faz crer na necessidade de conhecê-los e de observar os seus ensinamentos. Foi ainda um dos obreiros que mais contribuiu para divulgá-los entre o povo e a dar início ao processo lento da sua canonização.

(1) II Reis 23 : 2.

OCORRÊNCIAS QUE INFLUENCIARAM AMÓS

As escrituras da Bíblia proclamam que o reino de Deus é herança dos humildes, dos esclarecidos pela verdade e dos justificados pelo perdão. E a essência desta doutrina está resumida numa das afirmações de Jesus Cristo, gravada em caracteres hebraicos pela pena do evangelista Mateus, que diz assim : «Bem-aventurados são os mansos, porque eles herdarão a terra». (1)

Esta sábia declaração do Mestre leva a excluir da herança os arrogantes, os opressores, os escravos da mentira que desprezam a justiça e têm o coração endurecido na crueldade. O perfume divino que ela exala, dimana do conceito da bondade de Deus em face da malícia corruptora do homem. E foi este que levou Amós a clamar : «Ai de vós, que dilatais o dia mau e vos chegais ao lugar da violência». (2)

(1) Mat. 5:5

(2) Amós 6:3

Mais tarde, este aviso prudente do profeta foi repetido na obra do primeiro dos biógrafos de Jesus, talvez por ele o ter ouvido nos discursos do apóstolo Pedro, a quem acompanhou de perto no seu ministério. Eis as palavras que ele escreveu : «Ai de vós, condutores de cegos, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e, depois de o terdes feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós. (1)

Ora estas duas expressões, esculpidas pela fé no mármore dos ensinamentos bíblicos, merecem toda a ponderação que a inteligência possa dar-lhes, não só por serem revelações inspiradas por inconfundível sabedoria, mas também porque resumem admoestação eloquente para os que ouvem e pensam a sério na vida.

Sendo assim, ao lê-las no texto sagrado, em espírito de meditação, fàcilmente se depreende delas que o triunfo, em última análise, está do lado dos humildes, dos regenerados de coração, daqueles que, acima de tudo, sabem ser compreensivos com o seu semelhante, dominar a sua tendência egoísta com sentimentos de caridade, submeter caprichos e vaidades à vontade do Único que prevalece e não falha nas suas recompensas.

(1) Mat. 23:15

Nobre por excelência, será a atitude daquele que se propõe a corrigir defeitos e fraquezas em si mesmo e nos outros, embora muitos desdenhem e censurem tal indiferença pelas oportunidades que o mundo dá. Nessa extraordinária interpretação do valor da vida, está oculto o poder sobrenatural que justifica o triunfo dos mansos, a força moral latente nos oprimidos, a autoridade incontestável dos limpos de coração. O próprio Jesus Cristo antevia tanta glória na beleza do seu testemunho que resolveu encorajá-los na luta contra o mal, chamando-lhes «o sal da terra e luz do mundo». (1)

Portanto, não é sem razão que os mansos e os humildes são contados entre os escolhidos, aqueles que se apercebem dos altos planos de Deus no seu propósito de salvar o homem; aqueles que buscam integrar-se com inteligência e fé na ordem estabelecida pelo mais competente de todos os mestres — o sábio Rabbi, que assumiu o compromisso de dar a cada um segundo a Sua inadiável justiça.

Amós compreendeu este privilégio a muitos séculos de distância da era cristã. Conforme faz sentir, no final da sua mensagem, ele anteviu o advento dessa época venturosa, embora não pudesse fixar-lhe data certa. E porque ele anteviu esse

(1) Mat. 5:13-14.

prodigioso acontecimento da história e a magnitude do objectivo a realizar, não hesitou em desprender-se de tudo que podia estorvá-lo para se entregar por completo ao serviço de profeta. E a ele se juntaram outros, igualmente convencidos e dispostos, tanto e mais eloquentes no seu testemunho, a continuar a obra, a cumprir uma missão.

E o número destes não tem conta, o trabalho não afrouxa, a marcha prossegue. É o exército dos predestinados à glória que avança. Exército heterogéneo de raças, de línguas, de classes. Dele fazem parte pessoas de todas as camadas sociais — patriarcas e profetas, monarcas e cortezãos, apóstolos e evangelistas, nobres e sábios, plebeus e escravos, todos movidos pelo mesmo desejo, tocados pelo mesmo poder maravilhoso.

Pergunta-se : Que haverá de extraordinário nestas vidas ?

Parece nada haver de mistério que impressione a mente de quem as vê. No entanto, não pode negar-se o efeito de uma luz interior que lhes ilumina a alma, a acção constante de uma força espiritual que lhes dá coragem, o eco de uma voz amiga que não pára de fazer-se ouvir. Isto dá-lhes um complexo de dependência divina que as favorece, porque lhes inspira confiança e comunica certeza.

*
* *
*

Já dissemos que Amós não tivera preparação literária na sua juventude que lhe permitisse desempenhar funções sacerdotais ou assumir responsabilidades de profeta. Como homem do campo que era, destinado a conviver com o povo simples da aldeia, tinha apenas os conhecimentos comuns à sua profissão.

Acresce ainda que, entre os hebreus, os filhos varões eram emancipados da tutela paterna aos treze anos (1), e Amós teria começado a vigiar gado ainda muito novo. Era rapaz quando tomou sobre si os cuidados de pastor.

Ora, em pleno século oitavo a. C , a pastori-
cia era emprego indispensável nas aldeias. Os rebanhos eram a riqueza das famílias, porque constituíam meio de troca e forneciam a matéria prima do comércio e da indústria. Os ricos avaliavam a fortuna por cabeças de gado e pelo número de escravos que possuíam. O gado multiplicava-se pela reprodução natural ; os escravos eram feitos pela sociedade. A falta de pagamento de uma dívida era bastante para privar o devedor da sua liber-

(1) The History of the Jewish Nation - Alfred Hdersheim.

dade e reduzi-lo à triste condição de servo. A guerra era uma forja de escravos.

Assim, muitos deles eram pessoas instruídas, de boas famílias, a quem a má sorte e as dificuldades da vida compeliam a tornarem-se insolúveis nos seus compromissos. Por outro lado, o cargo de pastor era reservado aos escravos e, nas famílias que os não tinham, ocupavam-se nesse mister os filhos menos aptos e menos robustos. Os que tinham forte compleição dedicavam-se a profissões de carácter especializado como construtores, artistas, sacerdotes, escribas, oleiros, soldados, etc. Para estes ofícios escolhiam-se os mais destros e até os mais inteligentes.

Esta selecção entre os filhos varões era feita pelos pais e pelos governantes. Basta citar, para exemplo, o que se passou com o profeta Samuel na casa de Jessé, aldeia de Bethlehem, quando foi ungir aquele que deveria ser o sucessor de Saúl. Entre os oito mancebos que tinham nascido no casal, foi escolhido o mais novo, rapaz de bom semblante, alto e ruivo, mas também o mais franzino, considerado então como mais inábil. Este era o pastor. Os seus irmãos mais velhos, jovens robustos, de boa constituição orgânica, estavam servindo no exército de Israel (').

(1) I Samuel 16: 4-13.

Naquele tempo, as escolas eram raras e os mestres eram poucos. Não havia instituições públicas de ensino nos centros de pequena população, e as pessoas pobres não sonhavam tornar-se cultas. A tradição que dá como certo ter havido uma escola de profetas nas vertentes do Carmelo, desde o tempo de Elias, não indica fosse acessível a todos os que desejassem frequentá-la.

Este monte só começou a ser concorrido por multidões depois de Elias, o rei Acab e quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal se terem reunido lá, para uma experiência que deu brado e chamou a atenção do mundo para o imprevisto. A partir desse dia, em que Deus manifestou o seu poder de maneira miraculosa, o Carmelo tornou-se centro de peregrinação para os crentes de Jeová. O povo afluía de todos os lados, uns para ver o lugar onde Elias havia preparado o altar do holocausto, outros para ver o sítio onde os sacerdotes pagãos tinham sido desautorados por ordem do profeta, ainda outros para admirar um soberbo panorama de contraste entre a extensa superfície do mar azul e o caprichoso tapete de verdura sobre o vale de Esdralão.

Lá, nas encostas declivosas que servem de espinha dorsal ao rochoso promontório, debruçado sobre o Mediterrâneo como um gigante imóvel, vêem-se cumeadas altas de granito talhadas pela

natureza, em flagrante paralelo com denso arvoredo, entre socalcos para pomar e coirelas para cultura.

Depois o sentido religioso que o povo ligava àquele monte, onde milhares de israelitas se tinham juntado, a convite do rei, para assistir ao espectáculo de suplício, a que ia ser condenado mais um profeta de Jeová, aumentara a curiosidade de muitos e fazia daquele monte um lugar muito visitado.

Apesar de o Carmelo estar situado no coração da Palestina, a norte de Jerusalém, não muito distante de Tecoá, Amós não frequentara essa escola de profetas que tinha ficado ao cuidado de Eliseu, como sucessor de Elias, e por este chamado para a obra. E também não há indicação de ter sido instruído em qualquer outra, embora a mensagem que escreveu dê testemunho de um grau de cultura pouco vulgar no seu tempo.

Por tudo isto, cabe aqui perguntar : De onde lhe viria o conhecimento literário, histórico e teológico, que a sua obra revela ?

Custa a crer que um homem do campo, filho de gente pobre, boieiro de profissão, sentisse desejo de se instruir, de dar largas à sua inteligência, sem um forte estímulo que o atraísse para o estudo,

quando já estava em idade madura, e sem um objectivo fixo na sua mente, capaz de levá-lo a abandonar a actividade de pastor, que lhe tinha proporcionado grande êxito material. O certo é que ele a deixou para se entregar de alma e coração a servir a Deus e o seu povo.

A razão desta mudança na sua vida só as Sagradas Escrituras podem indicar. A elas tem de recorrer quem quer que pretenda resolver o problema, sem depender muito de conjecturas.

Conforme se lê no texto bíblico da sua mensagem, ele declarou ao sacerdote de Betel não ser profeta nem filho de profetas, mas a sua actuação no campo espiritual demonstrou que ele o era de vocação e divinamente inspirado. Confessou ainda ter sido chamado por Jeová e incumbido da missão de esclarecer o povo: «Vai, e profetiza a Israel», disse-lhe a voz.

Nesta ordem, portanto, está a causa principal da sua resolução. Era crente, piedoso e humilde. Obedeceu, como tinha feito Moisés no Sinai, à voz que falava no íntimo da sua consciência, ainda que lhe parecesse difícil cumprir a tarefa incumbida. E não hesitou em deixar tudo o que lhe era querido. A sua atitude tornou-se exemplo do verdadeiro missionário. Deus falou e apontou para o caminho; o servo ouviu e iniciou a marcha. O resto não importa, porque Ele vai na frente.

Amazias pensou humilhar Amós, chamando-lhe vidente, sonhador de maus presságios e mercenário. A eloquência do novo mensageiro deveria tê-lo incomodado. Censurou-lhe a coragem, defrontou-o com injúrias e ameaças, intimou-o a calar-se. Preparou a desordem e lançou mão da violência. Esta era a sua força. Não tinha outra. Mas as suas palavras foram levadas pelo vento e nada resta hoje que dê provas do seu trabalho.

Do lado de Amós estava a razão, estava o poder que prevalece em todas as situações. Não pôde prosseguir até ao fim da sua mensagem. Teve de suspendê-la; mas ela não ficou no esquecimento. Fez-se ouvir muito para além dos confins de Betel. O eco das suas palavras não se perdeu no espaço. Ultrapassou as cumeadas de Sião e do Carmelo, e repete-se ainda através de tantos séculos.

*

* *

Naquele tempo os mestres eram ambulantes. Deslocavam-se de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, para ensinar a ler, a escrever, a interpretar a lei dos manuscritos àqueles que quisessem valer-se dos seus serviços. A esse mister se dedicaram Elias, Eliseu, sacerdotes e levitas. Iam pelas casas, visitavam as pessoas, instruam no cultivo das letras e em assuntos religiosos.

OCORRÊNCIAS QUE INFLUENCIARAM AMÓS

Talvez Amós tivesse começado assim a sua aprendizagem, numa época em que já era homem feito e a vida lhe corria próspera. A sua inclinação para as coisas do espírito e o desejo de crescer intelectualmente teriam demovido a sua vontade no sentido de suprir as deficiências de cultura da sua juventude. No meio dos afazeres do seu gado e do seu negócio, ele ia alimentando a ansiedade de aprender para melhor servir a sua terra e o seu povo. Frequentava o templo de Jerusalém, lia, meditava.

Outro factor importante na preparação de Amós, teria sido o estímulo de pessoas de nomeada, cujas vidas se tinham manifestado poderosas pela fé e pela obra realizada. Entre elas Moisés, o homem da corte, que em defesa da sua raça havia comprometido o futuro ; David, o pastor de Judá, que na solidão dos montes se tinha feito músico e poeta, antes de ser rei ; Eliseu, o agricultor de profissão, que trocara o arado com que lavrava as terras de seu pai para seguir Elias, o celebrado profeta de Israel ; Jonas, o jovem contemporâneo, escolhido para ser mensageiro entre os ninivitas ; Zacarias, o mancebo levita e sacerdote, filho de Joiada, que tivera coragem para repreender os grandes e censurar os poderosos pelo desprezo a que votavam a Lei, embora fosse assassinado no templo por mandado daqueles que se sentiram ofendidos. Todos eles teriam influenciado o ânimo

do profeta, predispondo-o para a missão que o esperava.

É de crer que o testemunho de Zacarias, mártir do seu ideal, no serviço de Jeová, tivesse feito sentir a Amós a necessidade de fazer em Betel aquilo que o jovem sacerdote procurara levar a efeito no templo de Jerusalém — impor ao respeito o nome de Jeová e reprimir o egoísmo dos senhores e a sua crueldade para com os escravos. Estes assuntos tomavam vulto na mente de Amós. E foi sob estas influências que se esforçou por alargar a sua cultura religiosa.

Cópias manuscritas da Lei eram o seu compêndio predilecto. Ouvia os mestres e sacerdotes nas cerimónias do culto. Lia e estudava os livros do Pentateuco de tal modo que fez deles uma fonte de citações para a sua mensagem. Buscava todas as oportunidades de preparação movido por íntimo desejo — o de ser instrumento útil e humilde nas mãos de Deus. Viajou, conheceu terras e povos diversos, apercebeu-se dos seus problemas, relacionou-se com pessoas que dispunham de autoridade, observou costumes e tradições, passou por experiências que completaram a sua aprendizagem.

Conforme referimos noutro lugar, o próprio rei Uzias teria tido grande influência na vida do profeta, de quem era amigo. O rei era frequentador

OCORRÊNCIAS QUE INFLUENCIARAM AMÓS

do templo, familiar com os sacerdotes, interessado em assuntos espirituais. Como homem era bem intencionado, como monarca era zelador do prestígio do trono, como chefe de Estado procurava servir o seu povo. Isto teria incitado o futuro profeta a conseguir preparar-se convenientemente para a vida.

OS RECABITAS E A RELIGIÃO DE JEOVÁ

Durante o reinado de Uzias intensificou-se por toda a Palestina a influência moral e religiosa de um grupo de cananeus, cuja origem remonta ao tempo de Abraão.

Esse grupo ou raça, acerca do qual pouco se tem escrito, e que tanto contribuiu para o predomínio do culto de Jeová entre o povo de Israel, é conhecido na Bíblia pelo nome de um dos seus chefes mais ilustres, Recab, homem bem intencionado, que se propôs reorganizar os elementos dispersos da sua tribo e dar-lhes uma orientação espiritual, digna do seu passado. O êxito alcançado por Recab foi extraordinário, pois conseguiu iniciar um movimento que iria atrair muitos hebreus para as suas fileiras através de gerações.

Sujeitos, por vontade própria, à obediência de princípios são que lhes permitiam uma vida moralmente equilibrada, os recabitas tornaram-se inimigos declarados dos santuários de Baal, porquanto

os seus seguidores consentiam em práticas de luxúria junto dos seus altares, satisfazendo assim os prazeres da carne sob pretexto de agradarem aos deuses. E como isto ofendia o bom senso das pessoas honestas e contribuía para degradar os sentimentos da juventude, afrouxando os laços da família, os Recabitas votavam ao desprezo as cerimónias da idolatria.

Este movimento moralizador começou a manifestar-se entre elementos da tribo dos Keneus, cuja origem remonta aos tempos de Abraão, na Palestina. Teve início numa raça quase esquecida que habitou primitivamente a região montanhosa ao sul de Judá, tendo como vizinhos os amalekitas, outra tribo numerosa e activa no tempo da conquista de Canaan por Josué. Vivendo, portanto, no centro da Arábia, os keneus travaram conhecimento com os israelitas, desde muitos séculos atrás, quando eles peregrinavam no deserto em viagem para a terra prometida, sob o comando de Moisés.

Depois que o povo de Deus deixara o monte Sinai para caminhar na direcção de Berseba, muitos keneus juntaram-se à multidão de Israel, pondo ao seu serviço os conhecimentos que tinham do país e auxiliando-os a seguir para o seu destino. Esses elementos não só acompanharam os israelitas no resto da viagem, mas entraram com eles na Palestina, ajudaram-nos a conquistar a terra e estabe-

lecerem-se nela, ao sul de Jerusalém. Falavam a mesma língua, habitavam no mesmo continente, compartilharam dos seus triunfos e reveses. Mistruraram-se e confundiram-se com eles. Foram levados com os vencidos para o cativeiro, mas nunca perderam a noção da sua origem (1).

Quando Neemias, por ordem de Artaxerxes, rei da Pérsia, foi a Jerusalém para guiar a reconstrução da cidade e reparar as ruínas da muralha que os soldados de Nabucodonosor tinham obstruído, alguns operários recabitas, sob a direcção de Malchias, seu chefe, tomaram parte no trabalho e fizeram toda a obra num determinado sector (2).

Um dos acontecimentos da história, que comprova a importância religiosa e política que o movimento recabita veio a ter na Palestina, foi o encontro de Jeú, rei de Israel, com Jonadab, chefe do distrito de Beth-ehrem e filho de Recab. Jeú acabava de ser eleito rei pelos soldados, seus companheiros de armas, e dirigia-se para Samaria com um plano secreto bem delineado no seu espírito. Esse plano tinha por fim matar todos os membros da família Acab e destruir os santuários pagãos da Palestina. Mas, antes de chegar à cidade, veio ao seu encontro Jonadab, homem de influência da

(1) Gen. 15:19; Num. 10:29-32; 24:21-22; I Sam. 15:6
I Cr. 2:55. (2) Ne. 3:14.

tribo dos keneus, maioral dos recabitas, que pretendia saudar o novo monarca.

Jeú viu naquele chefe um elemento poderoso para reforçar o seu partido e, sabendo de antemão qual era a sua atitude para com os que prestavam culto a Baal, convidou-o a subir para o seu carro, apertou-lhe a mão em testemunho de amizade e levou-o consigo para que presenciasse até onde ia o seu zelo na defesa do culto de Jeová. E, depois de ter mandado assassinar cerca de quarenta pessoas aparentadas com Acab e Jezabel, entrou, em companhia de Jonadab, no templo pagão, para onde tinha convidado previamente, a pretexto de grandes cerimónias religiosas, todos os sacerdotes de Baal. Então, fechadas as portas, todos foram passados a fio de espada por esbirros assalariados pelo rei. Tal mortandade tornou-se odiosa aos olhos de muitos.

O chefe dos recabitas assistiu à carnificina, mas ficou tão enojado com o procedimento sangüinário do monarca, que passou o resto da vida a preparar espiritualmente o seu povo para uma vida moral mais de harmonia com Deus, separando-o da corrupção deteriorante que minava a alma de Israel.

Embora Jonadab sentisse prazer com a perseguição do monarca aos cultos do paganismo, des-

gostou-se sobremaneira com a crueldade de Jeú. Acrescia ainda que a conduta posterior do rei estava mais e mais em oposição ao ideal religioso, honesto e sincero, que ele dizia seguir e ensinar aos que o acreditavam. Foi aquele massacre selvagem, traiçoeiramente preparado, que levou Jonadab a separar-se da multidão e a buscar refúgio na vida ascética.

O movimento recabita cresceu e fortaleceu-se alguns anos depois.

No reinado de Uzias, corriam de boca em boca, para instrução e para exemplo, os princípios básicos estabelecidos por Jonadab, recomendados como regras de prática para os seus seguidores. Não bebiam vinho nem plantavam videiras. Não possuíam campos nem os semeavam. Abrigavam-se em tendas de campanha e punham o seu ideal muito acima dos bens da terra (1). Eram firmes no propósito de cumprir as ordens e os conselhos do seu chefe, a quem chamavam pai.

Pode, pois, calcular-se a influência moral que esta atitude de viver teria exercido numa sociedade corrompida como era a de Israel nesta época, entregue a prazeres sensuais em nome dos seus ídolos, permitindo-se todos os abusos de exploração

(1) II Reis 10 : 15-28.

e de ganância, desculpando-se deles com pretextos religiosos.

Num meio social, contaminado por tantos erros e misérias, o movimento recabita constituía uma barreira contra desmandos que ofendiam a consciência das pessoas honestas. E foi grande o serviço prestado pelos seus filiados nos dois reinos israelitas. A ele se deve uma boa parte do esforço envidado no tempo de Uzias para espalhar entre o povo o gosto pelo culto de Jeová.

Além disso, havia no passado recabita o exemplo de pessoas notáveis, com nome ligado à história, que eram lembradas como padrão de vida moral. Jetro, o sogro de Moisés, e Zipora, a esposa deste que lhe foi companheira no deserto (1); Elias, o profeta itinerante de vida austera, que toda a Palestina admirou, cujo nome as Escrituras Sagradas registam como servo eleito do Altíssimo; Jeremias, o historiador do movimento recabita, que transmitiu à posteridade manuscritos de valor incalculável.

Enfim, tal movimento perdurou através dos séculos. Teve os seus adeptos no tempo de Jesus Cristo. O próprio João Baptista era praticante da sua moral. Muitas pessoas tornavam-se recabitas

(1) Ex. 2 : 21.

pelo ideal, embora não pertencessem à mesma tribo nem fossem israelitas.

Amós era recabita pelo espírito, pelo ideal e pelo coração. A sua obra dá pleno testemunho da grande influência que esse movimento exercera na sua alma. A sua mensagem é um cântico de louvor a um conjunto de virtudes que ele proclama como normas de vida honesta. É um espelho onde se reflecte o desejo íntimo de ver restaurados pela fé os crentes de Jeová. «Buscai o bem e não o mal e o Senhor dos Exércitos estará convosco» (1).

Eis como Jeremias define a orientação do movimento recabita: «Assim diz o Todo Poderoso, Deus de Israel: Pois que obedecestes ao mandamento de Jonadab, vosso pai, e guardastes os seus ensinamentos... nunca faltará varão que assista perante a minha face» (2).

(1) Amós 5 : 14.

(2) Jer. 35 : 18.

O REI UZIAS E O PROFETA PROTEGIDO

Não é fácil fixar datas para muitos acontecimentos referidos nas narrativas do Antigo Testamento. Por vezes a indicação dessas datas é mais uma curiosidade do investigador do que pretexto de necessidade. No entanto, é sempre louvável o esforço que tem por fim descobri-las e apurar da sua exactidão. Elas ajudam a penetrar fundo no âmago de certos episódios que, de outra forma, só poderiam ser estudados superficialmente.

Ora, uma dessas datas, muito discutidas ainda, que interessam neste trabalho, é a do terramoto na Palestina em tempo de Amós, acontecimento que ficou gravado na memória de sucessivas gerações. A ele alude o profeta logo no prefácio do seu livro. E, dois séculos depois, um outro escritor sacro, Zacarias, faz menção do mesmo cataclismo, o que prova a extensão do desastre e o efeito que ele produzira na alma do povo.

Pode dizer-se que o meado do século oitavo tem este triste epitáfio a lembrar o terror e o sofrimento da geração que o suportou. O fenómeno remexeu os fundamentos da crosta terrestre, abalou Jerusalém e outras cidades em redor, abriu crateras, arrasou montes, destruiu casas e edifícios públicos, fez desaparecer povoações, sepultando famílias inteiras sob escombros e ruínas. Multidões espavoridas correram para os campos, vaguearam alucinadas em busca de abrigo, fugindo à sombra da morte. Em poucas horas, a capital de Judá parecia despovoada, deserta, atulhada de destroços. De repente, tornara-se num calvário de suplício para muitas vítimas e cemitério improvisado para muitos mortos.

Corria o ano setecentos e sessenta e três da era antiga, que depois veio a chamar-se da fundação de Roma, quinze pelo menos antes do rei Uzias ter deixado o trono e saído para uma residência particular, que ficava a pouca distância das muralhas da cidade. Dois anos antes, apparecera em Betel um novo mensageiro, a quem o sacerdote Amazias negara o nome de profeta e que já era muito conhecido pelo de Amós. Estava relacionado com o seu rei e com outros nobres do seu país, tinha feito negócio com pessoas da corte de Jeroboão; era, como sói dizer-se, um homem de experiências feito.

Nada fazia prever a barafunda política que o simples pastor de Tecoa viria a provocar, involuntariamente, entre o trono e o altar. A questão teve o seu início no templo, começou entre o rei e o sumo-sacerdote, mas saiu para o ar livre das cidades e do campo, envolveu nobres e levitas, tornou-se largamente comentado e por demais escandaloso.

Josephus, judeu convertido e historiador do primeiro século da era cristã, faz coincidir este episódio político com o grande terramoto de Jerusalém (1), e afirma ter ele ocorrido no mesmo ano em que Uzias entregara o governo e o trono a seu filho Jotão. Embora haja uma diferença de três lustros de intervalo entre os dois acontecimentos, o facto que vamos referir foi também um terramoto, mais moderado nos seus efeitos, mas que abalou a consciência de Israel.

*
* *

Uzias tinha deixado o governo da nação porque a lepra, doença muito comum naquele tempo e que condenava a uma agonia lenta as pessoas atacadas por ela, tinha estampado seus tétricos efeitos no corpo do rei, embora ele procurasse dis-

(1) *Antiquities of the Jews* IX,10,4.

farçá-los durante algum tempo. Eram poucos os que sabiam da enfermidade do monarca.

Ora a lei levítica era inexorável com os leprosos, e estatuaía que as pessoas suspeitas de tal doença fossem examinadas pelo sacerdote, a quem conferia autoridade para declarar os que eram «limpos» ou «imundos». E quando a doença fosse confirmada por ele, o leproso era banido do convívio da família e do contacto com a sociedade.

Esta espécie de ostracismo, a que o rei fora forçado a entregar-se, começou pouco depois do grave incidente ocorrido dentro do templo de Jerusalém entre ele e o sumo-sacerdote. As causas que provocaram a quebra de relações entre ambos, não são muito conhecidas. Os documentos só relatam as consequências desse desentendimento, dando como certo que ele extremara dois partidos, com os nobres da corte ao lado do rei e cerca de oitenta levitas do lado de Azarias.

No entanto, é possível ler nas entrelinhas escritas pelos cronistas e ir mais além, em busca de esclarecimento mais seguro. Não se compreende como o rei tivesse caído no desagrado dos sacerdotes, sem uma causa forte além da lepra, porquanto essa infelicidade do rei não podia ser atribuída a culpa sua e apelava mais para compaixão do que para ressentimento.

Segundo o testemunho de escritores mais ou menos contemporâneos de Amós (1), o rei Uzias era estimado pelos seus súbditos, interessado em assuntos religiosos, amigo dos sacerdotes e pessoalmente a Deus. Fora ele quem mandara reparar os estragos feitos nas muralhas da cidade no tempo de Amazias, seu pai, e refazer as deteriorações e prejuízos causados no templo. Por outro lado, a assistência do monarca no santuário mostra que o seu interesse era atrair povo para o culto e intensificar as actividades dentro dele.

A este esforço do rei referem-se os cronistas, dizendo que «ele fizera o que era recto aos olhos do Senhor, conforme tudo o que tinha feito seu pai, e se dera a buscar Deus nos dias de Zacarias...» (2) e terminam afirmando «que Ele o fizera prosperar».

Em tais circunstâncias, é permitido perguntar: Seria a lepra a única causa da antipatia e hostilidade do sumo-sacerdote para com o rei? Tanto mais, sendo este activo, recto e bom, querido e respeitado pelo seu povo, crente em Jeová? É de crer que outro motivo permaneça oculto na origem daquele conflito.

(1) II Reis 14 : 21-22. II Crónicas 26 : 10-11.

(2) II Reis 15 : 3.

Deve ter havido uma forte razão para que Uzias, nos últimos anos do seu reinado, assumisse uma atitude de inimizade contra os sacerdotes do templo. A doença da lepra, embora influísse desfavoravelmente no estado psíquico do rei, não justificaria uma crise de mau humor, uma reacção hostil contra a hierarquia levítica, uma declarada rebeldia contra os costumes sancionados pela tradição. E não há testemunho de qualquer desarmonia anterior entre as duas autoridades, a política e a religiosa.

Mas Uzias conhecia Amós como frequentador do templo de Jerusalém. Sabia que era pessoa simples e honesta, pastor que pelo seu trabalho tinha conseguido elevar-se economicamente e socialmente no conceito dos seus contemporâneos. Sabia que ele tinha começado na vida como podador de sicômoros, crescido em importância, tornando-se curtidor de peles, negociante de lãs; que tinha viajado muito pela Palestina e fora dela, e convivido com criadores de gado enriquecidos, que dispunham de recursos e de influência.

Ora o rei era homem de grandes empreendimentos e de extensas propriedades. «Tinha muito gado, criados para o seu trabalho, imensos rebanhos, tanto nos vales como nas campinas» (1). Por outro

(1) II Cr. 26 : 10.

lado, as festas solenes do palácio e do templo exigiam muitos animais para os sacrifícios, havendo ocasiões em que os holocaustos se contavam por milhares ('). É, portanto, muito natural que Amós chegasse a ter negócios com o próprio rei e fosse conhecido de alguns familiares da corte.

Além disso, o profeta, envolvido como tinha sido por acusações e intrigas do sacerdote de Betel, tornara-se ainda mais popular em toda a Judeia. Não é de estranhar que Uzias estivesse a par do que se tinha passado no reino do norte por intermédio do seu colega Jeroboão, e entendesse que Amós poderia ser usado como mensageiro no templo de Jerusalém. Isto suscitaria em muitas pessoas a curiosidade de ouvi-lo e aumentaria a assistência às cerimónias religiosas, que ainda era muito fraca por motivos anteriores ao seu reinado.

Serviria também de boa recompensa para o novo profeta, em face do testemunho que soubera dar em Betel, esclarecendo muitos frequentadores do paganismo e chamando-os de regresso à fé de Jeová. Assim, o ensejo do monarca seria apenas louvável, tendo em vista levantar o prestígio do santuário e despertar mais interesse pelas coisas religiosas.

(1) II Cr. 15 : 11. II Reis 3 : 4.

Mas o pensamento do rei foi mal compreendido e pior interpretado por Azarias, que preparou contra ele uma forte opposição entre os levitas sob o pretexto de que Amós não era sacerdote. Acima da importância da fé e do proveito espiritual que a comunidade pudesse ter com a vinda de Amós para o templo, estava o orgulho da classe que não admitia quebra de direitos adquiridos. Impunha-se mais o zelo do múnus eclesiástico do que o efeito moral na alma de Israel.

Amós era homem da aldeia, boieiro de profissão, sem escola nem preparação comprovada. Não era recomendado por qualquer assembleia de eleitos. Não tinha credenciais de orador. E, baseado nestes argumentos, foi fácil a Azarias repudiar a pretensão do rei. Mas, porque o monarca insistisse nas suas razões e o sumo-sacerdote nas suas recusas, surgiu a discórdia entre as duas autoridades e extremaram-se dois partidos — o da corte, dirigido pelo rei com a cooperação dos seus conselheiros e o da clerezia, dirigido pelo sumo-sacerdote com apoio dos seus colegas levitas. E o lugar ocasional para dirimir o pleito foi o templo de Jerusalém.

É de crer que o monarca, crente como era em Jeová e familiar entre os sacerdotes, pretendesse continuar no seu posto sem ser declarado «imundo», e quisesse fossem feitas intercessões a seu favor,

como já tinham sido feitas por Aarão, a pedido de Moisés, em benefício dos israelitas ameaçados de peste (1). Mas Azarias recusou-se a fazê-lo.

Certo dia em que o monarca entrara no templo para assistir às cerimónias religiosas, Azarias foi informado da sua presença e negou-se a exercer as funções sacerdotais como era seu dever. Uzias sentiu-se ofendido na sua dignidade real e, usando o velho privilégio concedido aos príncipes (2), encaminhou-se para o altar, lançou mão do incensário para queimar o perfume. Foi então que o sumo-sacerdote clamou em voz alta contra o monarca, acusando-o de transgredir a lei que ele mesmo era obrigado a respeitar para exemplo dos outros.

Repetiu-se assim no templo de Jerusalém um incidente semelhante ao que, anos antes, tinha ocorrido junto ao santuário de Betel entre Amazias e Amós. Parece que o molde sacerdotal era idêntico, quer para servir no culto de Jeová, quer para officiar no ritualismo do culto pagão.

Daí o clamor dos desafectos da corte a espalhar entre o povo a notícia do rei leproso. Daí a insistência dos zeladores da saúde pública a fazer

(1) Num. 16 : 46-47.

(2) Num. 7 : 10-11.

I Sam. 21 : 6.

sentir a necessidade de afastar o monarca das suas funções e desligá-lo do trono. E conseguiram-no com êxito.

Por detrás do clamor dos levitas, escondia-se o propósito de aniquilar o prestígio de um homem que tinha engrandecido o país e merecido o respeito do povo.

AMÓS

○ MESMO HOMEM NUMA TRÍPLICE MISSÃO

Pastor — no planalto de Tecoá

Profeta — no reino da Samaria

Mensageiro — para a Humanidade

Esquema da Mensagem

e

Exposição do Assunto

Resumo Biográfico de Amós

Pastor de Tecoa 1:1

Boieiro e cultivador de sicômoros 7:14

Profeta — o seu livro está incluído entre os profetas menores 7:14

Crete no Deus Jeová 7:4,5,6, 8:11 9:8

O Senhor, Deus dos Exércitos 4:13 5:16 8:14

O Libertador de Israel 9:7

O que fez o Sete-estrela e o Oríon 5:8

O que escurece o dia como a noite 5:8

O que junta as águas do mar e as derrama sobre a terra 5:8

O primeiro profeta — cujos escritos chegaram até nós

O primeiro profeta canónico — segundo a antiguidade da sua mensagem

O profeta espiritual — que ensina o crente a sentir Deus no coração

Mestre de profetas :

a) Introduziu em Israel um tipo de profecia inteiramente novo

- b) Tornou-se um parêntese entre profetas anteriores e posteriores
- c) Operou uma mudança de rumo na história da profecia
- d) Inaugurou em Israel uma nova forma de expressão religiosa

O pregador da rectidão e da justiça.

O primeiro reformador religioso da antiguidade :

do culto
dos costumes
da moral

O apóstolo da integridade espiritual :

- a) Procurou estabelecer o conceito da pureza de Deus
- b) Dá a certeza da presença de Deus entre o povo

O castigador de toda a sorte de vícios :

Condena : a ambição de riquezas, a ganância de lucros, a usura, o luxo, a vaidade, a hipocrisia, e todas as formas de corrupção moral.

O cantor da verdadeira religião—na sua essência divina

O anunciador da justiça infalível de Deus—a que está sujeito todo o homem :

- a) Ele declara ao homem qual é o seu pensamento 4:13
- b) Ele tem o poder de castigar todas as injustiças 3:2
- c) Ninguém pode deixar de encontrar-se com Ele 4:12

«O profeta denuncia erros do seu tempo :

- a) a exploração escandalosa dos pobres feita pelos sacerdotes 2:8
- b) os negociantes que traficam com qualidades, medidas e preços 8:5-6
- c) os ricos que se não importam com a pobreza 6:4-6
- d) os transgressores da lei por avareza 5:12
- e) os falsos juizes 5:7
- f) o demasiado formalismo no culto de Deus 5:21-26
- g) a idolatria 5:26
- h) a superstição 8:14
- i) as formas abusivas do culto israelita que era uma síncrese do velho culto fenício a Baal

Tese de Amós :

O homem tem de escolher entre o bem e o mal
O inimigo cerca-o para atormentá-lo; Deus busca-o
para libertá-lo
Só há um refúgio seguro e uma fortaleza invencível — Deus
O Senhor dos Exércitos, Eterno, Criador, Supremo
Juiz, é a sua salvação

Deus fala para que o homem oiça :

- Eis que agora, diz o Senhor... 6:7
- Eis-me aqui, ó casa de Israel... 6:14

Antevisões do profeta :

- a) Destruição das nações que praticam o mal
- b) Invasão de Israel por tropas inimigas
- c) Tristezas e sofrimento no cativeiro

RESUMO BIOGRÁFICO DE AMÓS

- d) Castigo rigoroso para os transgressores da justiça
- e) Restauração da humanidade em Cristo

Amós condena os falsos profetas. — Afirma que são verdadeiros somente :

- a) os que são chamados e escolhidos por Deus 2 : 11
- b) os que ouvem a voz do Eterno 7 : 15
- c) os que estão de posse dos segredos divinos 7 : 16
- d) os que servem o Senhor em sinceridade de coração 7 : 1-5.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DE AMÓS

Tempo — Lugar — Tema principal — Epílogo da mensagem — Divisão do assunto — Interrupção de Amazias — Discurso incompleto.

Há detalhes na obra do profeta que continuam obscuros e só por conjectura é possível esclarecê-los. No entanto, muito há ainda para dizer e até para revelar sobre esta obra prima da literatura hebraica. O estudo meticoloso da mensagem e o seu confronto com manuscritos da mesma época, que resistiram à acção destruidora do tempo, são elementos preciosos para se reconstituir o ambiente moral e político em que Amós preparou a sua mensagem, e as circunstâncias em que ela foi proferida. Cremos até que permitem ir um pouco mais além do que se tem feito quanto à sua interpretação, mesmo para justificar a atitude do autor em torcer a sequência lógica do pensamento, e completá-la como a deixou.

Há quem tenha afirmado que a obra chegara

até nós muito alterada na sua redacção primitiva, porque se notam nela saltos bruscos, até mesmo deficiências de estilo que fazem supor autores diferentes. Contudo, não faltam argumentos que militem em favor da sua originalidade, que apresentem essas supostas deficiências como recursos de intuição a exaltar o propósito do mensageiro.

Tempo. — O autor declara, logo no primeiro versículo do seu livro, descrever «o que viu a respeito de Israel. . . dois anos antes do terramoto». Ora se Amós proferiu a sua mensagem dois anos antes desse cataclismo, e faz nela referência a um acontecimento ocorrido dois anos depois, é porque há um intervalo de tempo entre o acto de falar ao povo em Betel e o de reduzir a escrito o assunto dos seus discursos.

É difícil indicar com absoluta precisão a data em que Amós proferiu a sua mensagem. No tempo do autor não havia um ponto de referência universal para cômputo do tempo. Os babilónios, assírios, egípcios e hebreus, contavam-no pelos reinados na sucessão dos seus monarcas, em períodos curtos, comparando-os com as datas de outros monarcas conhecidos. Ajustar hoje essas datas ao calendário cristão é tarefa pouco compensadora.

Acresce ainda que Amós escreveu num período

de iniciação de duas importantes cronologias — a grega e a romana. A primeira olimpíada grega começou a ser referida com o triunfo de Corebo no ano 776 a. C.. A data da fundação da cidade de Roma foi atribuída por Varrão ao ano 753, ou seja vinte e três anos depois daquela. Em ambos os casos, é muito precária a certeza que elas oferecem para equivalência no calendário moderno.

Todavia, sabe-se de positivo que o profeta faz alusão a ocorrências que tiveram lugar nos reinados de Uzias e de Jeroboão. Isto permite uma melhor aproximação da data em que o autor escreveu o seu rolo, tendo em vista o começo e o fim dos dois reinos israelitas, e contando os anos, como fez Josephus, pela simples soma do tempo que cada um dos monarcas esteve no poder.

Neste caso, os acontecimentos mencionados pelo profeta ocorreram antes do ano 764, data do falecimento de Jeroboão II. A mensagem foi proferida dois anos antes do terramoto, em 765, conforme se indica noutra parte deste estudo, sendo concluída e manuscrita em rolo, outros tantos depois, isto é, em 760.

Lugar. — Não é de crer que o profeta tivesse proferido a sua mensagem dentro do templo de Betel, como pretendem alguns escritores, embora

seja esta a opinião corrente. Dentro do santuário não era permitido a quem quer levantar a voz e falar em público. A autoridade do sacerdote e dos oficiais encarregados de manter a ordem não consentiria que uma pessoa estranha aos familiares da congregação se fizesse ouvir a seu belo prazer.

Certo é que, mais tarde, nas sinagogas judaicas, era costume perguntar à assistência, durante o culto, se alguém tinha uma mensagem para dar ao povo e, em caso afirmativo, era-lhe indicado o momento oportuno para falar. A esta prática se refere S. Lucas nos seus livros (1). Mas no tempo de Amós, oito séculos antes do notável evangelista ter escrito a sua obra, não havia sinagogas na Palestina e o culto que os israelitas prestavam a Jeová era muito diferente do que veio a ser depois.

O lugar escolhido pelo profeta para dar ao povo a sua mensagem teria sido o espaço aberto em volta do santuário pagão de Betel, o átrio onde se juntava a multidão para conversar, onde quem quer podia falar em voz alta com o propósito de se fazer ouvir. Teria sido aí que ele procurou atrair a atenção de muitas pessoas para aquilo que lhes queria transmitir. Isto se depreende da maneira como ele começou a falar, a princípio cauteloso e prudente, usando mesmo de certa perspicácia na

(1) Evangelho 4 : 16-17 Actos dos Apóstolos 13 : 15

introdução do assunto para não suscitar suspeitas nem reacção. E conseguiu este objectivo com êxito.

A ocasião era de festa e, durante alguns dias, o povo acudia ao templo para assistir às cerimónias e passar horas alegremente. Era pois fácil reunir um bom auditório. E Amós queria que a sua mensagem fosse ouvida por muitos ; que ela produzisse o efeito de esclarecer as almas acerca das coisas de Deus e as fizesse meditar. Buscava triunfo para a causa que defendia, a de fazer mudar a atitude espiritual do povo, e guiá-lo a reagir contra a rotina pagã.

Tema principal. — No primeiro dia da sua mensagem, o profeta começou por delinear um tema que agradou — alguns acontecimentos históricos ainda recentes nas nações que cercavam o povo israelita. Passou em breve revista a Síria, a Fenícia, a Filistina, a Idumeia, o reino de Amon, antes de entrar a expor culpas e erros cometidos na Samaria e na Judeia. Salientou a falta de segurança para os dois reinos israelitas. E o assunto despertou interesse na assistência.

O profeta fez ver que a prosperidade que ambas as nações desfrutavam, era simples aparência ; que esse período seria curto e grandes contratempos teriam todos de enfrentar no futuro ; que

inimigos fortes surgiriam dispostos a conquistar-lhes a terra e roubar-lhes a liberdade; que o povo israelita tinha rejeitado a lei de Jeová, abandonado a sua casa de culto, esquecido dos estatutos divinos, deixado iludir por suas «próprias mentiras». Afirmava que o castigo se faria sentir por causa destas prevaricações.

Esta habilidade do mensageiro, falando primeiro das nações vizinhas que eram consideradas inimigas de Israel, surtiu efeito desejado porque impressionou bem. Por outro lado, Amós conseguiu dar às suas recriminações um cunho de imparcialidade que o tornava insuspeito e lhe abriu campo para acusar ricos e pobres, sobretudo os gananciosos que oprimiam os humildes e usavam de rigor excessivo com os escravos.

Escusado será dizer que este primeiro dia de mensagem o tornou conhecido no meio da multidão. O povo apontava-o com respeito e ansioso por ouvi-lo. Tornou-se admirado e até querido por muitos. Pode dizer-se que o terreno estava preparado para receber a semente que a eloquência do mensageiro lhe quisesse transmitir.

Epilogo da mensagem. — No segundo dia, Amós prosseguiu no seu plano, aprofundando as considerações que tinha na sua mente. Para impor

silêncio e despertar curiosidade, precisava de qualquer expressão que servisse de rótulo a um discurso de carácter verdadeiramente espiritual. E conseguiu-o, dizendo : «*Ouvi esta palavra que o Senhor vos manda... que eu levanto como lamentação sobre vós, ó casa de Israel*» (1).

Esta espécie de invocação dirigida à inteligência dos ouvintes foi tão feliz que o profeta, notando o efeito que ela produzira, a repetiu três vezes, no desenrolar da sua argumentação.

O povo acorreu de novo, acotovelou-se, predisposto a ouvir a voz que no dia anterior se havia mostrado ser inspirada. O orador citou vícios, maldades, fraquezas, misérias ; contou das suas experiências e fez apelos ao bom senso e à razão. Por vezes as suas afirmações iam ferir alguns ouvidos mais sensíveis. Aludiu a um dia de contas para todos, diante de uma justiça que não falha ; fez gravar na memória da assistência uma nota de alcance moral — a da culpa que a todos dizia respeito.

Cumpra dizer que algumas afirmações do profeta foram arrojadas, mesmo atrevidas, porque eram em desabono dos santuários de Betel, de Gilgal, de Berseba, que o povo frequentava e eram contados entre os mais concorridos da Palestina.

(1) Amós 5 : 1.

Mas, acima de tudo, sobressaía a sinceridade da sua alma. É certo que Amós falava de todos os rebeldes ao culto de Jeová, tanto pagãos como indiferentes, dos que adoravam imagens e dos que não se interessavam por assuntos espirituais. Ele queria despertá-los, esclarecê-los para que pudessem reflectir; queria fazer-lhes sentir a urgência de uma vida mais dependente da confiança no Criador. Daqui os suas palavras: «*Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus*» (1). Este era o objectivo máximo da sua mensagem.

Divisão do assunto. — As grandes festas dos israelitas na Palestina, cuja instituição data dos tempos do Êxodo, prolongavam-se por sete dias. A Páscoa, a festa das Semanas, a dos Tabernáculos, eram celebradas no templo de Jerusalém com pomposas cerimónias e muito concorridas por gente de perto e de longe.

O costume das festas religiosas, continuadas durante dias consecutivos, estendeu-se a outros templos e santuários do paganismo. As de Betel primavam pelo brilhantismo das práticas ritualistas de modo a ultrapassarem pelo esplendor as de Jerusalém, a atraírem peregrinações que vinham do norte e dos países em redor.

(1) Amós 4 : 12.

Por isso, Amós dividiu a sua mensagem em quatro partes, destinando para cada uma o seu dia. No primeiro, fez a introdução do assunto e percorreu sobre a matéria dos capítulos 1 a 3; no segundo, expôs a sua previsão de calamidades e abrangeu os capítulos 4 e 5; no terceiro, relatou corrupções de Israel, conforme os capítulos 6 e 7; no quarto, teria lugar a conclusão dos capítulos 8 e 9; que não chegou a ser proferida por causa da intervenção do sacerdote de Betel.

Interrupção de Amazias. — Amazias tinha sido informado do que se passava no átrio do santuário com as palestras do profeta. Alguém se tinha sentido magoado com as afirmações feitas por ele e levava as suas queixas junto do sacerdote.

Nesse dia, o profeta iniciou as suas considerações com uma exclamação em tom de lamento e disse: «*Ai dos que repousam em Sião e se sentem seguros no monte da Samaria*». Recordou algumas ideias expostas anteriormente acerca do seu conceito de justiça e percebeu comentários em surdina, um murmurar desagradável que não era encorajador. Teve a certeza de que havia descontentes no meio da multidão.

Para amenizar o ânimo de algum ouvinte mais renitente, Amós falou das suas experiências

pessoais e das suas visões, da maneira como as interpretava, da confiança que lhe tinham inspirado e, comentando-as, disse : «*O Senhor Jeová assim me fez ver . . .*»

O profeta chegou a ter a impressão que tudo tinha serenado e continuou aprofundando o assunto da mensagem. A certa altura, clamou que «o Senhor ia pôr um prumo no meio do seu povo ; que os altos de Isaac seriam assolados e destruídos os santuários de Israel». Então Amazias não se conteve. Resmungou em voz alta, abriu passagem por entre os ouvintes, rompeu em protestos e ameaças num propósito de provocar tumulto, procurando sublevar os descontentes e espalhar confusão entre os circunstantes. E realizou o seu intento. Essa interferência inesperada teve êxito, produziu alvoroço, gerou confusão.

A arenga sacerdotal encontrou adeptos, a mensagem foi interrompida, o profeta foi compelido a calar-se.

Discurso incompleto. — Amós foi obrigado a suspender o seu trabalho. Argumentou com Amazias, mas o burburinho recrudescia. Ele era israelita e judeu, mas estava numa nação estranha e rival da sua. O ambiente pagão que o cercava não lhe era favorável. Por outro lado, as ameaças do sacer-

dote encontraram eco em alguns desafectos, fazendo engrossar o partido descontente. Ouviram-se acusações, levantaram-se intrigas, invocaram-se castigos. Amós calou-se, o tumulto cessou.

Entretanto a multidão foi dispersando, mas a querela contra Amós prosseguiu acirrada por Amazias, que fez chegar o assunto ao conhecimento do rei e dos seus conselheiros, com argumentos exagerados e falsos para indispor o mensageiro com a autoridade real.

Os inimigos apodaram-no de malsinador e fatalista, de pregoeiro de coisas tristes, de sonhador aventureiro, de inimigo de Israel. Estes epítetos, nada lisongeiros, correram de boca em boca, serviram de pasto em muitas conversas, chegaram a alguns recantos da Palestina, mesmo aos levitas do templo de Jerusalém. A mensagem do profeta fora estropiada no seu significado, desvirtuada do seu propósito, adicionada com episódios grotescos tecidos por línguas palreiras.

Mas o que mais entristeceu Amós, foi ter perdido a oportunidade de resumir as suas considerações, de completar a sua mensagem, de convencer o povo a ter confiança na misericórdia de Deus.

A MENSAGEM ESCRITA E A SUA INFLUÊNCIA

Razões que levaram o profeta a escrever a sua obra :
Objectivo da mensagem—A linguagem do profeta — Sua chamada para o ministério — Projecção da obra no tempo.

Cerca de dois anos depois do tumulto provocado por Amazias em Betel, ocorreu na Palestina um violento terramoto. O solo tremeu de tal modo que muitas casas foram demolidas, edifícios públicos reduzidos a ruínas, a cidade de Jerusalém e outras em redor ficaram cheias de destroços.

As vibrações do templo foram tão fortes que as paredes fenderam do alto até aos alicerces, com brechas tão largas que através delas passavam feixes de raios solares espalhando luz no interior. Houve muitos desastres, mortos e feridos. O povo aterrorizado corria sem rumo pelos becos e vielas, clamando em altos gritos, em busca de refúgio nos campos e nos montes. Foi tal a depressão moral causada pelo medo que muitos dos fugitivos recusa-

vam-se a voltar para as cidades e aldeias dias depois do cataclismo.

No meio da confusão e da tristeza, muitas pessoas clamavam que o cismo tinha sido um castigo de Deus, e lembravam as palavras do profeta. Outras tomavam-no como princípio de expiação das faltas por ele enunciadas. A celeuma que as afirmações do profeta tinha levantado em Betel, voltou a repetir-se, agora favoravelmente apreciadas.

Por outro lado, recordava-se o escândalo produzido pelas recriminações de Amazias, criticava-se a sua atitude como reacção pouco feliz contra os avisos de Deus. Amós ia crescendo em importância aos olhos de todos quantos o viam e conheciam. Tornou-se respeitado e querido.

Muitos judeus, indiferentes ao culto de Jeová, reconsideravam no seu afastamento, convencidos de ser Ele o mais poderoso de todos os deuses. E diziam para consigo: — Se este terrível desastre ocorreu pouco tempo depois dos avisos do profeta, que ainda fez antever outros maiores, é porque ele era realmente inspirado do alto, e outros virão a seu tempo como castigo de repetidas transgressões. E desafiavam a memória, indagando uns dos outros o que Amós tinha dito.

Foi então que o profeta julgou oportuno reproduzir por escrito o assunto da sua mensagem. O seu

trabalho tinha ficado suspenso, incompleto, e devia ser acabado. Por outro lado, muita gente tinha ficado mal disposta, na dúvida do que ele tinha afirmado, porquanto circulavam boatos desconhecidos acerca das más intenções do mensageiro. Agora, era o momento propício para remediar o mal e esclarecer a verdade; para provar que o profeta intruso e malsinador era um enviado de Jeová, um homem de bem, amigo da sua terra e do seu povo, que via com tristeza as rivalidades políticas e religiosas que enfraqueciam Israel.

*

* *

Objectivo da mensagem. — O profeta pretendeu levar Israel a meditar sobre o seu passado, a inferir consequências do tempo presente, a compreender o estado da sua alma. Queria que ele soubesse até onde tinha ido no esquecimento de Deus, o que poderia esperar da sua pátria e do seu destino sem aquela protecção divina que fizera a glória dos seus avós. Esforçou-se por torná-lo consciente do poder de uma justiça que não deixa de manifestar-se sobre todos os transgressores; por gravar-lhe na consciência a certeza de que essa justiça é infalível nos seus juízos, inevitável nos seus efeitos, e que, cedo ou tarde, o homem se encontra a contas com ela.

E, para convencê-lo de que Israel não podia deixar de ser apontado como transgressor, desde que tinha falhado nos compromissos assumidos pelos seus antepassados, apela para a história como exemplo de actividades divinas e formula este dilema : Se Deus tem manifestado o rigor da sua justiça para com as nações que cercam a Palestina, condenando os seus erros e castigando as suas prevaricações, poderá deixar de fazer o mesmo com Israel, o povo escolhido e, portanto, com maior responsabilidade de obediência ? ! A resposta dada pelo profeta é lógica : Certamente não. De contrário, o mundo poderia pensar que Deus não actuava com rectidão.

Em seguida, enumera alguns dos erros e abusos que constituem acusação contra Israel : Imoralidade das pessoas e das famílias, luxúria, falta de honestidade nos contratos, avareza dos ricos, ganância nos negócios, egoísmo dos poderosos ; ausência de carácter naqueles que buscam atingir seus fins por meio de suborno e malícia dos que se deixam subornar ; ociosidade das mulheres e gula pelos prazeres mundanos ; indiferença pelos sofrimentos e miséria dos outros, falta de caridade e uso de violência. Devido a isso, as manifestações religiosas do povo eram puramente externas ; uma rotina formal na preparação de festas, nas práticas do culto, no ritualismo de sacrifícios, que em nada contribuía para aperfeiçoar a vida espiritual do

indivíduo. Em vez de guiarem os crentes a corrigir seus defeitos, a sentirem-se na dependência de Deus, só lhes proporcionavam oportunidades de gozo material e afastavam cada vez mais do verdadeiro caminho.

Afirma que as multidões vivem na ilusão das coisas sagradas ; que o povo resume os seus deveres à presença nos santuários e a ofertas às imagens, julgando que isto é bastante para dar cumprimento às suas responsabilidades. Assim desorientado, pela propaganda dos sacerdotes, julga aumentar os seus créditos perante Deus com visitas frequentes e peregrinações aos templos pagãos. Diz ainda que esta crença lançou raízes no coração do povo, porque não era devidamente instruído no valor das coisas divinas. Pelo contrário, era ensinado no erro por aqueles que olhavam mais para os seus próprios interesses do que para o benefício das almas e felicidade das famílias.

A sua mensagem assenta sobre princípios morais, ensinamentos da verdade que são salutares para quem a lê e nela medita. O autor procura esclarecer o povo da sua geração para que possa compreender Deus na sua essência espiritual e divina, e ponha de lado conceitos meramente supersticiosos e práticas de idolatria. Afirma que Deus abomina festas e peregrinações que envolvem hábitos imorais ; que os holocaustos dos altares

pagãos não são aceites, porque são oferecidos com intenções impuras e praticados por mãos imundas ; que as preces e louvores não são ouvidos quando se resumem a palavras pronunciadas sem reverência.

Amós clama contra erros e arbitrariedades do seu tempo, contra as transgressões dos governos e dos governados, contra a religiosidade rotineira e balofa dos sacerdotes e do povo. Repete leis morais e normas de boa conduta, às quais todos são obrigados e devem obedecer. Ele sabia que Israel havia feito um contrato com Deus e que esse contrato garantia protecção divina e bom resultado nos empreendimentos, enquanto o povo fosse fiel (1). É isso que o profeta recorda. Para além dele, fica ainda a misericórdia divina que nunca enfraquece.

*

* *

A linguagem do profeta é directa e incisiva, por vezes um pouco violenta. Mas só uma voz enérgica, apoiada em autoridade moral, poderia fazer-se ouvir em plena aglomeração de gente, num lugar movimentado e adverso, como era o templo de Betel, em dias de festa. Tanto mais sendo essa voz a de um desconhecido, vindo do reino de Judá,

(1) Ex. 23 : 22-33 ; 24 : 3-8.

nada simpatizante com os ritualismos do culto pagão.

Ora o objectivo do profeta era fazer-se ouvir, captar a atenção dos forasteiros e levá-los a meditar na mensagem que anunciava. É só uma voz firme, clara e enérgica, poderia impor respeito e suscitar curiosidade de ouvir aquilo que ia dizer. O seu estilo é próprio dos oradores que têm assunto de utilidade e argumentos que o comprovam; é próprio dos inspirados que transmitem o que o Espírito põe na sua alma, sem preocupação com pruridos de linguagem, nem com palavras que se tornem troços.

Supôs-se, por muito tempo, que a dicção do profeta era a de um homem do campo, sem cultura; a de um pastor de gado afeito à solidão dos montes, rude e simples; a de um revoltado, movido por impulsos de reacção contra a impiedade do seu tempo. Afirmou-se que o seu falar reflectia o ambiente da aldeia e, por isso mesmo, se tornava áspero e arrogante. Mas esta severa apreciação da crítica facilmente foi corrigida.

Hoje, a opinião dos comentadores é quase unânime em afirmar que o profeta se exprime numa linguagem sóbria de termos e até de beleza; que o autor revela uma cultura invulgar de autodidacta, um conhecimento amplo de história, que estava a par dos acontecimentos principais da sua

época; que era viajado, observador, juiz criterioso, homem activo e bem preparado na escola da experiência; que arrazoava com inteligência, tinha autoridade para falar das coisas divinas e era inspirado a fazê-lo com entusiasmo e firmeza. Assim sendo, a sua obra foi lida e apreciada, exerceu grande influência nas gerações apegadas à Bíblia, contém ensinamentos e advertências que enquadram em todos os períodos. É toda ela uma grande e profunda lição para quem medita e estuda.

É preciso notar que Amós parece ter sido escolhido para servir de porta-voz a uma mensagem revelada, necessária e urgente, destinada a ferir ouvidos desabitutados à verdade, e a abrandar corações empedernidos. Para além da missão que lhe fora confiada, estava o seu desejo de encorajar o povo a compreender a sua rebeldia, de ajudá-lo a mudar o curso do seu mau destino. Isto dava-lhe estímulo para falar com convicção e veemência. E fê-lo de maneira a dar certeza de que as palavras eram suas, mas o fruto da graça lhe vinha do céu. Séculos depois, o próprio Jesus Cristo diria a seus discípulos que não deviam preocupar-se com palavras quando fossem chamados a dar testemunho, porque o Pai, lá do alto, lhes segredaria argumentos no momento oportuno (1).

(1) Luc. 12: 11-12.

*

* *

A importância da obra de Amós ressalta aos olhos de quem estuda, quando se conhecem as circunstâncias em que ele foi chamado a profetizar.

O povo de Israel estava a sair de uma prolongada crise religiosa para os seguidores do culto de Jeová, que eram relativamente poucos. Esta crise prolongou-se por mais de um século e várias causas contribuíram para ela. Primeiro, foi o incremento do paganismo no reino do norte com a apostasia de Acab e a má influência religiosa de Jezabel sobre o marido; depois, o rápido desenvolvimento que a idolatria teve no reino do sul, devido à política do genro e da filha, Jorão e Atália, pais do rei Acasias. Esta soberana mostrou ser em tudo uma digna continuadora dos processos de Jezabel, sua mãe, pois fez em Judá aquilo que ela já tinha feito na Samaria (1). O esforço dos dois monarcas e das esposas, no sentido de extinguir o culto de Jeová, foi de tal ordem que, segundo o testemunho de escritores de nomeada, apenas sete mil almas escaparam imunes ao contágio pagão (2). Mas que eram esses sete mil crentes «que não dobraram os joelhos diante de Baal, nem beijaram bezerros do

(1) II Cr. 21 : 4-6.

(2) I Reis 19 ; 18 e Rom. 11 : 4.

sacrifício», comparados com tantas centenas de milhar de israelitas, rebeldes ao verdadeiro Deus?

Cerca de trinta e cinco anos depois, outro rei bem intencionado, de nome Joás, mandou levitas pelas cidades de Judá a falar ao povo e a pedir recursos para reparar o templo de Jerusalém, que estava abandonado. Para isso, fez preparar uma caixa em forma de cofre e mandou colocá-la à entrada do santuário, convidando o povo a trazer ofertas para o Senhor como havia feito no tempo de Moisés. O apelo foi repetido em nome deste chefe, que todo o judeu respeita e admira. A necessidade de reconstruir um monumento nacional, que fazia lembrar a idade áurea de David e de Salomão, o desejo dos levitas de recuperar o antigo prestígio fizeram com que as ofertas fossem generosas. A arca encheu-se repetidas vezes e o dinheiro foi bastante para custear as despesas do embelezamento e para comprar vasos, perfumadores de ouro e de prata destinados às cerimónias do culto (1).

Mas, logo a seguir, nos últimos anos do reinado de Amazias, Jeoás, rei de Samaria, marchou com suas tropas sobre Judá e venceu Amazias e os seus soldados em Beth-semes (2). Avançou sobre Jerusalém, quebrou a resistência dos que defendiam a cidade, desmantelou as suas muralhas

(1) II Cr. 24 : 8-14.

(2) II Cr. 25 : 21-22.

numa extensão de quatrocentos côvados, forçou as portas do templo, saqueou e roubou os seus tesouros, e fez transportar para a Samaria todo o ouro e toda a prata que lá encontrou, incluindo vasos preciosos e alfaias dos sacrifícios (1). Este acto de franca pirataria da parte do rei do Norte esfriou ainda mais a pouca fé do povo judeu e fez com que o templo de Jeová continuasse quase abandonado.

Era pois necessário alguém que fizesse despertar as almas, que reanimasse os seguidores de Jeová na sua actividade religiosa, que provocasse neles um reavivamento espiritual benéfico para todos. E foi numa situação assim que Amós foi chamado para o santo ministério de servir em nome de Deus. Pode mesmo dizer-se que a dedicação do profeta ao seu novo mister provém da necessidade urgente de reunir os fiéis desanimados, de reconduzir ao centro primitivo da fé de Israel os enfraquecidos e os indiferentes. Amós vê diante de si uma geração demasiado preocupada com símbolos e quase ignorante no conhecimento do verdadeiro Deus. A sua terra, o seu templo, a sua Tora, o seu tabernáculo, o seu David e o seu reino, eram coisas que lhe recordavam glórias e faziam esquecer o supremo Autor delas.

Em vista disso, Amós sentiu-se chamado a dar

(1) II Cr. 25 : 24.

a sua contribuição à sociedade. Compreendeu a vantagem de aproveitar a boa vontade do rei Uzias, de auxiliá-lo na cruzada já iniciada pelo avô. Resolveu-se a lutar para reconduzir o povo à confiança em Deus. E fê-lo em momento feliz, porquanto o seu testemunho se tornou eloquente e a sua influência tremenda.

E assim o profeta foi um dos elementos mais notáveis do seu século, sem pretensões de ser ilustre ; um reformador de costumes, sem ambição de popularidade ; um mestre burilador de conceitos divinos, sem pensar ser teólogo. Na sua mensagem canta o ideal da vida, a pureza da fé, a singeleza do culto, a comunhão íntima da alma com o Criador.

UM POVO EM MARCHA

No meio das Nações

«Porquanto o Senhor é Deus de misericórdia e não te desampará».

Deut. 4 : 31

Amós, ao escrever as primeiras linhas da sua mensagem, tinha reconstituído em espírito o espectáculo tétrico que apresentaria a sua terra natal quando, cerca de cem anos antes, soldados de três nações irmãs, comandados pelos seus próprios monarcas, se haviam trucidado em chacina raivosa, inesperada e cruel.

O acontecimento havia ocorrido no planalto de Tecoa, aí pelo ano 892 da fundação de Roma, em pleno reinado de Josaphat, filho e sucessor de Asa, que ao tempo governava na Judeia, logo após a morte de Acab, rei na Samaria.

As duas pequenas nações israelitas tinham vivido em contendas e luta por mais de três quar-

tos de século antes que Acab e Josaphat, então ligados em parentesco pelo matrimónio de dois filhos, emprendessem em comum um simulacro de campanha contra os sírios, invadindo com tropas armadas a cidade limítrofe de Ramoth-Gilead, no território de Basam. A escaramuça foi mal sucedida para os dois monarcas, visto que Acab foi ferido gravemente e veio a falecer algumas horas depois. E Josaphat, por sua vez, não ficou sem recompensa.

A oriente de Judá, na margem oposta do lago Salgado, hoje mais conhecido por Mar Morto, coexistiam três nações irmãs, separadas entre si pelos rios Zared e Arnom. Eram elas Edom a sul, Amom a norte, e Moab no meio das duas. Os monarcas destes pequenos países, quase sempre em desacordo político, entenderam-se para conquistar o de Judá, cujo território era contíguo. E, sob o pretexto de vingar a afronta feita aos sírios por Josaphat, coligaram as suas forças para invadir o reino vizinho.

Convém lembrar que os povos das quatro nações que iam envolver-se em luta, tinham a mesma étnica e provinham da mesma origem. Eram hebreus e vizinhos. Os israelitas e os edomitas descendiam de Jacob e de Isaú, irmãos gémeos, filhos de Isaac e de Rebeca; os moabitas e amonitas também eram irmãos, tendo como ascendentes

os dois filhos de Loth, sobrinho e companheiro de Abraão. Sendo assim, as quatro nações empenhadas entre si numa guerra de vida e de morte tinham Tera como antepassado comum. Eram da mesma raça.

Em tais circunstâncias, era de crer que o parentesco e a vizinhança estreitassem laços de amizade, aproximando povos e seus governos na defesa de interesses legítimos, e afastando deles qualquer tentativa de violência. Mas não sucedeu assim. A afinidade de sangue e a terra comum não foram elementos bastante fortes para impedir o serem ultrapassados por sentimentos de ódio e de vingança. O homem de então, e bem assim o dos nossos dias, apesar de se encontrarem à distância de vinte e oito séculos de civilização, não estão ainda imunizados contra tendências egoístas, de maneira a dar triunfo ao direito e à razão, a curvarem-se de respeito perante o privilégio de viver, evitando fazer a outros aquilo que não desejam para si.

Ora no tempo de Josaphat era costume dos governos manterem vigias permanentes sobre as muralhas das cidades e em pontos estratégicos ao longo das fronteiras. Estes atalaias estavam sempre alerta como meio de precaução contra ataques de surpresa perpetrados por inimigos. Eram guardas avançados, incumbidos de observar tudo quanto

se passava em redor, para em caso de ameaça de perigo prevenirem as autoridades a tempo de estas tomarem medidas aconselhadas pelas circunstâncias do momento.

Aconteceu, porém, que um dos atalaias de Judá, em serviço ao sul de Jerusalém, vislumbrou grande movimento de tropas marchando vagarosamente ao longo do deserto, na direcção de Engedi, uma pequena cidade costeira a ocidente do Mar Morto. Investigou o assunto, soube tratar-se duma invasão, e correu a avisar o rei de que um formidável exército, sob o comando de três monarcas, vinha a caminho de Jerusalém para conquistar a terra e reduzir o seu povo à servidão. A notícia causou alarme no espírito do rei e dos seus conselheiros.

Acrescia que Judá não tinha exército bastante, nem preparado, que pudesse opor-se com êxito a tamanha incursão armada. Josaphat calculou a extensão do perigo e pressentiu que o seu povo não tinha defesa; que a nação estava sob a ameaça de perder a sua independência e tinha de contar sòmente consigo; que a hora do sacrifício se aproximava e não havia a quem recorrer em busca de auxílio. A situação era difícil de controlar e dolorosa em extremo.

Então, num gesto de feliz inspiração, enviou pregoeiros pelas vilas e aldeias a convidar o povo

para uma reunião de emergência. Dentro de poucas horas foi enorme o ajuntamento. O povo, alvoroçado pela voz dos mensageiros, acudiu em massa, vindo de perto e de longe. Foi tal a multidão que um mar de gente não coube no templo de Jerusalém e a magna assembleia teve de realizar-se ao ar livre.

O rei foi o primeiro a falar, relatando a triste ocorrência e o perigo que a todos ameaçava, porquanto os invasores tinham por fim destruir-lhes a paz, roubar-lhes a pátria e a liberdade, desorganizar-lhes a vida e as famílias, substituí-los na posse dos seus campos, casas e jardins. E os que sobrevivessem à guerra ficariam para sempre escravos dos vencedores.

Ao ouvir estas palavras, aquela multidão aterrada pelo medo começou a lastimar-se em lágrimas e soluços. Mas Josaphat procurou levantar um pouco a moral do seu povo, fazendo-lhe antever algumas esperanças de salvamento. Disse que em seu entender só havia um recurso, uma porta aberta para socorro. Era Jeová, o Deus de Israel, pois era poderoso, compassivo, e já tinha valido a seus antepassados em circunstâncias difíceis de resolver. Aconselhava a todos voltarem-se para Ele com súplicas e jejum; talvez as suas orações fossem ouvidas e amparados nesta triste emergência.

E logo aquele mar de gente consternada ace-

deu ao convite do seu rei, permaneceu de pé a clamar misericórdia, com preces repetidas e brados de aflição. Foi um pranto de angústia que Deus atendeu, compadecido e apiedado da tristeza do seu povo.

Eis que uma voz sonora e firme se fez ouvir no meio do alvoroço. O seu timbre inspirava confiança. Era a de Jaaziel, um levita do templo, homem de comprovada vida moral, mas que ninguém conhecia como profeta. Falou em nome de Jeová, inspirado do alto, proferindo palavras simples que se tornaram bálamo num ambiente de tortura cruciante. E bradou como um vidente: *«Não temais nem vos assusteis por causa dessa grande multidão de inimigos, pois a peleja já não é vossa, mas sim de Deus. Amanhã descereis ao seu encontro, e não tereis de lutar, porque o Senhor estará convosco. Ao chegar lá, parai, permanecel de pé, e vede a salvação que Ele vos dá»* (1),

A mensagem foi breve, mas tranquilizadora. A multidão aceitou-a como vinda do alto e começou a recuperar ânimo. O próprio rei teve a certeza de que Deus estava no meio do seu povo e quis que todos dessem graças por esta esperança tão confortadora. Fez reunir à parte os cantores do templo e os que tangiam instrumentos, e ordenou-

(1) II Cr. 20 : 15 - 17.

-lhes que entoassem em alta voz uma estrofe responsiva, que milhares de bocas repetiram com unção divina: «*Louvai ao Senhor, porque a sua benignidade dura para sempre*» (1). E no fim daquele salmo, cantado e chorado por um ajuntamento de pessoas em perigo, sem defesa, a alma colectiva ia renascendo. O medo fugia acossado pela confiança. E assim fora decorrendo a tarde daquele dia.

Na manhã seguinte, Josaphat apresentou-se diante do seu povo, calmo e grave. Dirigiu-se à multidão e clamou: «*Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros; crede nos seus profetas e tudo vos sairá bem*» (2).

Depois, ordenou em forma os seus soldados, precedidos pelos levitas do coro e, na frente de todos, como comandante em chefe, ele próprio, montado no seu ginete, sereno e animoso, irradiava coragem para todo o pequeno exército. Observada de lado, aquela tropa em marcha era um punhado de homens mal apetrechados para combate, mas esperançados no êxito da causa que defendiam. As palavras que o profeta tinha pronunciado com tanta convicção, repetiam-se agora como eco na mente e no coração de todos.

Tecoa ficava apenas a uns quilómetros ao sul

(1) Salmo 136.

(2) II Cr. 20:20.

de Jerusalém. Naquele tempo o caminho era pedregoso e atravessava a pequena povoação de Beth-leem. Os soldados israelitas passaram-na entre áleas de mulheres e de crianças que comentavam em voz baixa, misturando preces com apóstrofes de incitamento à luta. E era cerca do meio dia quando os israelitas alcançaram o posto do atalaia, na encosta do monte, onde acamparam para se refazerem da viagem, antes de avançar ao encontro do inimigo.

Mas alguns soldados, movidos pela curiosidade de ver a extensão de terreno ocupado pelas forças invasoras, subiram até a cumeada do outeiro para alongar a vista sobre a planura que se distendia no sopé da vertente oposta. Era lá que o combate ia travar-se para defesa de Israel.

Oh ! Surpresa das surpresas ! Foi tétrico e aliante o espectáculo surgido ante os olhos daqueles soldados. O acampamento inimigo estava transformado num amplo cemitério de corpos insepultos. O chão da vasta planura era todo ele uma ara de sacrifício. Estava coberto de corpos de homens e de cavalos, trespassados pelo furor das lanças enraivecidas, de mistura com escudos e capacetes de aço, carretas e implementos de guerra. Por cima daquele lúgubre cenário pairava a luz pálida de um sol entre nuvens, e um silêncio de sepulcro servia-lhe de mortalha. A paisagem era triste, con-

frangedora. A própria natureza parecia revestida de luto e mergulhada em dor.

E assim, num epílogo de ódio e de sangue preparado por três monarcas, terminara a sua ânsia de conquista; assim foram poupadas ao luto e à miséria milhares de judeus, velhos, mulheres e crianças, malsinadas pelo conluio real para serem vítimas de cruel vingança.

*

* *

As três nações coligadas contra Judá não primavam pela amizade, mas os seus monarcas tinham-se unido apenas por ambição de conquista. O objectivo comum era dilatar as fronteiras de seus reinos para além do mar e do rio Jordão. Engedi fora escolhida para ponto de concentração. Cada um dos monarcas devia encaminhar para lá as suas tropas, e cada grupo combatente cuidaria de si. Assim foi. Muitos fizeram a viagem por mar, embarcados em jangadas, em canoas, em chalupas. Mas o grosso daquele tríplice exército, com seus cavalos, carretas e apetrechos, movia-se por terra, ao longo da margem, contornando o lago Salgado pelo sul.

Naquele tempo as leis da guerra eram rudimentares e os soldados sustentavam-se mais da pilhagem do que das provisões que transportavam.

Sucedia ainda que as tropas de Amom e de Moab tinham de atravessar o país de Edom, numa viagem que se prolongava por alguns dias. E foi este, sem dúvida, o que mais sofreu com o deslocamento dos invasores. Por onde passavam havia assaltos nos campos e espoliação nas aldeias. Eram frequentes os roubos de géneros e de gado.

Pequenas povoações viam-se privadas de sustento e reagiam descontentes. Os soldados edomitas tomavam o partido do seu povo e, como era de crer, opunham-se aos transgressores. Isto suscitou desinteligências, discussão, protestos. Os mais exaltados davam rédeas ao temperamento e eram frequentes as escaramuças. Mas entre eles havia, de permeio, uma grande força moral — a de uma causa comum.

Assim, os mais corajosos refreavam a violência, na esperança de que a concentração de Engedi fizesse esquecer incidentes da viagem e restabelesse em todos uma indispensável confiança. Mas tal não se verificou. Pelo contrário, reunidas que foram as tropas, logo se manifestaram inimizades. Surgiram queixas, recordaram-se excessos cometidos, inflamaram-se os ânimos. Havia grupos que se anteolhavam com desdém.

Os três monarcas aperceberam-se da situação e procuraram controlá-la, apressando os seus sol-

dados a marchar em direcção ao deserto de Tecoa, onde todos acampariam para ser ordenada a estratégia do ataque. Foi então que o azar proporcionou um trágico desfecho para aquela incursão de conquista. A hostilidade entre grupos só a muito custo estava sendo reprimida. Aquele formidável ajuntamento de tropas era como um barril de pólvora que uma chispa de fogo, por muito pequena que fosse, podia fazer explodir. Qualquer querela entre guerreiros mal humorados atearia um incêndio de ódios, difícil de apagar. E assim aconteceu.

Não tardou que alguns mais exaltados renovassem a discussão. Extremaram-se grupos, cujas fileiras engrossavam com adeptos. Só faltava pôr de lado a disciplina e passar a vias de facto.

No meio da celeuma, alguém levantou a voz como se fosse um grito para desforra, e logo as armas entraram em jogo. Os chefes não puderam manter a ordem, suster a luta, e a refrega estrugiu como um vendaval, generalizou-se. O choque das lanças, o alarido dos combatentes, o tumulto da multidão, aumentavam a cegueira. Naquele inesperado pandemónio, ninguém se apercebia do lamento dos feridos nem do estertor dos moribundos. Mal tinha decorrido uma hora, já aquela extensa planície ficara tingida de sangue, amontoada de cadáveres, juncada com destroços. Poucos tinham sobrevivido para fugir.

Ali caíram três chefes realengos, vitimados por sua própria malícia. Lá deixaram a vida os organizadores duma expedição inglória que ia espalhar sofrimento e miséria entre milhares de inocentes. E a empresa não teve o desfecho que lhe queriam dar, porque Deus interveio a favor do seu povo. Nada tinha podido contê-los — nem a moral, nem a razão, nem o medo, nem o respeito pela vida do próximo. Estas forças morais que são padrão das consciências bem formadas, não dominaram a cegueira nem o ódio. Deus, o bem, a paz, a justiça são factores de pouca valia quando o homem perde a noção de dignidade e se sente com mão livre para cometer desvairos e atropelos.

Este exemplo, tão eloquente, mostra que Deus põe diante do homem o bem e o mal, a vida e a morte, e concede-lhe o privilégio de escolha de harmonia com própria vontade. Era de crer que este, como criatura inteligente, preferisse sempre o melhor ; que só o bem lhe agradasse e a vida lhe merecesse um máximo de respeito. Mas não se dá isso. O rebelde, mau grado a cultura de que se vangloria, ainda não chegou ao ponto de escolher com acerto os bens que são postos ao seu dispor. Por vezes, o mal tem poder que o sugestiona, a vida parece-lhe coisa trivial, a arrogância do eu antepõe-se acima e além de todos os nobres sentimentos. Desce do nível em que foi criado, inferioriza-se, teima em considerar-se senhor de si

mesmo. E este orgulho é o seu maior inimigo, porque nada de bom o constrange — nem honra, nem virtude, nem caridade, nem remorso, nem castigo.

*

* *

Este acontecimento de Tecoa foi uma fonte de inspiração para Amós. Fê-lo meditar e convencer de que Deus quer bem ao seu povo eleito.

A sua geração estava apenas a cem anos daquela tragédia fratricida na qual se tinha manifestado um poder maravilhoso no sentido de salvar de um desastre a pequena nação judaica. A lembrança dessa vitória era transmitida de pais a filhos em narrativas de tradição oral. O profeta ouvira falar, muitas vezes, dessa formidável concentração de tropas inimigas e da maneira como o conflito tinha terminado. Por vezes, ao atravessar aquele descampado da sua terra, parecia-lhe ver gravado em letras invisíveis um epitáfio de vergonha sobre a campa rasa de três monarcas inditosos. Lá, naquele deserto, momentos antes do sacrifício, os três chefes coligados deveriam ter sentido o peso moral da sua maliciosa aventura e quão falaz são as vanglórias do mundo.

Acresce ainda o facto de serem frequentes as romagens de povo em visita àquele lugar, que era

morada de poucos, mas tinha sido cemitério de muitos. Pessoas de perto e de longe, que vinham a Jerusalém, eram movidas pela curiosidade de passar uns momentos naquela planura transformada em centro de patriótica devoção. E quantas vezes, almas sensíveis e piedosas recordariam o quanto Israel devia à vontade divina, repetindo em oração as palavras do salmista :

«Se não fora o Senhor, que esteve ao nosso lado, quando os homens se levantaram contra nós, então nos teriam engolido vivos, porque a sua ira se acendera contra nós» (1).

Amós estranhava que o povo da Samaria se mostrasse esquecido do quanto Jeová tinha feito em benefício da raça eleita. Estranhava até que o próprio monarca não tivesse ainda preparado uma reforma religiosa que auxiliasse os seus súbditos a regressar à fé proclamada por Abraão e por Moisés. A esse gesto de gratidão, que ele considerava como responsabilidade moral, se referiu ele em argumento com Amazias, afirmando : «Deus se levantará com a espada contra a casa de Jeroboão» (2).

(1) Salmo 124 : 2, 3, 6.

(2) Amós 7 : 9.

Resumo da Mensagem de Amós

Introdução: 1:2 2:13

O Senhor clamará de Sião, e de Jerusalém fará ouvir a sua voz...

Invocação: 3:1

Ouvi, pois, esta palavra que o Senhor fala contra vós...

Profecia: 3:11-14 4:2

Um inimigo surgirá, e cercará a terra, derribará a tua fortaleza...

Apelo: 4:12 5:1

Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus.

Tema: 5:4, 5, 6, 14

Buscai ao Senhor para que tenhais vida...

Corrupção de Israel: 6:3-4

Vós que prolongais o dia mau e vos alegrais com a violência...

Visão de experiências más: 6:7, 8, 11 7:8-9

Chegado é o tempo em que sereis levados para o desterro...

Reacção contra a mensagem: 7:12

«Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá, e lá come o teu pão, e lá profetiza...»

Clamor de profeta : 7:17 8:1

«Ouve tu, agora, esta palavra do Senhor...»

Começo da expiação : 8:2-3, 7

Chegou o fim sobre o meu povo de Israel...

Geração rebelde : 9:1

Tornarei as vossas festas em luto, e os vossos cânticos em pranto.

Misericórdia de Deus : 9:5-6

Porquanto o Senhor dos Exércitos é o que toca a terra...

Promessa de restauração : 9:7-9

Não fiz eu subir Israel da terra do Egípto?...

Perdão e Resgate : 9:11, 14, 15

Eu tornarei a levantar a casa de David, que caiu, e a reconstruir as suas ruínas... e removerei o cativo do meu povo...

Isto diz o SENHOR, teu Deus.

NOTA:

Esta mensagem do profeta é como um quadro pintado a duas cores — sombra e luz. Representa a humanidade escravizada por misérias, mas protegida por um poder eterno. É uma obra prima da velha literatura hebraica. Vamos agora apreciá-la em cada um dos seus nove capítulos.

Não vamos fazer exegese do texto. Isso já está feito. Vamos meditar com o seu autor e fazer considerações que o texto sugerir.

O HOMEM SOB O DOMÍNIO DO ETERNO

Cap. I — a Lei, a Vida, Plano Divino.

«Palavras de Amós — o que ele viu a respeito de Israel, nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos de Jeroboão, rei de Israel». 1:1

Da leitura da mensagem, nos primeiros quinze versículos, depreende-se serem quatro os assuntos que mais prenderam a atenção do profeta, entre as muitas coisas que ele conseguiu aperceber. Essas coisas que sobretudo lhe preocuparam o espírito, à volta das quais se desdobra o entrecho do seu livro, são — o predomínio da Lei divina, a negação do valor da vida, a substituição de Jeová, o plano de Deus permanente no mundo.

Algumas expressões que o autor usa nesta parte da sua obra, tais como — o castigo por transgressão, o pranto nas cabanas dos pastores, a seca no cume do Carmelo, Deus a clamar no monte Sião.

— sugerem temas que lhe inquietaram a mente e guiaram a pena para escrever sobre eles com inteligência e com fé.

Como ele diz no preâmbulo do seu livro, viu, meditou e escreveu. Fez mais. Bradou aos quatro ventos contra os exageros e falsas interpretações dos povos da sua geração, dentro e fora da Palestina. E tratou com tanta sinceridade e elevado conceito de justiça os problemas da vida comum, que a sua mensagem foi verdadeiramente inspirada, abriu campo à revelação dos profetas e à investigação dos filósofos, ficou para sempre adaptada às necessidades sociais de cada época.

Amós mostrou ser dotado de penetrante raciocínio para observar com profundidade de conhecimento erros e maldades que torturam o homem, para avaliar com subtileza a complexidade de fenómenos e de problemas que se desenrolam na alma das nações. Mostrou ainda possuir o condão de antever acontecimentos e anunciá-los como certos, apondo sobre eles o selo da sua convicção.

Estes predicados, que são para admirar num mundo essencialmente materialista como o de então, levaram-no a pronunciar-se sobre coisas que ultrapassavam o domínio da análise; a predizer factos imprevistos, que não obedeciam a leis, a transmitir às suas afirmações um cunho de inabalável con-

fiança. Não conjectura, não inventa, não adivinha. Fala simplesmente. Mas aquilo que diz é confirmado pelo poder que lhe vem do alto. A sua pedra de toque é uma palavra — *Justiça*; o seu dilema é uma sugestão — *Buscai ao Senhor, e vivei* (1).

O profeta trata daquilo que mais o impressionou. Não busca rodeios. Vai direito aos assuntos e foca a realidade das coisas. A sua frase é incisiva, dura para quem a ouve, mas apropriada. Tem por vezes o efeito dos lances de tragédia. Mas é nisto que ele põe a claro a sua personalidade e torna evidente a sua capacidade de observação.

Não se contenta com superficialidades. O seu espírito é inquiridor. Vai com a inteligência até onde outros não podem chegar. Procura entrar na alma e no coração das pessoas, ausculta o estado moral da multidão, prevê consequências, tira conclusões, aconselha com sabedoria, incita com entusiasmo à prática do bem.

*

* *

Lei natural. — Amós faz distinção entre lei natural e lei escrita. Natural é aquela que provém directamente de Deus, que só a Ele pertence fazê-la executar e com a qual o homem não pode

(1) Amós 5: 6.

interferir. A ninguém é permitido alterar o curso do sol, impedir o ciclo da lua, interromper a ordem dos dias e das noites, suprimir as estações ou as marés. Todavia, estes fenómenos de observação constante obedecem a leis que os tornam periódicos e regulares.

Lei escrita é aquela que foi revelada verbalmente, que foi percebida por intuição divina, que foi preparada por investigação da inteligência. Na sua essência tem a mesma origem que a lei natural, mas depende da vontade do homem reconhecê-la como tal e cumpri-la.

Moisés recebeu da parte de Deus princípios de carácter universal, que transmitiu ao mundo gravados em tábuas de pedra, que são base da lei moral para todos os povos, raças e nações. Escreveu-os para que pudessem ser lembrados com frequência, andar na memória de todos e servir de molde a quaisquer atitudes do coração e da vida.

Amós refere-se à primeira quando fala aos israelitas da justiça imanente, que cedo ou tarde tem de ser cumprida, da qual ninguém pode fugir ou eximir-se. Aponta para a segunda, quando clama contra as misérias morais da sociedade, das famílias e dos indivíduos, para que as reconheçam como fraqueza, e se esforcem em remediá-las e vencê-las. Vai mais além. Indica um novo rumo para todos

seguirem e põe-lhes diante dos olhos a urgência de entrar nele: «Corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro impetuoso» (1).

O profeta conhecia bem a lei escrita, dada ao povo por intermédio de Moisés, e tinha grande respeito por ela. Sabia que era uma súpula de regras que exprimiam uma vontade suprema; que à volta dela se formulariam outras para auxiliar os povos a compreendê-la e a obedecer-lhe.

Mas a lei completa, imutável, que sobreleva a todas, mais ampla e indefinida, não está escrita nem pode ser compilada. Essa é a que governa o mundo, dirige a humanidade, preside ao lento desenrolar da história. Ninguém a revoga nem ultrapassa; actua sempre em proveito do homem.

Para Amós, a vontade de Deus constitui Lei suprema e universal. Não falha, não engana, não atropela. Tudo quanto ela regula é fruto da sabedoria divina; tudo quanto ela ordena é para glória da obra criada. É a salvaguarda dos povos e das nações, da rectidão que superiormente se manifesta. E nela todos podem confiar, porquanto as decisões tomadas por uma mente suprema, esclarecida e recta, não podem deixar de ser vantajosas e justas.

Quanto mais o homem se aperceber da ver-

(1) Amós 5:24.

dade dessa Lei, se esforçar por compreendê-la e interpretá-la na sua própria vida, mais confiança terá em si mesmo e no seu destino, mais firmeza nos seus actos, melhor crédito para a sua personalidade. Em frente dos seus olhos desloca-se um horizonte mais amplo do que aquele que eles podem alcançar.

Há também no pensamento do profeta, além dessa Lei universal, um destino comum a todos os homens, que é o do seu encontro com Deus, embora muitos, nesse encontro, não possam invocar misericórdia. «Ai daqueles que desejam o dia do Senhor»! — exclamou o autor da mensagem, porque julgam ser o dia do perdão.

Deus tem sido a meta para onde a humanidade caminha no seu perambular através do tempo. E ninguém pode afastá-la de prosseguir na realização desse supremo objectivo. Consciente do seu propósito ou ignorante da sua fraqueza, destra na sua marcha ou vagarosa no seu andar, dispendo de vontade firme ou arrastada na corrente, é nessa direcção que ela caminha. E para completar essa viagem com êxito, o homem cogita, pergunta, trabalha.

Fugindo das trevas, busca mais luz. Em todas as épocas ele se tem mostrado inimigo do incó-

gnito, preocupado com o desconhecido, cobiçoso de mais certeza para o espírito e para a inteligência. A luz atrai-o. É qualquer coisa de sublime que lhe faz olhar para o alto, de que ele precisa e procura a todo o transe. E, para consegui-la, põe em jogo todas as faculdades. Luta para instruir-se, para realizar, para vencer, para subir. Luta contra a sombra, contra o enigma, contra a dúvida, contra o erro. Procura a verdade.

É nessa direcção que todos os povos caminham. O plano está traçado com antevisão das coisas, com infinita sabedoria. A marcha começou em épocas que já ficam longe. Ninguém pode impedi-la. Pretender estorvar que ela avance é rematada loucura.

Negar à humanidade acesso a essa meta suprema é tentar contra o impossível, é opor-se ao progresso das nações, contradizer a sua própria existência. Quer o homem queira quer não, o mundo não pára. Há uma Lei eterna que o dirige.

Mesmo em períodos de crise provocados por falta de fé, por discórdias ou rebeldias, só há um caminho direito e seguro que conduz a grandes conquistas, que leva ao predomínio do espírito sobre a matéria. Esse é o que aproxima a criatura do seu Criador. O único que oferece garantias de triunfo.

Falar em progresso, em civilização, em avanço científico, em novas descobertas nos limites da técnica e do pensamento, é afirmar que o homem não está parado ; é dar testemunho de que ele vai alargando a sua actividade em diversos campos, sujeitando-se a experiências e aventuras que lhe abram a porta para possibilidades até ali desconhecidas. E nessa escalada constante, cedo ou tarde, ele se encontrará com o Autor da suprema Lei.

Acresce também que o homem está indo ao encontro de si mesmo, da sua personalidade perdida, de valores que tem desprezado, de dons que lhe foram confiados mas que ele rejeitou, vencido por fraquezas inerentes à sua natureza. Este auto-exame que ele é chamado a fazer de si mesmo, o fará cair em meditação e lhe dará consciência da sua origem.

Entretanto, não pode deixar de convencer-se que está sob o domínio da Lei universal, quer dizer, do poder e da vontade de Deus. Não é uma lei escrita, compilada, resumida. É imanente, abstracta, inflexível, mas fácil de verificar em tudo que está criado. Ninguém poderia organizar em código essa Lei, porque o todo não cabe em qualquer das suas partes. Mas uma coisa é certa — todos estão sujeitos a ela e ninguém pode eximir-se ao peso da responsabilidade que lhe toca.

Essa Lei demonstra que a vontade de Deus tem de ser respeitada ; que o homem é livre para escolher entre o bem e o mal, mas terá de prestar contas pela escolha que fizer ; que a inflexibilidade desta regra anda ligada a um poder supremo que a impõe a povos e nações ; que o exemplo dessa Lei natural conduz a inteligência a reconhecer também a importância da lei escrita e da obediência que lhe é devida.

Amós foi um dos primeiros escritores sacros a verificar o valor dessa Lei e as duras consequências a que leva o seu desprezo ; foi também um dos primeiros a recomendá-la como indispensável para que o homem saiba reprimir instintos maus, querer bem ao próximo e viver em paz.

*

* *

O valor da vida. — Amós sentiu que o homem tem amesquinhado a importância da vida ; tem-lhe roubado o seu valor. No entanto, só Deus é o autor dela. Ninguém mais a pode criar. É dádiva preciosa que Ele tira de si mesmo, da sua essência, divina. Só Ele a tem por direito próprio e dispõe dela conforme lhe apraz.

«Eu sou aquele que é» foram as palavras bem simples que definiram a Moisés a sua imanência, pro-

vando assim que Ele existe por si mesmo, incriado e eterno. E elas afirmam que a vida Lhe pertence. Esse poder maravilhoso que o Criador fez descer sobre o barro para animar o primeiro homem, foi o mesmo que deu forma ao Verbo, para que se revestisse de carne e pudesse mostrar-se ao mundo. «Nele estava a vida» — diz o evangelista S. João (1).

Portanto, a vida é emanção de Deus, perfume do seu talento excepcional e da sua santidade. É graça sublime, beleza incomparável, mistério incompreensível. Não tem preço. O seu valor é infinito.

A maior glória do homem é ter sido criado à semelhança do seu Autor. — «Àquele que é». Deus tirou-o do nada. Serviu-se do pó da terra para moldar-lhe a estrutura e sobre um bocado de matéria inerte insuflou o fôlego da vida. Quer dizer; Soprou sobre ele, deu-lhe do seu hálito fecundo. Em suma, compartilhou com ele a Sua natureza celeste. Dotou-o com faculdades prodigiosas de inteligência, de vontade, de movimento, para que pudesse orgulhar-se da sua origem.

A vida tem patente divina. — Por mais que o sábio se esforce na pesquisa das propriedades da

(1) Êxodo 3:14 Evangelho segundo S. João 1:4.

matéria, no estudo das combinações químicas elaboradas pelas células dentro do organismo, não poderá tornar consciente a substância de si mesmo insensível. Muitas descobertas têm sido feitas nas retortas dos laboratórios e no cadinho das alquimias, mas jamais apareceu neles o processo de criar vida. Este processo continuará a fazer parte do mistério, e este será sempre o segredo do Génio que a concebeu. Não é arte; é dom. Não é poder inventivo; é privilégio de Um sòmente.

Ainda que o biólogo pudesse, algum dia, realizar o fenómeno de dar sensação de vida à matéria bruta, jamais poderia insuflar-lhe a energia miraculosa que transcende do Criador, a alma e o espírito, que são parte integrante da natureza divina.

A vida foi, é e continuará a ser, um facto maravilhoso operado pelo Senhor de tudo. *«Todas as coisas foram feitas por Ele e, sem Ele, nada do que está feito se fez»*. Eis como interpretou a obra sublime da criação o inspirado de Patmos. A sua afirmação contém toda a architectura do mistério (1).

E se o homem pensasse a sério no conceito que encerra a palavra «Vida», seria mais respeitador do direito que ela reclama.

(1) Êxodo 3 : 14 Evangelho segundo S. João 1 : 3.

A quem pertence a vida? — Para responder a esta pergunta, há que pôr de lado a experiência do químico, a arte do mecânico, a lógica do filósofo. É preciso retroceder em espírito à génese do primeiro homem, quando ele começou a sentir, a mover-se, a querer, a falar. Só então se poderá perceber o quanto ela tem de complicado e de surpreendente.

Não é uma invenção curiosa nem uma actividade tão simples, como aparenta. É um prodígio de harmonia e a resultante de um sistema complexo: O poder da corrente sanguínea nas veias e nas artérias, o fluxo e refluxo desse líquido viscoso no coração, o vibrar incessante dos nervos, o ruído dos sons articulados em função do pensamento, a magia dos reagentes que elaboram a vontade, a elevada categoria do espírito e do intellecto, tudo isto em conjunto, em exercício, com gestos palpitanes de emoção registados pela consciência, só um grande engenho podia ter executado.

Desde o átomo e da célula, partículas microscópicas que entram na estrutura do corpo humano, até ao cérebro e ao coração, órgãos primaciais que nele têm função especial, quantos problemas a ciência não explica, quanta minúcia de movimentos é conhecida apenas em teoria!

Interessante é ainda o facto de ser a vida

quem dá valor ao corpo. Este, só por si, é peso morto. Mas o corpo humano, com vida, pode ser um santuário do amor e uma fonte de luz.

Quando o apóstolo Paulo afirma que o homem é templo do Deus vivo, comprova a excelência do poder divino a manifestar-se na matéria consciente. Mas o corpo sem vida não tem esse privilégio. «*Não pode louvar-te a sepultura, nem a morte glorificar-te*» — afirmou um conhecido profeta (1).

O facto de o Criador ter feito o homem, segundo a Sua própria imagem, acrescido da promessa de habitar nele, é mais do que suficiente para impor respeito pela vida e colocá-la muito acima de todas as urdiduras da malícia, de todas as conspirações do ódio e da vingança.

Os hebreus distinguiam na vida dois elementos diferentes. Um deles revela-se como manifestação de energia sobrenatural, a que deram o nome de *khayah* ; outro, como força rítmica, espécie de respiração animal a que chamaram *nephesh*. O primeiro destes elementos é exclusivo do homem, concessão especial que lhe foi feita do alto, como traço de união entre Aquele que dá e aquele que recebe. E esta distinção flagrante, que a teologia

(1) I Cor. 3 : 16 II Cor. 6 : 16 Isaias 38 : 18

hebraica faz entre os dois, atesta a nobreza heráldica do homem.

Apesar disto, a vida não é um empréstimo que Deus lhe faz. É um dom que lhe oferece, uma graça que lhe concede para ser usada em proveito dos outros. Mas cada um só pode usá-la temporariamente. Não lhe pertence a título definitivo. Não pode transferi-la a outrem, nem aliená-la. Assim como não pode criá-la, também não pode estorvar que outros a tenham. Quando muito, pode preparar o ambiente em que ela venha a manifestar-se. Pode auxiliar a sua conservação, mas de modo algum lhe é permitido destruí-la.

Enfim, a vida é como uma jóia sem preço para adorno do mundo em que ela se manifesta. Só oferece vantagens. Quanto mais pura for e melhor uso tiver, mais valiosa se torna.

O joalheiro que manda polir um diamante não o deixa conspurcar com impurezas que lhe mancham o brilho, nem o esconde da vista dos outros. Pelo contrário, quanto mais exposto o tiver e mais resplandecente o conservar, mais valor lhe será atribuído. Permitir manchá-lo na sua beleza cristalina é negar-lhe vantagens e diminuir-lhe o preço. Assim é com a vida, a mais preciosa de quantas dádivas foram confiadas ao homem para seu próprio benefício.

Quando a jóia de alto valor entra na posse de um indivíduo, não se destina a acompanhá-lo para a sepultura. Passa a fazer parte do património da família. Continua a ser exibida, a ser exposta, a atrair a atenção de quem a vê, enriquecida pelo tempo e pelo uso, aumentada na estimação que lhe seja atribuída.

Ora a vida é a melhor jóia que o homem pode ostentar. Não acompanha ao túmulo aquele que a possuiu. Volta para Aquele que a criou, para continuar ao serviço de quem a usufruiu. É pertença de Deus, para bem ou para mal daquele que a usou. Quanto mais eficiente for, mais apreciada será. A saúde, a alegria, a inteligência, o saber, a coragem, a santidade, são facetas do mesmo diamante, partes do mesmo todo que o Supremo Artista soube conceber e talhar.

Por outro lado, a vida é um valor real que entrou no património da comunidade. Tem de ser apreciado e defendido como tal. Aquele que atenta contra ela, no propósito de destruí-la, comete um crime contra o povo e contra Deus.

A vida é um dom desprezado. — Não há dúvida que o homem quer bem à vida, mas é àquela que lhe pertence. A dos outros, em geral, não lhe interessa tanto. Entra na conta de bagatela. Porém, poucos bens merecem mais consideração.

Acresce que a vida é um privilégio divino. Só por isso deveria ser respeitada como tal. Mas não é.

A civilização moderna, de que os povos tanto se ufanam, não tem conseguido educar o homem, de maneira a fazer-lhe respeitar a vida do próximo como um direito irrevogável que, sob pretexto algum, possa ser preterido.

«Não matarás» é expressão de um mandamento que ordena absoluto respeito pela vida dos outros. É um artigo da Lei proclamada pelo Todo-Poderoso. Duas palavras que implicam uma determinação da Vontade Soberana, que a tornam compreensível e clara, sem o risco de suscitar dúvidas quanto à sua interpretação.

Mas o homem esquece a ordem, salta por cima dela. Mata por tudo e por nada. Mata por ódio e por vingança, por capricho e por malícia, por crueldade e por cobardia. Mata porque quer, porque lhe mandam, porque lhe pedem, porque lhe pagam. Ora por arrogância, ora por perversidade, mas não deixa de matar. A tiro, a punhal, à cutilada, a ferro, a fogo, com veneno, com laço, com a língua, com electricidade, com a guilhotina. Tudo serve para roubar aos outros aquilo que lhes é mais precioso.

Mata em nome da lei, em nome da razão, em nome da justiça, em nome de Deus. E fá-lo em tempo de guerra e em tempo de paz, para con-

quista e para defesa, para alterar a ordem e para restabelecê-la. Mata a rir, a chorar, a tremer de medo, a explodir de cólera, sobre-excitado e a sangue-frio. Mata porque mata. Os indivíduos matam, os Estados matam, matam os que governam e os que são governados. Neste desaforo contra a Lei, a vida é a sempre mártir.

Será isto civilização? Respeito pelo próximo? Consciência da dignidade humana? Temor da justiça de Deus? A resposta é um simples — Não.

Então hemos de concordar que o conceito comum que se faz da vida é puramente trivial. O hábito vem de longe, do tempo em que o homem habitava nas selvas e se refugiava nas cavernas, desse passado longínquo e bárbaro que ele condena, porque os sentimentos eram baixos e o instinto prevalecia sobre a razão.

A indiferença pela vida dos outros é tão flagrante em nossos dias que a palavra «matar» não causa receio, nem simples arrepio. Pelo contrário, exprime uma doença já crónica, um contágio social a que todos se adaptaram, que não é fácil evitar por se ter perdido a esperança de eliminá-lo. Nem a escola, nem a igreja, nem o tribunal, nem a prisão, nem o amor, nem a caridade, nem o receio da justiça de Deus, são forças bastantes para ensinar a respeitar a vida e a conter o ímpeto de matar.

O mal é de todos os tempos. Amós lembra à sua geração que o castigo das maldades cometidas contra o próximo se espalhará entre os culpados como fogo de justiça. E menciona os que torturavam os vencidos com barras de ferro; os que caçavam fugitivos de guerra para negociá-los, entregando-os aos seus inimigos; os que perseguiram à espada os próprios irmãos para feri-los de morte; os que desventravam mulheres grávidas pelo prazer mórbido de vê-las sofrer; os que vendiam pessoas pacíficas e honestas, porque se tinham tornado escravas; os que abusavam da miséria e pervertiam os inocentes.

Poderão ficar impunes estas transgressões? E o profeta responde: É impossível. O castigo se fará sentir como um fogo que se alastra e devora.

Foi este o assunto do clamor de Amós há vinte e oito séculos. É caso para perguntar: Que progresso fez a humanidade durante dois mil e oitocentos anos no sentido de fazer respeitar a vida do próximo? Se exceptuarmos as instituições de beneficência e de caridade, o caminho percorrido é pequeno.

Não será tempo de intensificar uma permanente campanha de instrução neste sentido? De se fazer intensa propaganda nas escolas, nas igrejas, nos centros recreativos, para incutir na alma de todos uma espécie de veneração íntima por esse dom, esse direito que a todos pertence?

O HOMEM EM REBELDIA COM DEUS

Cap. II — A malícia

«Por três transgressões, e por quatro eu não me afastarei...»

Amós 2 : 1

O profeta interpretava os acontecimentos da história à luz de um critério realista que não era comum nos chefes religiosos daquele tempo. Ao seu extraordinário poder de observação aliava o privilégio da inteligência esclarecida. Era prático nos seus conceitos, inspirado por nobres ideais de justiça e de fraternidade humana.

Estava certo de que Israel havia sido chamado a desempenhar um papel préponderante no mundo, mas não acreditava que o facto de ter sido escolhido fosse apenas para lhe assegurar protecção, prestígio e glória. Pelo contrário, o conhecimento que tinha da Lei lhe afirmava que essa escolha impunha ao povo israelita a difícil missão de servir de testemunho entre as nações, de dar exemplo de

fé à humanidade, de provar com actos de coragem o seu espírito de compreensão e de sacrifício. Tinha na sua frente uma viagem longa por caminho escabroso.

Moisés já tinha feito referência ao significado dessa escolha; já se tinha pronunciado em palavras proféticas sobre o destino de Israel (1). Muitos, porém, ignoravam; outros tinham esquecido o que o grande legislador havia escrito. Por isso só reclamavam benefícios, sem reflectir que o velho concerto também impunha deveres.

Ao desprezo que a sua geração mostrava pelo concerto attribuía Amós algumas tristes consequências — o enfraquecimento da raça, a decadência moral das famílias, a deterioração de virtudes, o abandono de tradições. E, para além destes efeitos imediatos, antevia outros ainda mais funestos. Eis como ele resume os seus pressentimentos acerca do futuro:

«... dias estão para vir sobre vós, em que vos levarão com cadeias, e a vossos descendentes com anzóis de pesca... (2)»

Amós lamenta que o seu povo tivesse perdido a confiança em Jeová; que a sua fé tivesse decaído

(1) Dent. 4 : 26 32 : 1 - 4. (2) Amós 4 : 2 5 : 27.

por falta de exercício espiritual; que o culto mono-teísta, ensinado por Moisés aos apátridas, no deserto, tivesse degenerado em ritualismo pagão. Isto equivalia a trocar Deus, o Senhor dos exércitos, por Baal, o símbolo da anarquia religiosa. Substituir Jeová, o companheiro de tantas lutas para sair da servidão, por ídolos fabricados à maneira da Babilónia e do Egípto era transgressão máxima e suprema rebeldia.

Por todos estes factos, a sua geração tinha falhado. Em vez de recorrer a Ele, como havia feito a descendência de Jacob, no meio das dificuldades do deserto, preferiu ir ao encontro da sorte orientado por ilusões que mentiam, apoiado em recursos que não tinha. E esta atitude lhe acarretaria experiências infelizes.

O profeta antevia grandes desastres no futuro. Israel havia peregrinado quarenta anos através do deserto da Arábia, e vencido com êxito muitas contrariedades em Canaan. Mas tinha de fazer outra viagem mais difícil no deserto das nações. Esta seria mais longa e mais cheia de imprevistos. E, se a protecção de Deus fora indispensável outrora para que o povo eleito entrasse na posse da sua herança, mais imprescindível seria, de agora em diante, na jornada incerta da vida.

*

* *

Estava, pois, convencido de que a sorte do povo judeu era, em grande parte, o resultado de situações difíceis de controlar, quase inevitáveis. Situações que lhe eram impostas pela força, tanto do Egipto onde havia descido à triste condição de escravo, como da Assíria que, por várias vezes, lhe invadiria a casa, desautorando-o de mandar nela. E, embora ele chegasse a antever o cativo na Babilónia, talvez não assistisse ao espectáculo de ver os seus irmãos de raça reunidos em multidões, tangidas como rebanhos de irracionais a caminho do desterro. Não vislumbrou sequer tantas outras experiências más que os descendentes de Israel iam encontrar no seu caminho, em dolorosa expiação durante séculos.

No entanto, já no seu tempo, ele considerava o povo hebreu como vítima de ambições insaciáveis e de caprichos poderosos; bode expiatório de culpas que não eram suas, instrumento político de estratégias manejado a contento de imperantes.

«E sereis apertados na vossa terra como um carro de folhas secas (1)»...

(1) Amós 2:13-14

Idem 4:2 e 5:27.

Folhas secas! — Desprendidas do ramo que as unia entre flores, separadas do tronco que as alimentava com seiva, dispersas ao acaso por fortes rajadas, caídas no chão, calcadas, contundidas pela sorte; depois varridas, amarfanhadas, oprimidas em feixe como coisa desprezível, abandonadas ao tempo para fertilizar novas plantas!

Jamais duas palavras apenas definiram com mais precisão alguns séculos de história. Foram inspiradas na mente de Amós para servirem de comparação ao destino de uma raça malfadada por seus desvaios, e sempre amparada por Aquele que a tinha escolhido. Uma raça heróica e mártir, que se esforçava por viver em paz e sem ambições de conquista, mas transviada. Um povo que amava a terra para onde tinha sido guiado, que apascentava gado, acarinhava a família, fundamentalmente religioso, mas iludido por si mesmo.

Um povo tirado da sua pátria, separado do seu Deus, posto em fuga pelo medo, disperso em grupos pelas nações, irradiado do convívio social, misturado com outras raças, e repellido. Folhas secas, sem rumo, açoitadas por ventos do infortúnio, aqui acolhidas, acolá arrastadas, oprimidas com desdém!

Amós previu grandes reveses para o seu povo. Embora a distância do tempo lhe não permitisse

imaginar a dolorosa peregrinação através dos séculos, ele pressentiu que outras raças lhe negariam direito a paz, tanto na sua pátria como em terra alheia. E assim tem sido desde longa data. Em qualquer parte onde abriu a tenda, más vontades o cercaram, elites se tornaram inimigas e o afligiram. E jamais essa má vontade deixou de existir.

À medida que Israel avançava na trajetória do seu destino, contrariedades o esperavam e duras experiências o perseguiram. No Egipto, na Arábia, na Palestina, em sua casa e fora dela, sempre malsinado, visto com reserva, malquerido. Fizeram-lhe criar um complexo de inferioridade que não tinha. Afugentaram-no de Canaan, roubaram-lhe a liberdade, agrilhoaram-no no corpo e no espírito, cobriram-no de infâmias, tornaram-no sofredor e desconfiado.

O estigma da dor foi-lhe gravado no corpo com verdegos de sangue. E vem-lhe de longe, do seu passado distante. É de ontem e de hoje. Ainda não cicatrizou. Os séculos XV, VIII e VI da era pagã têm muito de semelhante com os XVI, XVII e XX da era moderna. Fazem parte do mesmo todo. Neles se desenrolaram acontecimentos que não esquecem na memória das gerações, que lembrarão sempre o poder da perversão humana.

Durante trinta e cinco séculos aproximadamente, essa raça escolhida para uma missão civilizadora no mundo, encontrou nele um calvário que tanto lhe tem custado a transpor. Na África, na Ásia, na Europa, sempre a mesma raça perseguida, fugitiva, humilhada, vencida, vilipendiada !

*
* *

Os pequenos reinos da Samaria e da Judeia foram habitados por povo da mesma origem, descendentes de Abraão, quer emigrados do Egipto e da família de Jacob, quer oriundos de outras tribos hebraicas tresmalhadas em Canaan. Era uma só estirpe, a mesma raça de Israel.

No entanto, os acontecimentos na Judeia, nos primeiros dois séculos da era cristã, amalgamaram as variadas tribos sob a designação comum de povo judeu. E o nome tornou-se universal para designar sucessivas gerações israelitas no decorrer da sua história. Acresce também o de povo bíblico, privilegiado para duro sofrimento. Pessoas, como todas as outras, com os seus defeitos e as suas virtudes, as suas tradições e hábitos domésticos, os seus conceitos de moralidade, as suas crenças religiosas. Deveria ter também o direito de discuti-los e de defendê-los. Mas isso raras vezes lhes foi concedido.

São várias as acusações feitas contra o povo israelita através dos tempos. Entre outras a de ser idólatra, exclusivista, errante, usurário, herético e... judeu.

Estudemos agora cada uma delas de per si. A *idolatria*, por parte do judeu, era considerada um acto de rebelião, uma afronta contra a lei do Sinai, uma iniquidade contra Jeová (1). Ora a Lei, pela qual o povo judeu manifestou sempre um grande respeito, proibia-lhes ter outros deuses e o fabricar imagens para adoração dos fiéis. Mas ambas as coisas eram praticadas pelos seguidores do paganismo, com absoluto desprezo por aquilo que estava estatuído e consagrado por longa tradição.

Contudo, a lei fora recebida por Moisés no acampamento do Monte Sinai e elaborada depois segundo a experiência levítica. Muito tempo antes de ser lida ao povo e decretada por assentimento da multidão, já havia entre os apátridas que se dirigiam a Canaan, uma maioria idólatra que, pouco a pouco, ia sendo convertida e integrada na nova ordem monoteísta. Portanto, essa maioria que saíra do Egipto «para servir a Deus no deserto», como havia sido anunciado, era constituída por famílias que não conheciam outra forma de religião além

(1) I Sam. 15: 23.

daquela que era comum na terra que tinham deixado.

Ora se a Lei fundamental dada a Israel era posterior à formação de algumas gerações pagãs, estas não podiam ser acusadas de rebeldes. Acresce ainda que o processo de conversão à nova ordem estabelecida no Sinai tinha de ser lento e sem coacções, visto que qualquer atitude violenta implicaria descontentamentos e, atrás destes, viria a reacção. Moisés encontrou sérias dificuldades, que nem sempre foram debeladas com mansidão.

Mais tarde, quando o povo de Israel, já senhor de Canaan, começou a propender para a idolatria, causas múltiplas contribuíram para corromper-lhe a fé e apoucar a confiança que ele tinha em Jeová. Muitos se afastaram sem espírito de rebeldia, julgando-se iludidos na sua orientação religiosa, talvez em busca de alguma coisa que alimentasse a chama da sua vida interior. Se muitos deles eram atraídos pelo colorido das festas e pela propaganda dos sacerdotes, ainda aqui a sua culpa era diminuta.

Não admira, pois, que o povo israelita tivesse crises espirituais, como hoje são consideradas à luz da história eclesiástica e da teologia. E foram elas tão extensas e persistentes que abalaram, por vezes, a sociedade e o prosseguimento regular do mono-teísmo na Palestina. Por este facto, as escrituras do

A. T. clamam contra a idolatria e condenam toda a forma de paganismo. Contra ela se levantaram os profetas e entre eles Amós :

«Não busqueis a Betel, nem venhais a Gilgal, nem passeis a Berseba, porque Gilgal certamente será levado captivo, e Betel será desfeito em nada. Buscai ao Senhor e vivei» (1).

Todavia, nenhum outro povo foi mais firme nem mais sincero na sua confiança em Jeová, Nenhuma outra raça produziu tantos escritores inspirados para falar e escrever acerca da vontade do Eterno. Nenhuma outra nação serviu de berço a tantos sábios, videntes das coisas divinas, chamados a espalhar no mundo a crença num só Deus Omnipotente. Ele, e somente ele, foi escolhido e predestinado para dar testemunho de um poder sobrenatural que resiste a todas as baixezas. É a ele que temos de ir procurar os profetas e os apóstolos, Cristo e os seus discípulos, aqueles a quem se deve esse tesouro sem preço das escrituras da Bíblia.

*

* *

Segundo a ética judaica, todo o indivíduo estrangeiro era considerado inimigo. Não devia ser

(1) Amós 5:5-6.

recolhido dentro de uma casa israelita, nem este podia sentar-se à mesa com ele. O *exclusivismo* neste ponto ia ao extremo de julgar digno de confiança sòmente quem fosse da mesma raça.

Ainda no primeiro século do Cristianismo, qualquer cobrador de impostos por ordem da autoridade romana era apontado como estrangeiro. Jesus de Nazaré foi censurado pelos judeus que o tinham visto acolher-se na casa de Zaqueu, o publicano. Ora esta espécie de exclusivismo político, melhor ainda nacionalista, provinha de outro conceito, mais rigoroso e primitivo, que teve o seu começo na prática da circuncisão.

Este rito, bem simples no seu começo e depois cerimonioso, teve carácter divino entre o povo israelita, por haver sido recomendado a Abraão para ele e sua descendência. Tinha então noventa e nove anos de idade (1). E o costume tornou-se obrigatório. Todo o filho varão foi sujeito a ele durante séculos. Se outros povos também adoptaram esse rito devido a razões de higiene ou de profilaxia não interessa aqui sabê-lo.

Para o judeu, a circuncisão não era uma questão de vontade. Era um dever religioso e civil, que todo o bom israelita cumpria. Era um sinal de

(1) Gen. 19:1,11.

obediência, um acto imprescindível elevado à categoria de instituição nacional.

Desta forma, o povo israelita era apenas submisso a uma determinação patriarcal, que o fazia membro de uma raça separada. Mas este exclusivismo não provinha de qualquer ordenança imposta pela lei levítica, porque lhe era anterior. Se a prática deste ritualismo e, bem assim, a escolha de Israel para ser povo eleito, expressam uma vontade divina, o judeu não deve ser acusado pelo seu feitiço exclusivista, visto que não o é por orgulho ou por temperamento. Pelo contrário, isto lhe daria razão para ser apreciado no seu espírito de obediência.

Acresce ainda o facto das muitas experiências más que o povo judeu teve de suportar nas suas relações políticas e sociais com outras raças, na Palestina, em várias nações, onde fundaram colónias e viveram durante séculos.

Já vimos como os pequenos reinos da Judeia e da Samaria foram tratados por monarcas poderosos da Ásia e da África; como os seus chefes foram amesquinados, até destituídos das suas funções de governar, isto a capricho dos imperantes egípcios e assírios; como as suas fronteiras territoriais foram invadidas por legiões armadas, sem respeito por direitos de nação; como as duas capi-

tais israelitas foram vencidas e extorquidos os seus tesouros ; enfim, como os dois reinos foram extintos pela força e o seu povo desterrado para o cativo.

Em face de tais acontecimentos, todos eles anteriores à era cristã, sem falar mesmo na dolorosa peregrinação de miséria e de sofrimento que esse povo apátrida teve de fazer entre as nações, é de crer que na alma de Israel, sensível ao bem e ao mal como qualquer outra, surgisse a convicção de que o termo «estrangeiro» fosse sinónimo de inimigo.

Embora essa raça tivesse faltas, mais ou menos comuns a outros povos, e estas fossem expostas de vez em quando ao ridículo, ampliadas por lentes da malícia, isso não justifica o ostracismo odioso a que foram votadas sucessivas gerações israelitas em muitas das antigas nações do mundo. Os «ghettos» e as «judiarias», tão comuns na Europa, não eram instituições criadas pelos judeus para seu benefício. Foram, sim, inventos dos Estados civilizados para sequestrar uma raça eleita do convívio com outros povos e restringir-lhe direitos e liberdades. Era um exclusivismo imposto pela vontade dos outros.

*

* *

«Errante como judeu» tornou-se expressão comum na linguagem do povo para indicar alguém que não tem paradeiro certo, que não é estável em qualquer lugar. Portanto, o termo judeu é usado como sinónimo de inconstante, de incerto e, em sentido mais claro, de vagabundo.

Isto compreende-se. O judeu foi considerado apátrida durante mais de dezanove séculos, desde que foi espoliado da sua terra no ano setenta da era cristã até meado do século vinte. Desde então, tornou-se uma espécie de raça aventureira, de povo perseguido, um nómada em terra alheia, um tolerado sob vigilância.

No centro da Ásia, sua própria terra, foi vencido pela força das armas e exilado por conveniências políticas. Na Europa, onde buscou asilo, tornou-se raça indesejável, desassimilada e suspeita. Qualquer coisa servia de culpa para que fosse insultada e punida. «Judeu» era o rótulo de desgraça.

O ser errante não é um subterfúgio para vida fácil. Foi para o israelita um recurso extremo, imposto à força por aqueles que lhe negavam o direito de ter pátria, de governar-se por si mesmo, de viver em paz e pelo seu próprio esforço.

Desde que as legiões romanas, sob o comando do general Tito, incendiaram a cidade de Jerusalém, destruíram o templo chamado de Salomão, e o despojaram de tesouros, os judeus ficaram sujeitos à autoridade do império, dependentes da vontade de César e de seus conselheiros. Deu-se então entre os judeus da Palestina a maior dispersão de todos os tempos.

Após horroroso morticínio, cometido pelos vencedores entre a população hebraica, multidões israelitas buscaram segurança contra a opressão nas cidades que cercavam a bacia do Mediterrâneo. A Sicília, a Grécia, a Ásia Menor, a Síria, o norte da África e o sul da Europa, viram a sua população acrescida de refugiados que procuravam paz e trabalho. A Palestina tornou-se província romana e o povo israelita passou a ser tido como apátrida, sem rumo definido na história.

Entretanto, deu-se na Europa a grande invasão dos chamados povos bárbaros, que forçaram as fronteiras do império romano, entraram nele e terminaram com o poderio dos Césares. Esses bandos germânicos, eslavos e godos, fragmentaram o colosso do mando a seu belo prazer, dando origem a novas línguas e nações.

Por muito tempo, os judeus puderam viver em paz com os seus novos dominadores. Mas, à

medida que as nações invadidas se refaziam do embate das lutas, e diversos grupos étnicos se preparavam para entrar no campo da história, os judeus começaram a sentir o efeito das elites políticas e religiosas, a ser apontados como falhos de entusiasmo bélico e fautores de calamidades públicas.

Os séculos XV e XVI da era cristã vieram encontrá-los disseminados pelo mundo, mais ou menos integrados na maneira de ser dos agregados étnicos de que eram parte, embora mantendo entre si costumes e tradições que lhes eram peculiares. E como esses hábitos e tradições, sobre tudo as religiosas, colidiam com as dos chamados cristãos, daí a má vontade destes contra as minorias israelitas, o atrito constante com grupos indígenas apostados em fazer-lhes a vida espinhosa.

E assim se foi inferiorizando, aos olhos do mundo, uma raça privilegiada de dons espirituais e de trabalho, activa e corajosa, a quem um poder supremo não abandonou no meio de contingências que pareciam não ter fim. E só nele se tem apoiado para resistir à longa provação a que foi submetido por falta de justiça e de caridade. Quer dizer : O homem desfez o que superiormente estava determinado. Deus abençoou a descendência de Abraão e escolheu Israel para sua raça predilecta. Mas o homem repudiou tal escolha e amaldiçoou-a como desprezível.

*

* *

Quanto a ser *usurário*, o grande historiador Alexandre Herculano, que soube apreciar a humanidade com mente de psicólogo e critério de juiz, definiu assim o carácter dos judeus :

«Superiores em indústria e actividade e dominados pela sede do lucro, apesar do desprezo ou da benevolência de que eram alvo, eles tinham desde os primeiros séculos da monarquia adquirido a preponderância que é o resultado inevitável da intelligência, do trabalho e da economia» (1).

O notável escritor e mestre da língua reconheceu no povo judeu qualidades de iniciativa e de indústria, que não são comuns a todos os povos. Em verdade, a sua inclinação para o comércio é tão evidente que ainda hoje produz elites endinheiradas em todos os países onde goza de liberdade. Nasce já com inclinação para a alta finança.

Activo, intelligente, votado a negócios, mesmo por espírito de aventura, o dinheiro é o seu instrumento de trabalho. O seu lema é produzir, com-

(1) História da Inquisição em Portugal — Imprensa Portugal e Brasil, I tomo, págs. 108.

prar, vender, para ter lucro. Em qualquer destes ramos progride à custa de esforço e de sacrifício.

É fácil encontrar, nas grandes cidades, vendedores ambulantes de fardete ao ombro ou de tabuleiro à cintura, com bugigangas e artefactos de uso caseiro. Uma grande parte deles são de raça hebraica. Mas não se demoram muito no exercício desse humilde mister.

Dentro de poucos meses, o quitandeiro judeu tem porta aberta no vão duma escada, no cubículo de uma esquina, onde os objectos do seu negócio se empilham aos montes, em barda, a granel, sem ordem nem asseio. É lá que ele transacciona, que ele entra em concorrência com outros; é lá que ele restringe ao mínimo as suas despesas, economiza e estabelece crédito. Por vezes, sujeita-se a privações que outros se recusariam a suportar. E assim vai aumentando as possibilidades de trabalho com mira a tornar-se independente.

Quando os recursos já bastam para maiores empreendimentos, ei-lo associado a outros, numa esfera de acção mais larga, com loja ampla, tipo armazém, indústria, companhia, banco, . . . no caminho de acumular fortuna e de ser rico.

É claro que nem todos trepam com facilidade as escadas do êxito. Muitos ficam pelo caminho,

entretidos com pouco; outros fracassam. Mas aqueles que triunfam, ostentam opulência. Não raro continuam a multiplicar o seu capital por meio de empréstimos bem garantidos e a bom juro. E isto, que para muitos é uma recompensa legítima do esforço bem sucedido, é para outros uma marca exagerada de usura e de ganância. O apego ao lucro, tão natural em todas as classes sociais, tem feito do judeu um protótipo nada recomendável.

*

* *

Finalmente acusam-no de *herético*.

Heresia, no começo da era cristã, era a designação genérica usada pelos concílios para condenar qualquer doutrina contrária aos cânones sagrados, às escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Os documentos que hoje formam a Bíblia contêm a doutrina padrão da verdadeira teologia, a sabedoria de Deus revelada pelos profetas.

Cânone é pois a sanção dada no decorrer de séculos pelas almas piedosas e sinceras aos ensinamentos nelas contidos, depois de verificados pela experiência como de origem divina. Doutrina canónica é aquela que estiver de harmonia com as normas aprovadas.

Escusado será afirmar que a religião do povo israelita foi, e continua sendo, essencialmente bíblica. É a religião ensinada por Moisés à multidão fugida do Egípto. E Moisés é considerado o autor dos primeiros cinco livros da Lei, que são a base do Antigo Testamento, embora levemente alterados aqui e além por deficiência dos copistas, melhor ainda, pelo zelo de mestres que pensaram torná-los mais claros e completos.

Isto não quer dizer que essas porções, levemente retocadas, estejam desprovidas de real merecimento, que fossem elaboradas sem inspiração. É de crer que a mesma luz misteriosa, que iluminou a mente dos autores originais para darem a público a essência da matéria divina que lhes era transmitida, atraísse a atenção de outros sábios, posteriormente esclarecidos, guiando-os a gravar no papiro aquilo que a fé lhes comunicava.

Sendo assim, um idêntico amor pela verdade irmanou no mesmo propósito esses artistas do pensamento, que legaram à humanidade a herança sem preço de obras inigualáveis e eternas.

Moisés passou à história como um chefe extraordinário, vulto de gigante no mundo antigo. Foi um génio na preparação da Igreja de Deus, como mais tarde, no primeiro século da era moderna, foi Paulo, esse portento da teologia bíblica, na

organização da Igreja de Cristo. Ambos eles, vocacionados para a vida espiritual, foram escolhidos e chamados para cumprir uma grande missão. Foram mestres, escritores fluentes e poderosos, vultos de primeira grandeza na interpretação da Vontade Suprema.

Ora os judeus consagraram Moisés como seu guia espiritual, como testemunho fiel de obediência e de confiança no mandato divino. Não só o elevaram à dignidade de patriarca, título de nobreza entre as famílias de Israel, somente aplicável aos grandes chefes religiosos que viveram entre a criação e o dilúvio, mas continuaram a admirá-lo como libertador, a segui-lo como intérprete da Lei do Sinai.

Ora os judeus aceitaram a Lei por intermédio de Moisés, e em seu nome a têm transmitido às gerações futuras. Os livros que a contêm são para eles sagrados. Respeitam-nos, lêem-nos e meditam-nos. É a pedra de toque da sua fé.

Como acusar de herético um povo assim? A religião comum ao povo de Israel é a de Moisés, a do Antigo Testamento, a do começo da Igreja primitiva, a dos Patriarcas e dos Profetas. O povo judeu, que ainda é fiel à sua tradição religiosa, está plenamente integrado nas escrituras da Bíblia. Acusá-lo de heresia é o mesmo que dar à mentira uma aparência de verdade.

Se o povo israelita ainda não aceitou a revelação do Novo Testamento, de Deus humanado na pessoa de Jesus Cristo — Mestre excelso da humanidade, que foi vítima inocente de vinganças e crueldades — o problema é outro, muito diferente do que se tem pensado. Quando muito, é um problema de incompreensão, de orgulho filosófico, de incúria no exame profundo da fé. É ainda o pesado efeito da fraqueza missionária.

Por mais voltas que se dê à razão, por mais engenhosas que sejam as subtilezas dialécticas, não se pode negar que a religião judaica é inteiramente bíblica — foi a dos Patriarcas e dos Profetas, a dos Salmistas e do próprio Jesus Cristo.

Acresce ainda que a palavra *herético* é sinónimo de *ateu* e de *ímpio*, qualquer delas injuriosa para um crente (1). Ateu é considerado aquele que não crê nem aceita a ideia de Deus. Ímpio diz-se do indivíduo que não tem religião. Ora, nenhum deles enquadra na maneira de ser do povo judeu.

Porém, foi assim, à mercê de paixões e de epítetos sem critério que, durante séculos, foi malsinada uma raça escolhida para dar testemunho entre as nações — o de preparar os cânones sagrados e espalhar entre elas o conhecimento de Jeová. Isto constituirá sempre o seu maior título de glória.

(1) Dicionário Prático Ilustrado - Jayme Seguíer.

Poderá continuar a ser experimentada, sujeita a calúnias, perseguida, espoliada por meio de roubos e de vilipêndios, jamais deixará de ser a raça privilegiada a que pertenceu na terra o Salvador do mundo.

*

*

*

«Judeu» foi um nome tido como anátema no ocidente da Europa. Foi quase sinónimo de desprezível, de perjuro. Ser judeu era arrastar sobre a terra um fardo pesado de perversidade e de maldição. Era ser olhado como suspeito, andar sob vigilância, ser arguido como perigoso. Em qualquer parte estava sujeito a ser apontado como hereje, acusado como rebelde, preso sem culpa formada, perseguido sem direitos, torturado, vencido, privado de possuir bens, indesejado. Era fácil irradiá-lo do convívio social, extorquir-lhe dinheiro, cobri-lo de infâmias, queimá-lo na fogueira.

Não era preciso ser judeu para ser lançado nessa via dolorosa, mas o israelita trazia consigo uma marca mais denunciadora do que a estrela de David — uma herança que parecia ser de maldição. Qualquer coisa servia de rastilho para fazer explodir acusações contra ele, para atear labaredas crepitantes. De judeu a criminoso a distância era pequena.

Mas este conceito diabólico, tecido pela credulidade pública em volta dos descendentes de Israel, não foi fruto da Inquisição. É-lhe muito anterior. Esta apenas lhe deu um sentido mais apurado, incorporando-lhe ideias de absurdo e de ridículo. Canonizou-o como expoente máximo de misérias.

A sua origem vem de longe. Remonta aos tempos do cativo de Babilónia, quando multidões israelitas foram arrancadas aos seus campos e aldeias, privadas de direitos humanos, conduzidas como bandos irracionais para regiões inóspitas entre os rios Tigre e Eufrates. Começou aí a segunda travessia do deserto. E se a primeira tinha levado quarenta anos a percorrer, esta levaria vinte e cinco séculos entre nações cultas e civilizadas.

Ao fim de setenta anos de cativo, os judeus, já quase todos nascidos no desterro, mereceram a compaixão de Ciro, um prudente monarca persa, que lhes permitiu regressar à Palestina, reconstruir lares vazios e desmantelados, recomeçar uma vida própria com administração quase independente.

Foi então que o povo judeu, instruído por dura experiência, fez da cidade de Jerusalém um centro de actividade cultural e religiosa. Governava a sua casa, amanhava a terra, criava gado, plantava hortas e jardins. Pouco a pouco, ia recuperando a personalidade perdida, mostrando ao mundo a sua competência para viver à custa do seu trabalho.

E assim decorreram duzentos e oito anos sob o benévolo domínio persa.

Não tardou, porém, que este fosse substituído por outro — o da Grécia. Quando Alexandre da Macedónia, dirigindo a sua máquina bélica, submeteu a Ásia ao seu domínio e incluiu a Palestina na sua engrenagem política, os judeus, já então economicamente refeitos do desbarato causado pelos invasores, ficaram cento e sessenta e quatro anos sujeitos à vontade do novo senhor. Pagavam tributo e viviam em paz. Mas o pior estava para vir.

Pelo ano 63 a. C., o general Pompeu, já então comandante das forças romanas e com poder ditatorial sobre toda a Ásia, marchou sobre ela com um exército de 60.000 soldados e submeteu povos e nações até à Fenícia e Síria. Em seguida, tomou Jerusalém e pôs no trono como visorei a Hircano II. Desde então, os judeus ficaram sujeitos a Roma. Eram recrutados para servir nas milícias soberanas, seleccionados os mais fortes e corpulentos para frequentar escolas de gladiadores, a fim de entreter o rei e o povo em jogos de circo que eram lutas sangrentas de morte.

O domínio dos Césares foi, para a Palestina, um calvário que durou cinco séculos a percorrer. Em breve chegaram repressões violentas, a destruição de Jerusalém e do seu templo por legiões armadas sob o comando de Tito, as vinganças e

castigos a título de manter a ordem, a grande dispersão israelita pelo mundo para fugir à opressão e ao sofrimento. Foi então que o judeu se tornou apátrida, estrangeiro, vagabundo.

E assim um conceito de raça vil começou a lançar raiz na mente dos povos que lhes deram acolhimento. Inventaram-se epítetos ruinosos que se agarraram ao judeu como lapas sobre rocha.

Uma outra causa contribuiu para o desprestígio da raça israelita. Foram os acontecimentos religiosos do primeiro século do Cristianismo. A atitude violenta, assumida pelos fariseus e herodianos contra Jesus de Nazaré, o julgamento injusto a que o submeteram, a sentença vil, a todos os títulos injusta, a que foi condenado por eles, tudo isto concorreu para tornar o povo judeu odioso aos olhos do mundo.

Daí em diante o judeu começou a ser apontado como inimigo da fé, da razão e da justiça. Fez-se a si mesmo exemplo de perversão moral e de crueldade. E este conceito, já de si exagerado, piorava ainda, à medida que a nova Igreja alargava as suas fileiras, e multidões se convertiam ao Cristianismo, na África e na Europa.

Por outro lado, os longos mistérios religiosos, tanto em voga na Idade-Média, quando o povo era convidado a assistir, durante dias consecutivos, a

representações cheias de realismo em que figuravam judeus, aticava-se o fogo da malevolência contra eles, acirrando ódio contra gerações israelitas, que nada tinham com os erros cometidos por outras que lhes tinham precedido.

Nesses passatempos populares, o judeu estava sempre em foco para servir de troça perante a curiosidade pública. Em cenas que reproduziam o Sinédrio de Jerusalém, o palácio de Caifaz, a corte de Pilatos, e o Calvário, as personagens em destaque eram da raça desprezada — algozes, soldados, autoridades, o povo. E sobre todas elas caía a censura como se fosse uma maldição.

Assim foram instruídas, involuntariamente, sucessivas gerações, a julgar com desprezo e desdém a raça de Israel. Assim foi conduzida uma vil propaganda de inimizade e de rancor contra a descendência de Abraão, tornada ludíbrio de má sorte, só porque um destino histórico lhe fez estampar no rosto o ferrete de — Judeu.

O israelita, livre ou escravo, no Egípto ou em Canaan, na Assíria ou na Europa, afastado do seu lar, fugitivo, exilado, errante, foi sempre um oprimido. Os homens, as leis, as civilizações, olharam-no com suspeita, não reconhecendo a sua individualidade humana. Riram-se dele, escarneceram do seu porte, rejeitaram-no. Sòmente Deus persistiu em condoer-se da sua sorte e salvá-lo.

O HOMEM E SUA CULPA

Cap. III — a Justiça

«Porque não sabem fazer o que é recto, e entesonram nos seus palácios a violência e a destruição».

Amós 3 : 10

O esforço do profeta para acordar Israel e suster o seu avanço no caminho da ruína, produziu profundo abalo nas consciências, mas não impediu a queda que ele antevia. Sentiu que só uma reforma urgente na maneira de ser do seu povo, uma mudança de rumo na sociedade, que atingisse todas as classes desde os mais poderosos aos mais humildes, que entrasse no seio das famílias se no coração de cada um, poderiam evitar o desastre que se aproximava.

Para auxiliar essa reforma, ele põe a descoberto o estado moral do povo e da nação. Há males que ele especifica, erros que ele condena, sentimentos que ele reprova, no propósito de abrir

vereda para meditação e arrependimento ; no desejo íntimo de conduzir a sua geração a experimentar uma vida mais sã, mais prática e mais equitativa. E fala sem rodeios.

O egoísmo. — Amós censura a luxúria dos ricos, porque era contrária à antiga simplicidade dos costumes ; a extravagância das coisas caras, porque acirrava a vaidade e constituía afronta para a pobreza ; a indiferença pelo sofrimento dos outros, porque vendava os olhos à caridade em face das necessidades imperiosas da vida. No meio de tanta miséria em que se debatiam os desprotegidos da sorte, havia casas construídas com pedra lavrada, fornecidas de móveis cravejados de marfim, almofadas e vestes de seda elaboradas com púrpura e ouro, taças de metais preciosos para libações, banquetes onde se embriagavam os convidados e devoravam os melhores cordeiros do rebanho.

São estes luxos em excesso que o profeta condena, porque estavam em contraste flagrante com a fome, o abandono, a miséria e a tristeza de tantos perseguidos de infortúnio, abrigados em choupanas de colmo, em tugúrios insalubres, em mansardas sem ar nem luz.

A exploração. — Por outro lado, o profeta sentia

que a falta de justiça era pedra de toque de baixa moral que estava patente aos olhos de toda a gente. Não havia protecção para os órfãos, nem para as viúvas, nem para os escravos. Ninguém tomava a sua defesa, nem as suas queixas encontravam eco nas autoridades. O abuso dos poderosos fazia aumentar a opressão dos fracos e dos humildes; permitia ao rico usurário tomar posse da courela do pobre, até mesmo da mulher e dos filhos.

O faminto era compelido pela sua desgraça a contrair empréstimos para sustento de si e da sua prole; quando se tornava insolvente, era entregue à tutela, isto é, ao arbítrio do credor. Na balança da justiça era sempre mais pesado o prato do opulento, do argentário, do negociante enriquecido, do que era o do pobre, mesmo que a razão estivesse do seu lado. O suborno tinha subido à categoria de religião, em cujo altar faziam vénia os escribas, as autoridades e os juizes. A vida era uma feira onde traficavam o interesse e a mentira.

Entretanto, ia crescendo o número dos escravos, dos que não tinham eira nem beira, dos que fugiam das aldeias para os grandes centros em busca de trabalho ou das migalhas que caíam das mesas lutas. E, enquanto poucos prosperavam, engrossando as suas fazendas, o maior número definhava à míngua de alimento.

A cegueira. — Sob o ponto de vista religioso, a situação era pior. O culto de Jeová perdera a simplicidade primitiva e tornara-se um complexo de ritualismo exótico e de práticas supersticiosas. O entusiasmo das peregrinações desaparecera. Os levitas fizeram-se profissionais do interesse, oportunistas, os sacerdotes deixaram de ser pessoas cultas e fizeram-se opressores do povo (1).

Nas grandes cidades de Judá e da Samaria, o quadro espiritual era ainda mais escuro, porque a baixa moral era mais evidente e rompante. Em muitos altos, onde se aglomerava o povo para assistir a cerimônias pagãs, as práticas ritualistas permitiam exageros que ofendiam o bom senso e a dignidade humana. Junto de alguns santuários havia sacerdotizas prostitutas que, em nome da divindade, aproveitavam a concorrência para satisfação de caprichos. A essas festas assistiam forasteiros atraídos pela curiosidade, pela cobiça de prazeres, por passatempos agradáveis. O respeito pelas coisas religiosas era pequeno; o culto tinha perdido a sua beleza espiritual.

Enfim, a corrupção tinha invadido a alma do povo.

(1) Neem. 13:29

Mal. 2:7-9

Remédio contra o mal. — O profeta colocou-se ao lado dos fracos, dos desprotegidos, da multidão que sofria, a reclamar melhor justiça. Fez-se o intérprete das necessidades mais instantes do seu tempo, para compelir ricos e pobres, bons e maus, a cooperar para o bem comum.

Queria que os poderosos usassem de caridade com os infelizes; que os detentores de fortuna fossem mais comedidos no seu luxo; que os negociantes pusessem freio à ganância; que o assalariado não prejudicasse os interesses do seu patrão; que o indigente não perdesse ânimo nas lutas de cada dia; que todos tomassem consciência dos seus deveres e saíssem da encruzilhada em que o mau destino os tinha lançado.

Queria que todos se apercebessem da importância de atender à voz da razão e tivessem como certo a comparência nesse tribunal divino onde a justiça era geral e inflexível.

*

* *

Que melhor orientação lhes poderia dar alguém, clamando em nome de Deus? Amós era um enviado a cumprir uma missão do alto. Homem bem intencionado, movido por amor ao seu povo. Não lhe

apontava faltas para castigá-lo, mas para fazê-lo reconsiderar de maneira a corrigi-las.

A sua intenção não era acusá-lo, nem julgá-lo, como juiz; mas aliviá-lo do peso de funestas consequências que lhe pudessem advir. Não procurava oprimi-lo com censuras, mas apontar-lhe um rumo seguro para que elas deixassem de ser merecidas. Isto num tempo em que quase todo Israel vivia na incerteza do *presente, moralmente decaído, espiritualmente fraco*.

E esta lição do profeta é apropriada aos nossos dias, tanto para indivíduos como para nações. O mundo não precisa de quem o acuse, mas de quem ajude a salvá-lo. Censurar para expor a ridículo, não é processo de ajudar ninguém.

O homem é sempre o mesmo, em toda a parte, embora mais polido nas maneiras, mais cultivado na inteligência. Está ainda muito longe de prestar o devido culto à justiça; ainda mais longe de saber aplicá-la com imparcialidade a si mesmo.

Pode dizer-se que os vinte e oito séculos de trabalho, que medeiam entre o de Amós e o nosso, no propósito de edificar o monumento do progresso e de preparar civilizações, não conseguiram emancipá-lo de faltas e de erros que vêm de longe e que são contrários à razão. A sua fraqueza é ingé-

nita ; mas o seu esforço para corrigi-los tem sido frouxo. A sua tendência para o mal está tão enraizada na própria natureza que, por vezes, o escraviza e rebaixa.

No entanto, o conceito de justiça dos nossos dias nem por sombras pode comparar-se com o do tempo de Amós. No século VIII não havia códigos nem legislações especializadas. O código de Hammurabi, o mais antigo que chegou até nós, com duzentos e oitenta e dois parágrafos gravados em pedra, mostra o elevado grau de cultura dos babilónios pelo ano 1.600 a. C.. As suas disposições eram destinadas a proteger os fracos, os pobres, as viúvas, os órfãos, contra injustiças dos ricos e dos poderosos. Era, em verdade, uma legislação muito-adiantada para o tempo em que fora feita, e que serviu de modelo para outras futuras.

Em Israel havia a Constituição do Sinai, ditada por Deus a Moisés, e a Lei que este havia elaborado. Uma e outra eram bastante para orientar o homem. Todavia, os sentimentos eram maus e a noção de justiça era fraca. Hoje, que a legislação abunda, clara, especificada, a maneira de ser moral não tem acompanhado o progresso do direito. Há um desequilíbrio entre a inteligência e o coração, entre o estado da sua alma e a sua maneira de viver. E o resultado continua a ser funesto.

Isto prova que o mal subsiste ainda. Afligiu os israelitas e terminou por levá-los à ruína, mas não foi exterminado por completo, no decorrer de tantos séculos. E assim, a mensagem de Amós enquadra na sociedade dos nossos dias. É um clamor de vidente e uma prelecção de mestre destinadas a esclarecer a inteligência, a dar à vida um significado mais nobre e mais justo do que lhe tem sido atribuído.

E porque, acima de tudo, é uma expressão sincera de mente iluminada e de alma generosa deve ser relembrada para acordar o homem espiritualmente e reconduzi-lo ao encontro de Deus.

DEUS A SALVAR O HOMEM

Cap. IV — a Vontade

«Prepara-te ó Israel».

Amós 4 : 12

Os capítulos terceiro a quinto da mensagem do profeta começam por esta palavra — *Ouvi*.

Este impêrativo verbal não é uma ordem nem um convite. É um apelo instante feito por pessoa amiga a todos aqueles que o escutem. E repete três vezes o mesmo vocativo, no intuito de captar-lhes atenção e levá-los a meditar nos argumentos que lhe foram inspirados. Ele quer que todos entendam o aviso que vem do alto.

O assunto da mensagem é persuasivo e urgente. Diz respeito à segurança de cada um. Tem por fim esclarecer o indivíduo, torná-lo apto a compreender as causas da sua fraqueza, incutir-lhe coragem para lutar contra elas e controlar o perigo

do desânimo. E, para que o seu pensamento seja interpretado com honestidade, põe a descoberto forças do mal que ameaçam a segurança de cada um. Condena falsas teorias que entretêm a mente de muitos e só conduzem a consequências más.

O profeta é um iluminado a clamar em nome da razão. Toda a sua mensagem é baseada em normas de sabedoria que o homem vulgar, ordinariamente, despreza e desdenha. Mas são essas normas que valem e têm força moral que ninguém lhes pode tirar. São as que podem levantar do torpor uma consciência dormente e fazer uma sociedade reagir contra o mal.

Falando para o povo israelita, num período de crise em que dois pequenos reinos estavam prestes a colher o fruto das suas discórdias, entendia que só uma ampla reforma de processos de governar e de viver poderia melhorar a gravidade da situação. Essa reforma teria de ser feita com sacrifício de muitos, mas daria generosa recompensa a todos.

Implicava, pois, a boa vontade dos que mandavam e dos que eram mandados, de ricos e pobres, dos que dispunham da força e dos que lutavam em fraqueza, de todos quantos quisessem ouvir a voz da ponderação em favor de mais humanidade e de melhor justiça. E o remédio, que podia curar muitas das enfermidades sociais do tempo, reco-

mandado nos nove capítulos da sua obra, resumia-se a isto — menos egoísmo, menos opressão ; mais sinceridade com Deus, mais caridade com o próximo.

*

* *

Amós considerava enferma a sociedade israelita, embora a doença não estivesse confinada só ao povo da sua raça. Para controlar o seu avanço era preciso pôr freio a ambições que toldavam a luz e empederniam o coração.

Cada um tinha de olhar para si, para o seu eu, para a sua vida, e começar a reforma pelo indivíduo, pelo lar, pela família. Só assim o processo seria eficiente e o seu fruto abençoado. Cada um tinha de pensar na sua responsabilidade. Daí a expressão do profeta que se tornou popular em Israel — HICÔN — Prepara-te.

Este termo hebraico condensa num só pensamento os ensinamentos de uma biblioteca inteira. O profeta usa-o no fim de um capítulo, depois de ter enumerado muitos erros, como o caminho mais viável para guiar o homem ao encontro de Deus.

«Prepara-te» é, em verdade, uma porta aberta para todas as consciências sensíveis que pensam a sério no dia de amanhã. O profeta poderia ter

usado esta expressão para título da sua mensagem, porque está apropriada ao assunto que ela contém.

E, por muito tempo, ela bailou também na nossa mente, para servir de título a este estudo. Mas os pensamentos são como as cerejas. Quando se pega numa, aparecem mais encadeadas umas nas outras. Fomos guiados a escolher outro, porque o plano em vista não era a mensagem somente. Era também falar do autor dela e do eloquente testemunho que soube dar.

No entanto, hemos de concluir que o HICÔN de Amós é uma expressão sobremodo feliz. E não admira. Os profetas, quando falam com Deus, são como os historiadores quando contam a verdade. Não falam para poucos. O eco da sua voz espalha-se pelos continentes. Faz-se ouvir até aos confins da terra. Falam para o mundo, dirigem-se à humanidade.

*

* *

Amós endereçou o seu apelo ao povo israelita, mas ele ultrapassou as fronteiras da Palestina, fez-se ouvir na Eurásia, na África, depois nas Américas. Tem sido repetido por milhões de bocas,

como se fosse um brado de guerra, para abrir caminho à fé e predispor o homem a encontrar-se com o Criador.

Tão importante é o significado dessa expressão profética, que ela tem feito acordar muitas almas entorpecidas pelo desânimo e pela ilusão. Tem despertado nelas o amor pela verdade. Se cada um procurasse conservá-la viva no espírito e repeti-la, mesmo em segredo, uma só vez por dia, seria bastante para prevenir muitos fracassos, manter o homem mais equilibrado nas suas ambições, com mais confiança no seu destino.

Mais do que isso. Levá-lo-ia a quedar-se em silêncio, abstraído por instantes do bulício que o cerca, para meditar em comunhão com o Eterno e fortalecer-se com novas esperanças.

O homem que não se prepara é quase sempre um vencido. Não pode ser eficiente. Mesmo que seja mestre, está sujeito a falhar. Sem a necessária preparação, o advogado que defende uma causa está arriscado a perdê-la ; o médico que tem a seu cargo ajudar a cura de um paciente, pode agravar-lhe o sofrimento e causar-lhe a morte.

Quando alguém cuida antecipadamente dos preparativos para uma viagem é porque deseja fazê-la com segurança. Sabe o que quer, para onde.

vai e o que pretende realizar. Assim «preparado», segue tranquilo na direcção que tem em vista, disposto a conseguir com êxito aquilo que está delineado. Ora, Amós sabia que todo o israelita tinha uma viagem a fazer, a mais importante, e a mais impreterível; tinha de encontrar-se com Deus.

E para que esse encontro possa resultar em triunfo, é indispensável pensar nele antecipadamente, com firmeza, com confiança.

Os homens não se tornam heróis só pela força orgânica, mas por outra mais valiosa que comanda todas as energias— a do espírito. É ela que, no auge da luta, dá coragem e faz esquecer o medo; que alimenta a fé e opera o desprendimento da própria vida. É uma energia sobrenatural que toma posse da vontade e actua no momento decisivo em que o valor é posto à prova. É ela que conduz à vitória.

Mas, como ninguém sabe qual é o instante destinado a esse encontro, convém não esquecer o apelo do profeta, feito a todos, na pessoa de cada um — *Prepara-te!*

DEUS NÃO QUER APARÊNCIAS

Cap. V — a Verdade

«Buscai-me para que tenhais vida».

Amós 5 : 4

Por alturas da chegada de Amós a Betel, o povo israelita vivia preocupado com os afazeres de cada dia, mal instruído nas coisas de Deus, «iludido por suas próprias mentiras», quase indiferente à situação económica e política do país. Quando surgiam dificuldades, queixava-se e reclamava protecção. Mas não cuidava de investigar as causas do seu sofrimento.

Desta quase negligência provinha uma multiplicidade de vícios que a todos afligia. Não se procurava o mal na sua origem para debelá-lo. Cada um esperava que os outros fizessem aquilo que a si mesmo cumpria fazer. Todos pretendiam ver a comunidade progredir sem alterar a marcha dos seus hábitos, nem impor restrições aos seus próprios interesses.

Se a nação estava em alvoroço sob ameaça de povos estranhos, o assunto era para as autoridades resolverem e prepararem a defesa; se as tribos vizinhas invadiam os campos com o seu gado e destruíam as sementeiras, suportava-se a fome que daí resultava; se eles assaltavam os campos para roubar as colheitas, colhiam-se as espigas mais cedo para esconder o grão nos montes; se os pomares não davam fruto por causa da seca ou da locusta, era porque os deuses estavam mal humorados e convinha apaziguá-los; se o número dos pobres aumentava e o rebanho de escravos crescia, era porque não trabalhavam e impunha-se a violência. Todos clamavam por justiça e poucos contribuían para ela.

O resultado era um mal-estar que se agravava dia após dia. Repetiam-se lástimas, ouviam-se queixumes, attribuían-se aos outros todas as culpas e maldades. O pobre, o plebeu, o devedor insolvente, o oprimido sem liberdade, eram os que mais directamente suportavam o peso da usura, da ganância, do egoísmo. A doença era comum. Caridade, benevolência, amor fraterno, eram virtudes raras.

Para esclarecer um povo assim desorientado, propenso a aceitar teorias supersticiosas e práticas de magia, o profeta tinha de ser claro nos seus pensamentos, minucioso, por vezes quase agressivo

na sua linguagem. Tinha de falar do amor e da justiça, da tolerância e do castigo. Tinha de usar expressões que hoje podem parecer ásperas e rudes.

Em tais circunstâncias, a sua atitude profética chega a parecer a de um revoltado. As suas apóstrofes são dirigidas a todos aqueles que as mereciam. Aos que falavam de compaixão e não a sentiam; aos que invocavam a lei e se esforçavam por iludi-la; aos que proclamavam paz e se mostravam guerrilheiros; aos que apregoavam virtudes e suscitavam escândalos. E a todos clamava: «Buscai ao Senhor, para que tenhais vida».

Amós esforçava-se em pôr as almas a descoberto perante a sua própria consciência. Fazia-lhes sentir que é fácil iludir os homens, mas impossível enganar Deus. Afirmava que ninguém seria julgado pelas aparências, visto o supremo Juiz não olhar para o rosto, mas sim para o coração. E perguntava: — De que serve o culto aos deuses pagãos? A pompa solene das festas em Betel? A afluência de devotos do prazer, de passatempos agradáveis?

E respondia a si mesmo, afirmando que o Senhor não se comprazia com essas manifestações da carne, sem arrependimento nem sacrifício: «Aborreço e desprezo as vossas festas e as vossas reuniões solenes», clamava em voz alta sob o influxo da inspiração divina.

*

* *

Deus quer a verdade e o homem nem sempre se preocupa com ela. A humanidade de hoje atravessa também um período de confusão, com certa semelhança à dos israelitas no tempo de Amós, porque se faz sentir em quase todos os ramos de actividade da arte e do pensamento — na literatura, na religião, na política das nações, na educação da juventude, na filosofia da vida.

Em literatura desapareceram os modelos, as regras de gramática e de estilística que eram barreiras tradicionais. Desprezaram-se escolas, esqueceram-se fórmulas clássicas ou medievais, e cada um deu largas ao seu estro, começou a escrever a seu jeito, surdo a críticas, indiferente a clamores. Desapareceu a métrica na poesia, a técnica na arte, a argúcia no espírito, a elegância no gosto. Quebraram-se figurinos construídos por mestres, anatemizou-se a minúcia de detalhes, correu-se com a tradição, uniram-se em pasta grossa as meias tintas da sombra e da luz. Cada um deu em pintar-se a si mesmo, a torto e a direito, sem esquadro nem compasso, ao acaso, a capricho, em busca do esquisito, do exótico, do imaginário, do ridículo. Procura-se o pior em busca de melhor.

Em política impera o medo como árbitro de

todos. Medo da parte dos que mandam, receando-lhes venha a faltar apoio para as suas intenções e projectos; medo dos que são mandados, por não poderem realizar de vontade aquilo que tem de ser feito sem ela. Medo dos liberais e dos conservadores, das ditaduras e das democracias, dos do Oriente e dos do Ocidente, de brancos, de pretos e de amarelos. O medo chegou a toda a parte, perdeu a cidadania, tornou-se cosmopolita. Já transpôs os mares e começou a subir no espaço em direcção à lua. Antigamente, nada se fazia sem coragem; hoje, pelo contrário, nada se faz sem medo. Fraqueja a confiança nos outros, porque falta a verdade.

Na instrução fervilham teorias, repetem-se experiências, métodos, sistemas, praxes; decretam-se novas e novíssimas reformas, tudo misturado com boa vontade de acertar, mas faltam as bases da primeira escola, da família, do exemplo, do cuidado e da preparação que começam no berço. A personalidade é edificada no ar, à custa de princípios de linguística, de ética, de filosofia, de psico-análise, que dão para tudo, mas não atingem o alvo. E o caos aumenta porque falta o melhor — a consciência de si mesmo. Que a deficiência venha do sangue, do meio ambiente, do influxo e refluxo de correntes ideológicas mal assimiladas, alguma coisa falta para corrigi-la com êxito — o conhecimento da verdade revelada por Deus. Sem

este, o resultado está patente aos olhos, nos tribunais, nas cadeias, nos reformatórios, nas estatísticas do crime, nos relatos da imprensa diária.

A religião gira em volta da necessidade que o homem sentê de Deus. Tem como regra de fé a «Palavra», que expressa a vontade de Quem a revelou. Mas essa «Palavra» nem sempre é interpretada no seu claro sentido. A confusão religiosa nasce das palavras que, em vez de focarem a verdade na sua beleza divina, lhe roubam o brilho, fazem-na desmerecer no seu valor e decair no conceito. Em vez de a elevarem no sentido espiritual que ela contém, fazem-na barata, tagarela, vazia de substância. Fala-se muito sem utilidade apreciável, sem objectivo real. A palavra baixou de nobreza, perdeu categoria, abdicou de dignidade. Esta descida de nível, que representa perda de mérito, veio complicar a missão da Igreja, do púlpito, do pastor, do mestre, do sacerdote, do missionário. Veio agravar o problema de orientar o povo com firmeza, de ajudá-lo espiritualmente, de inculcar-lhe na alma a verdadeira confiança.

As empresas de propaganda aperceberam-se, há muito tempo, da falta de prestígio que a palavra vai tendo. E, como buscam resultados práticos e lucros imediatos, encheram os seus programas de música e de luz; enfeitaram-nos com imagens e flores, de maneira a torná-los mais atraentes, a

interpretar as ideias com agrado, a suprir com artifício o poder que a palavra perdeu. O facto é que a falta de respeito pelo verbo passou da rua para o templo, da literatura de cordel para a interpretação do texto sagrado. E assim, por analogia, por ignorância, por indiferença, ouve-se a «Palavra de Deus» com a mesma frieza com que se escuta a dos homens. São frequentemente proferidas expressões como estas : «Que sermão tão maçudo ! Que discurso tão pesado ! Que palestra sem fim ! Que prática para esgotar a paciência a um santo !» Contudo a «Palavra» é uma só, poderosa, expressiva, inteligente, completa.

Em todo este capítulo, o profeta proclama o amor pela verdade. Quer atribuir a cada um a sua parte na culpa do desmoronar moral da sua geração. «Buscai o bem e não o mal, para que Deus esteja convosco». Ele crê que as enfermidades colectivas provêm sempre de origem complexa ; que ninguém pode eximir-se ao pecado de ter contribuído para elas voluntariamente ou com a sua indiferença. Por isso apela para todos os filhos de Israel, tanto os que sofrem como os que fazem sofrer ; tanto os que suportam amargas experiências como aqueles que as provocam, para que compreendam a sua culpa e procurem penitenciar-se dela em proveito do bem comum.

Enfim, Deus quer os homens como eles são

— com as suas faltas, os seus erros, os seus defeitos, e as suas misérias — não para que se comprazam nelas, mas para que manifestem vontade de vencê-las. Ele sabe que lhes não é permitido fugir de si mesmos, da sua frágil natureza, da matéria de que são formados. Sabe que, na distância dos séculos, tomaram hábitos maus ; que esses hábitos fizeram surgir baixas inclinações para a maldade e para a violência. Mas a compaixão e o amor tudo podem corrigir e vencer, se a vontade for firme em busca do Bem e da Verdade.

DEUS QUER QUE O HOMEM SE RECONHEÇA

Cap. VI — a Consciência

«Vós que prolongais o dia mau, que vos firmais na violência, que dormis em camas de marfim, que vos estendeis sobre divãs, que vos banqueis com cordeiros e bezerros, que inventais prazeres ociosos, que bebeis vinho por taças de ouro e vos ungis com essências caras, que vos não affigis com as faltas dos outros e vos alegrais com vaidade, porque vos julgais poderosos e seguros...

Sabei que o Senhor manda».

Amós 6 : 1-14

No tempo de Amós, os pastores eram pessoas do campo e dos montes. Deslocavam-se a capricho das exigências de forragem e de água para os seus rebanhos.

Os seus costumes eram simples, o seu alimento era escasso, as ambições eram restritas. Na solidão

dos vales e nas encostas dos serros, as horas passavam vagarosamente. Sempre atento ao seu gado, o vigia falava com ele, cantarolava áreas e meditava. E, quando a inteligência e a fé lhe transportavam o pensamento para longe e para o alto, tornava-se contemplativo e orava. Isto lhe dava certeza de não estar só.

Consciência da presença de Deus. — O deserto e a solidão serviram de escola a grandes homens do passado. Tendo de atravessá-los ou de viver neles por períodos mais ou menos longos, sem recursos bastantes para vencer as dificuldades do dia a dia, o pastor convencia-se da sua fraqueza, sentia necessidade de protecção, buscava conforto e auxílio no poder do Invisível.

Esforçava-se, lutava, mas a orientação espiritual vinha-lhe do alto. Era para o alto que ele erguia os olhos com confiança, seguro de que Alguém o via e acompanhava. Considerava-se dependente desse Alguém e repartia com Ele os seus cuidados.

Os primeiros altares de pedra em honra de Jeová, na Canaan, foram levantados por dois pastores, Abraão e seu sobrinho Loth, após a chegada a Siquem onde armaram tenda. Aí apascentaram gado, multiplicaram as suas reses e prosperaram

em bens. E outros lhes seguiram o exemplo. Isaac, Jacob, Moisés, Saúl, David, foram pastores. Uns cultivaram terra, outros guiaram povos, ainda outros fizeram-se legisladores, organizaram nações e reinaram. Todos subiram no conceito dos homens porque sentiram o brilho espiritual da mesma luz e não se afastaram dela.

Quando uma pessoa chega a consolidar a sua confiança sobre a Rocha dos séculos, podem soprar ventos e formarem-se tempestades, sem que a fé seja abalada. E, quando esse indivíduo busca apoio nela para resistir ao embate das malícias do mundo, nunca lhe faltam recursos nem a graça deixa de fluir na sua alma e na sua vida.

Amós seguiu esses seus antepassados. Pasceugado e levantou um altar a Deus no íntimo do seu coração. Estas duas atitudes permitiram-lhe observar o mundo de cima para baixo, embora dentro dele e convivendo de perto com o povo.

Consciência do mal. — O que mais magoava a sensibilidade do profeta era o falso conceito que os ricos faziam de si mesmo, aferindo por seus bens o valor da sua personalidade, a importância da vida pelo capricho das suas orgias, a nobreza de sangue pela extravagância das suas vaidades. Entristecia-o a maneira fácil como o dinheiro com-

prava favores, pondo a razão ao lado dos que a pagavam. E isto não era excessivo zelo do profeta. Outros escritores sentiam o mesmo.

Amós foi contemporâneo de dois outros «profetas menores», que descrevem com simplicidade e realismo o estado moral de Israel no século oitavo antes de Cristo. Um deles é Joel que lhe antecedeu em cerca de três quartos de século; outro é Oseas que veio uns vinte e cinco anos depois. São, portanto, aproximadamente da mesma época e ambos testemunhas oculares daquilo que viram, observaram e transmitiram.

Joel gravou um pequeno rolo, hoje dividido em três capítulos, algumas impressões acerca do sofrimento causado entre as populações da Palestina por temporadas de calma e pela praga dos gafanhotos. A seca e a locusta eram flagelos frequentes que destruíam as sementeiras e vinham, quase sempre, acompanhados pela fome. Eis as suas palavras :

«O campo está assolado e a terra triste, porque o trigo foi destruído, o mosto secou, o óleo falta. Os lavradores envergonham-se, os vinhateiros gemem por falta de trigo e de cevada. A colheita do campo pereceu; a vide secou-se, a figueira murchou, também a romeira, a palmeira, a macieira, e todas

as árvores dos pomares emurcheceram. Ces-
sou a alegria entre os filhos dos homens». (1)

Estas expressões comprovam a luta constante do homem para remover dificuldades inesperadas e o quanto ele estava dependente de Deus. Nenhum destes flagelos podia ser combatido com antecedência, nem prevenida a desolação que eles causavam entre o povo.

Oseas, por sua vez, conta como o estado moral da sociedade israelita tinha decaído desde que o povo, enfraquecido na fé, havia perdido a sua confiança no Deus Jeová e deixara de frequentar o templo de Jerusalém. As suas afirmações são como pinceladas num quadro triste onde as cores se mostram diluídas em sombra de tragédia. Diz o profeta :

«O Senhor está em desacordo com os habitantes da terra, porque não conhecem a verdade, não praticam o bem, nem se preocupam com Deus. Só prevalecem o perjurar, o mentir, o matar, o furtar, o adulterar, e homicídios sobre homicídios.

O meu povo consulta os seus ídolos de madeira, e a sua vara lhe responde, porque o

(1) Joel 1:10-12

espírito de luxúria os engana e corrompe, afastando-os da obediência a Deus.

Sacrificam sobre os cumes dos montes, queimam incenso sobre os outeiros, debaixo do carvalho, e do álamo, e do olmeiro, porque é agradável a sua sombra : por isso vossas filhas se prostituem, e as vossas noras se adulteram... Não querem ordenar as suas acções a fim de voltarem para o seu Deus, porque o espírito de prostituição está no meio deles, e não conhecem o Senhor» (1).

Em face destes testemunhos é fácil concluir que o povo israelita se afundava cada vez mais num pântano de misérias, alimentado por falsidades que envenenavam o espírito e pervertiam a consciência colectiva. O egoísmo e a vaidade tinham tomado posse do coração de muitos, e estes constituíam o maior número ; a soberba e a mentira contagiavam os mais fortes, perturbavam-lhes a razão, roubando-lhes a coragem. A doença moral tinha chegado a toda a parte. Amós, que procurava maneira de a combater a todo o transe, expressa assim o desagrado de Deus : «Abomino a soberba de Jacob e aborreço os seus palácios» (2).

O profeta faz sentir ao seu povo que o homem está dependente de Deus e dos outros que lhe são

(1) Oseas 4 : 1 - 2, 13 : 5 - 4.

(2) Amós 6 : 8, 11.

iguais. Depende de Deus, porque só Ele pode dispor do seu futuro ; depende do próximo, porque toda a sua actividade lhe diz respeito. Separado de Deus é como um barco à deriva ; afastado do convívio com o seu semelhante torna-se uma negação das suas próprias faculdades. A inteligência e a sabedoria são dons relativos que só mostram o seu poder realizador quando observados a distância.

A consciência do bem. — Amós considera verdadeiramente atilado aquele que procura evitar a prática do mal, sob qualquer forma que este se apresente. Sábio é aquele que não perde de vista as suas imperfeições, nem o alto destino que lhe foi proporcionado.

O grande cientista Albert Einstein, pondo o conhecimento acumulado por outros sábios ao serviço da sua arguta inteligência, fez cálculos que auxiliaram a descoberta de energias escondidas na matéria e levaram à cisão do átomo, sem dúvida a mais extraordinária conquista deste meado de século. Essa prodigiosa descoberta está revolucionando a vida dos povos e, talvez, a orgânica das nações.

Cerca de vinte e sete séculos antes de Einstein, um outro sábio e profeta, que passou à história com o nome de Isaías, tinha ensinado ao homem a

maneira de viver em paz, progredindo moral e espiritualmente. Consistia esse processo em transformar as espadas em arados e as setas de então em tesoiras de podar. O sistema era viável e daria excelente resultado, se fosse posto em prática. Mas não encontrou ninguém capaz de levar a humanidade a experimentá-lo.

Einstein elaborou as suas teorias em linguagem acessível a poucos, mas não faltou quem as utilizasse e com êxito retumbante. O outro sábio, Isaías, também preocupado com o bem-estar dos povos, expôs os seus princípios em palavras chãs, em linguagem compreensível a todos, e o homem ainda se não resolveu a pô-los em prática, continuando moralmente fraco e rotineiro como dantes. Por que razão assim acontece ?

Talvez por que as coisas da matéria lhe parecem mais vantajosas do que as do espírito, embora isso seja mera ilusão. O progresso da ciência é constante porque o homem teima na luta e fá-lo com fé de conseguir bom resultado. No campo do espírito procede de maneira diferente. Não se predispõe à luta contra o mal, aceita as consequências da sua indiferença porque a fé é fraca e não alimenta. Quer dizer, os princípios divinos valem menos do que os da mecânica ou da química ; não têm tanta influência na sua alma e no seu coração.

E assim vamos andando através dos tempos. Devido a isto, Amós proclamava a necessidade de uma revisão de processos, de uma reforma na maneira de interpretar a vida. Não tardou, porém, a sentir a dificuldade de levá-la a efeito. Compreendeu que essa reforma exigia que cada um se examinasse a si mesmo, para enfrentar os seus erros e tornar mais honesto o seu proceder com os outros. E nem todos estão dispostos a isso.

Sonhou e viu, escutou e empreendeu, ouviu e revelou. Pretendeu endireitar o mundo e não pôde; quis fazer acordar a sua geração perante as realidades e não conseguiu realizar o seu desejo; pensou levar a humanidade a corrigir os seus defeitos e teve de desistir do seu intento. Mas uma coisa fez com êxito. Serviu a Deus com a sua fé e o seu povo com o coração. Deu testemunho da alegria de fazer bem.

O MAL NUNCA FICA IMPUNE

Caps. VII e VIII — a Expição

«O Senhor Jeová assim me fez
ver...»

Amós 8 : 1

O profeta fala do seu encontro pessoal com Deus, das suas experiências com Ele, do poder que lhe foi dado para interpretar acontecimentos, que vieram a fazer parte da história de Israel. Fala com a convicção que provém da certeza das coisas, quando a fé está ao serviço da verdade. Por isso quer que todos ouçam, pensem... meditem. E para que as suas palavras sejam escutadas com interesse, intercala na sua mensagem esta afirmação : «*O Senhor, Jeová, assim me fez ver*».

São variadas as interpretações que os estudiosos têm dado às visões do profeta, àquilo que ele diz ter visto e observado nos seus colóquios com o Invisível. Que elas fossem em número de seis, como pretendem uns, cinco ou quatro, como que-

rem outros, o certo é que elas permitiram desvendar segredos e espalhar luz a séculos de distância.

Amós pôde antever calamidades que horrorizaram o seu espírito e lhe oprimiram o coração : Sementeiras destruídas pela seca, pomares devorados pela locusta, forragem mirrada pelo calor, multidões acossadas pela fome a vagarear de terra em terra ; casas desertas desmanteladas por mãos criminosas, palácios e monumentos devorados pelo fogo, crianças, velhos e mulheres sem abrigo, fugindo ao espectro da morte. Anteviu populações inteiras reduzidas à triste condição de escravos, arrancadas às suas aldeias e cidades, tangidas em bando a caminho do cativeiro como se fossem animais do campo. E tão grande era a angústia da miséria, que o profeta exclamou em tom de súplica : «*Senhor, Deus, perdoa ao teu povo !*»

Ele sentiu ser impossível resistir a tão cruciantes tribulações ; receou que Israel fosse completamente aniquilado. E apelou para a misericórdia, invocou clemência.

Então Jeová escutou a sua voz, atendeu ao seu pedido, tranquilizou-o com esta promessa : — *Não destruirei de todo a casa de Jacob. Porei um prumo no meio do meu povo escolhido, e não voltarei a passar por ele* (1). E o tom em que estas

(1) Amós 7 : 3,8 9 : 8

palavras haviam sido pronunciadas, fez despertar Amós do seu enlevo divino, convencido de que as tribulações de Israel seriam passageiras. Embora elas se apresentassem como experiências dolorosas, deixando atrás um rasto de mortandade, o Deus da justiça estava com o seu povo.

*

*

*

As afirmações do autor da mensagem, nestes dois capítulos, são tão claras, que não deixariam campo aberto para dúvidas, se a profecia já tivesse conquistado foros de inspirada, e o profeta fosse olhado com admiração como depois veio a ser.

Amós pertence a um periodo de transição entre a profecia falada e a escrita. Antes dele, já Elias e Eliseu tinham feito extraordinárias revelações, mas nenhuma obra deixaram a consagrar os seus nomes, a definir o seu desejo de converter os povos da Palestina à crença de Jeová. Joel e Jonas, que o precederam em quase meio século, foram os primeiros videntes com nome de profetas a legar à posteridade mensagens escritas que chegaram até nós. Oseas foi contemporâneo dele. Vieram depois Isaías, Miqueas, Obadias, ainda dentro do mesmo século, a continuar a tradição dos seus colegas anteriores.

Foi com Isaías, Jeremias, Ezequiel, que a profecia conquistou o conceito que teve em gerações posteriores. Foi então que o profeta começou a ser conhecido como a voz do Invisível, e as suas afirmações a serem consideradas como expressão da vontade de Jeová. Esta comunicava-se com esses servos escolhidos, fazendo-se compreender por meio de sinais, de visões, de sonhos, de vozes íntimas que apontavam para o alto, desvendavam mistérios, definiam verdades eternas.

Disto se conclui que o profeta era o homem espiritualmente iluminado, superiormente esclarecido, preparado para apreciar as coisas do mundo com uma inteligência fora do comum, com a consciência emancipada de leviandades que estorvam ver a verdadeira luz. Esta situação moral facultava-lhe antever acontecimentos, coordenar os factos, tirar deles conclusões por vezes tão arrojadas que pareciam inverosímeis. Possuía, por assim dizer, um sexto sentido, que bem poderia chamar-se — telepatia divina.

Não sabemos, pois, o efeito que as palavras de Amós teriam produzido na mente dos seus ouvintes, se considerarmos que os profetas do seu tempo ainda não tinham subido o Capitólio da fama, como foi possível, mais tarde, aos poetas da antiga Roma. Mas é de crer que a sua mensagem tivesse despertado muitas consciências, dado origem

a muitas discussões, corrigido muitas tendências más. Isto, apesar das contrariedades levantadas por Amazias e pelo Sumo-sacerdote de Jerusalém.

Convém lembrar que os profetas do século oitavo a. C. encontraram um meio tão adverso ao seu ministério, que precisavam possuir uma coragem de heróis. Só almas eleitas, e verdadeiramente consagradas a fazer bem, podiam enfrentar as responsabilidades em que eram investidos pelo Espírito de Deus.

*

* *

— «Que vêes Amós»? — «Um cesto de frutos de verão», foi a resposta do profeta à voz que o interrogou. Ouvira aquelas palavras durante a sua terceira visão.

Assim como o fruto é recolhido no tempo próprio, bom ou mau que seja, também para Israel se aproximava o momento de ter de enfrentar experiências tristes, como fruto da má semente dos seus erros e desvarios. E eram bem amargos os da colheita a fazer!

Estavam à porta grandes invasões do solo israelita por tropas reunidas, à ordem de imperadores belicosos como Salmanazar, Tiglat-Palesar,

Nabucodonosor. Com elas viriam a queda da Samaria e a extinção do reino do norte. Viriam guerras sangrentas com o Egipto e com nações vizinhas, cabendo aos assírios limpar o templo de Jerusalém dos seus tesouros e destruí-lo, incendiar a cidade e sacrificar milhares de judeus, supliciar os seus últimos monarcas, desterrar multidões para longo cativeiro, pôr fim à independência da Judeia. Sim, longo cativeiro — na Babilónia, nos montes da Assíria, entre as nações, pelo mundo inteiro.

A raça escolhida, e privilegiada por Deus, ia ser espalhada pelos quatro cantos do globo, em grupos, em colónias, em judiarias, à mercê de leis espoliadoras, de governos estranhos, de ambições, de caprichos, sempre mal apreciados, desfavorecidos por motivos de sangue, de religião, de cobiça... um cesto de frutos que ninguém desejaria provar!

RESGATE E RESTAURAÇÃO

Cap. IX — O Triunfo

«E vi o Senhor, que estava de pé sobre o altar, e me disse : — Faze tudo em pedaços sobre a cabeça de todos eles.

Naquele dia tornarei a levantar a tenda de David que caiu, e taparei as suas aberturas ; tornarei a levantar as suas ruínas, e a edificarei como nos dias da antiguidade. E removerei o cativeiro do meu povo».

Amós 9 : 1, 11, 14

O profeta observou o Senhor de pé, sobre um trono. Ouviu a voz que o interrogava e respondeu-lhe. Compreendeu o sentido da ordem que lhe era transmitida por estas palavras ; «Fere o capitel até que estremeçam os ombrais, e faze tudo em pedaços».

Ora, em face desta incumbência, Amós só tinha um caminho a seguir — era obedecer. Agora tinha mais um dever a cumprir — o de ser claro perante o povo de Israel. Tinha de falar para ele

e para o mundo com franqueza, sem hesitação nem disfarces, expor-lhes verdades, apontar-lhes erros, condenar desleixos que deterioravam a vontade, faltas e culpas que ninguém quer ter.

Tinha de rasgar-lhes o véu que escondia tanta malícia de mando, tanta embriaguez de poderio, tanta ganância de riquezas, tanta miséria de luxúria. Enfim, era-lhe preciso despedaçar a ilusão, a mentira, a cegueira dos fortes, a indiferença dos fracos—ombraís duma sociedade oca de virtudes—fazê-los cair com a espada da verdade, por cima da cabeça de todos, dos reis e dos chefes, dos que mandam e dos que obedecem, dos que abusam do poder, dos que prevaricam no mal.

Foi esta a tarefa indicada a Amós naquela visão. E ele não hesitou em realizá-la, não tremeu de medo, não deixou de cumpri-la.

Convém notar que a voz do Espírito não lhe tinha dito simplesmente — clama. Foi mais além. Mandou-lhe cortar cerce e a prumo com a espada da verdade, a única que castiga sem engano, que fere sem sangue, que corrige sem suborno, que aponta para o bem sem respeitos humanos. «Faze em pedaços» — a vaidade, o orgulho, o egoísmo, a hipocrisia, a arrogância, a crueldade, e tudo quanto possa corromper o coração do homem.

E fá-lo de modo que todos saibam que não há pensamentos ocultos, nem intenções mascaradas, nem obras encobertas, porque Deus a todos vê, a todos conhece, a todos julga, para retribuir a cada um com inteira justiça. Diz-lhes que ninguém poderá escapar-se a tal juízo. «Ainda que cavem até ao inferno, a minha mão os tirará dali, porque os olhos do Senhor estão sobre todos» (1).

*

* *

Há três pontos a considerar na interpretação deste capítulo — a contextura do assunto da mensagem, uma promessa de Deus a longo prazo, a profecia do autor acerca do povo israelita.

Quanto ao assunto, o autor entra na conclusão do seu trabalho com palavras de conforto, que deixam na mente de quem ouve ou de quem lê, um motivo para renovadas esperanças. Mas, apreciada de relance esta porção da sua obra, nota-se um contraste flagrante entre duas partes. A primeira é a sequência lógica das ideias anteriormente expressas, salientando o abuso de transgressões que reclamavam justiça. A segunda põe em foco um tema completamente novo — a misericórdia e o perdão — com promessa de auxílio ao transgressor.

(1) Amós 9 : 2,8

Em face dos dois temas dispaes, querem alguns estudiosos ver, na parte final deste capítulo, uma quebra de sentido, pouco justificável na mente do autor. Notam haver um salto brusco de pensamento, quase uma mudança de atitude em sentido contrário, como quem pretende proteger o cordeiro em frente do leão. Entendem que esta passagem súbita, duma situação de austeridade no rigor da lei para outra de benevolência com o acusado, não cabe simultâneamente na mesma inteligência, por muito esclarecida que ela seja.

Este é o motivo que leva alguns críticos a sugerir uma dupla autoria na redacção do capítulo. Afirmam que ele apresenta duas pessoas diferentes — uma mais austera, sem dúvida, Amós; outra mais branda, talvez a que coligira os manuscritos originais, que lhe teria dado uma conclusão mais de harmonia com o seu critério, pensando que a ideia expressa estivesse incompleta, talvez imperfeita.

Segundo este parecer, alguns exegetas e comentadores dividem o capítulo em duas partes distintas, quanto ao tempo e quanto ao assunto. Consideram de Amós, como porção original, os versículos um a sete, e os restantes oito a quinze, como composição espúria, atribuída a qualquer escriba posterior, cujo nome se mantém oculto. Ora, seja ou não exacta uma tal opinião, ela é digna de apreço, por-

que guia o espírito de quem estuda a investigar o problema com mais luz.

Há, contudo, uma razão poderosa que milita em favor de Amós e lhe atribui inteira autoridade sobre toda a obra. É a falta de qualquer documento coevo ou posterior que dê provas ou simples indicação do texto haver sido alterado na sua forma primitiva. Enquanto isto se não der, há que considerar a mensagem como trabalho do mesmo autor, e interpretá-la como obra sua.

É assim que a temos estudado durante anos consecutivos e, quanto mais aprofundamos a matéria do seu contexto, mais nos convencemos de que a obra não fora alterada. Houve, quando muito, transposição de alguns versículos devido a incúria dos copistas, mas a matéria original parece encontrar-se completa.

*

* *

A promessa que o profeta ouviu durante os seus colóquios divinos deu conforto à sua alma atribulada. Ele afirma ter falado com o Senhor acerca de Israel e ouvido palavras de segurança, a garantia de que «não seria destruída a descendência de Jacob».

Ninguém, de boa fé, poderá pôr em dúvida a

sinceridade como ele expressa as suas visões. Tal como afirma, o seu encontro com o divino foi directo e pessoal, porque viu e falou com Ele. Participou dum alto privilégio que está ao alcance de muitos, mas só poucos o aproveitam.

Ora foi durante uma dessas visões que Amós se mostrou interessado em auxiliar o seu povo, muito preocupado com o seu futuro, e exclamou : «Senhor, que será de Jacob, pois ele é tão pequeno», tão fraco, tão alheio à tua majestade ? E, esta pergunta, feita em tom de humildade e de confiança, actuou como uma súplica, foi atendida, e mereceu a seguinte resposta :

«Não destruirei de todo a casa de Jacob. Sacudi-los-ei entre as nações, mas voltarei a reuni-los. Todos os pecadores do meu povo sofrerão à espada, mas removerei o seu cativo, e os farei voltar à sua terra (1).

E foi isto que o profeta anunciou ao seu povo. Ele alcançara a extensão do plano divino acerca de Israel. Teve a certeza de que não estava esquecido nem excluído da protecção de Jeová. Apenas fora deixado temporariamente entregue a si próprio, para se convencer da falácia das suas ilusões. Depressa sentiria em redor de si a força da

(1) Amós 9:9,14

corrente que o faria naufragar e acordar do seu desvario. Então, a seu lado, encontraria uma rocha para firmeza dos seus pés e sobre a qual poderia descansar.

*

*

*

A profecia mais arrojada que contém a mensagem de Amós está contida nestas palavras : *«Naquele dia tornarei a levantar a tenda de David»*.

As grandes previsões proféticas do séc. VIII a. C. são promessas a longo prazo. O crédito, que lhe deram aqueles que as ouviram, foi, muitas vezes, fraco e duvidoso ; mas o conceito que elas vieram a merecer no decurso dos tempos, foi o mais elevado que é possível imaginar-se. Isto quer dizer que foi preciso verificar-se a exactidão dessas previsões, para se ter a certeza de que os profetas eram pessoas escolhidas por Deus, e por Ele inspiradas, para anunciar a verdade e predizer acontecimentos.

Isto prova que Alguém, com poder sobre o tempo e sobre a história, lhes comunicava mensagens espirituais que tinham marca divina. Prova que essas mensagens continham revelações extraordinárias, verdades que a inteligência do homem

não podia alcançar, mas eram reais. Prova ainda que a determinação do Todo-Poderoso é dirigir a humanidade por caminho seguro, embora as forças do mal persistam em espalhar abrolhos que dificultem o avanço.

O plano está traçado e as gerações vão seguindo ao seu destino.

O prumo a que o profeta faz referência na sua obra, e no qual põe todas as esperanças de um mundo melhor, será um prodigioso instrumento de reconstrução social quando puder ser usado em maior escala pelo homem espiritualmente esclarecido.

Assim como Israel, através de tantas experiências más, conseguiu triunfar delas e dos seus inimigos, mediante auxílio divino, também a humanidade alcançará, com ajuda desse prumo, em estado de compreensão em que a verdade e a justiça prevaleçam sobre todos os caprichos. E cabe aqui uma pequena história :

Certa ocasião, perguntaram a um escultor, enquanto ele examinava um bloco de pedra, como poderia ele fazer uma estátua daquela rocha tosca e dura ? O artista respondeu que a imagem a tirar daquele granito já estava delineada e completa dentro dele. O que ele ia fazer, era descobri-la,

libertá-la daquilo que a escondia aos olhos dos outros. E, lançando mão da marreta e do cinzel, começou a cortar lascas, a fazer sair do bloco fragmentos que a encobriam.

Passaram-se semanas de trabalho constante para o artista e, depois de aturado esforço, a tal estátua que ele antevira oculta no bloco surgiu esbelta, bem talhada, diante dos olhos de quem o tinha interrogado. O que parecera incrível tornara-se realidade.

Não será assim o trabalho de Deus para realizar o seu plano de transformar o homem corrompido, regenerando-lhe o coração, de maneira a fazer dele uma semelhança do Divino? Quem poderá duvidar que, dentro deste agregado complexo — a humanidade — com todos os defeitos, erros e misérias inerentes à sua fraqueza, esteja a preparar-se uma geração redimida, aperfeiçoada no bem, consciente do seu destino eterno? Quem poderá negar ao Supremo Architecto todas as possibilidades de realizar a sua obra?

F I M

DATAS PARA REFERÊNCIA

Damos a seguir a cronologia dos monarcas da Samaria e de Judá no sec. VIII a. C., e um resumo dos principais acontecimentos :

Reino da Samaria	Reino de Judá
Jeroboão II (805-764)... 41 anos	Uzias (800-748)... 52 anos
Zacarias (764)... 6 meses	Jotão (748-738)... 10 »
Salum (763)... 1 mês	Acás (738-722)... 16 »
Menaen (763-753). . 10 anos	Ezequias (722-693)... 29 »
Pekaia (753-751)... 2 »	Acerca de Uzias convém ler em
Peka (751-731)... 20 »	II Reis 15: 1 - 5 ; em II Crónicas 26: 3
Hoseas (731-722). . 9 »	

Segundo informam dois autores, Uzias tinha de zasseis anos quando subiu ao trono de Judá, e esteve no poder cinquenta e cinco, diz um deles ; cinquenta e três, afirma o outro.

É preciso notar que ambos têm razão. A diferença está em que o primeiro conta como reinado o tempo da subida ao trono até à morte do monarca ; o segundo conta apenas até à retirada do rei para a vida particular, em 748, três anos antes do seu falecimento,

Dados cronológicos de Uzias :

- De 816 a 748 — Vida do monarca — 68 anos.
» 800 » 748 — Tempo de reinado — 52 anos.
» 758 » 748 — Governo com Jotão, seu filho.
» 805 » 764 — Governo simultâneo com Jeroboão.

Idem de Jeroboão II :

- De 827 a 764 — Vida do monarca — 63 anos.
» 805 » 764 — Tempo de reinado — 41 anos.
Em 765 recebeu a queixa do sacerdote de Betel contra Amós.

Idem do profeta Amós :

- De 795 a 745 — Período em que viveu.
» 795 » 765 — Infância e juventude.
» 765 » 745 — 20 anos de ministério.
765 — Data em que começou a falar em público.
763 — Grande terramoto de Jerusalém.
760 — Ano em que escreveu a obra.
745 — Desaparecimento do autor, talvez na defesa do reino da Samaria, quando da grande invasão assíria.

Outras ocorrências do séc. VIII :

- Em 776 realizaram-se em Êlida, na Grécia, os primeiros jogos olímpicos.
Em 13 de Junho de 763, deu-se na Síria um eclipse do sol.
Em 761, o rei da Assíria, Tiglat-Palesar III (Pul), invadiu os reinos do norte da Palestina, impondo pesado tributo aos vencidos.
Em 745, o mesmo monarca fez segunda invasão e tomou posse do reino da Samaria, fazendo deportar grande número de israelitas.
Em 722, Hoseas, último rei da Samaria, esteve preso à ordem de Sargom, rei da Assíria, que pôs termo ao reino do Norte.

CRONOLOGIA HISTÓRICA DE ISRAEL

A saída dos israelitas do Egipto marca o começo da sua vida política como povo independente. Foi um acontecimento importante, cuja data serviu de ponto de partida para a contagem do tempo, e de que dependem outras que ainda não tem sido possível fixar com exactidão. Há dezenas de opiniões sobre a data do Êxodo, algumas delas com séculos de diferença. E, como é pertinente adoptar uma para estudos desta natureza, seguimos a que nos parece mais correcta e que indicamos a seguir ;

- 2.170 a. C. — Nascimento de Abraão. Gen. 11 : 26 - 27.
- 2.095 — Saída de Terra da Caldeia para Haram.
- 2.075 — Nascimento de Isaac. Gen. 25 : 26.
- 2.010 — , , Jacob, filho de Isaac.
- 1.887 — Os hicsos invadiram o Egipto (XII dinastia).
- 1.880 — Jacob e família foram para o Egipto.
- 1.680 — Os hicsos foram expulsos do Egipto, (Reinado do faraó Amosis).
- 1.549 — Nascimento de Moisés, no reinado de Tutmés II.
- 1.469 — Êxodo dos israelitas do Egipto. Ex. 12 : 37.
- 1.429 — Chegada dos israelitas à planície de Moab. Deut. 1 : 3.
- 1.073 — Fundação da *Monarquia de Israel*.

Reino Unido

- SAÛL** (1073-1033) — Primeiro rei de Israel. Foi ungido pelo profeta Samuel. Reinou 39 anos. (Actos 13: 21).
- DAVID** (1033-993) — Ungido pelo mesmo profeta e aclamado rei pelo povo. Governou durante 40 anos. (I Cr. 29: 2).
- SALOMÃO** (993-953) — Filho de David. Fez construir o templo de Jerusalém. Reinou 40 anos. (I Reis 6: 1,38).

Reino Dividido

Judá

- ROBOÃO** (953-936) — Filho de Salomão. Tinha 40 anos quando subiu ao trono. Reinou 17. (II Cr. 12: 13).
- ABIAS** (936-933) — Filho de Roboão. Tinha 18 anos quando subiu ao trono. Reinou 3. (Idem 13: 2).
- ASA** (933-893) — Filho de Abias. Tinha 20 anos quando subiu ao trono. Reinou 40. (I Reis 15: 10)
- JOSAPHAT** (893-868) — Filho de Asa. Tinha 25 anos quando sucedeu ao pai. Reinou 25. (Idem 22: 42).

Samaria

I Dinastia

- JEROBOÃO I** (953-931) — Foi escolhido por 10 tribos. Governou 22 anos. (I Reis 14: 20).
- NADAB** (931-929) — Filho de Jeroboão. Reinou 2 anos e foi assassinado por Baasa. (Idem 15: 25).

II Dinastia

- BAASA** (929-905) — Reinou 24 anos. Andou em guerra com Asa. (Idem 15: 33).
- ELA** (905-903) — Filho de Baasa. Reinou 2 anos. Foi assassinado por Zinri. (Idem 16: 8).

III Dinastia.

ZINRI (903) — Reinou 7 dias. Sabendo que o povo era contra ele, incendiou o palácio e deixou-se morrer. (Idem 16: 15).

IV Dinastia

ONRI ((903-891)—Foi escolhido pelo povo. Fundou a cidade da Samaria. Reinou 12 anos. (Idem 16 : 23).

JEORÃO (868-860) — Filho de Josaphat. Tinha 32 anos quando foi rei. Governou 8 anos. (II Reis 8 : 17).

ACAB (891-869) — Filho de Onri. Casou com Jezabel, princesa fenícia. Reinou 22 anos. (Idem 16 : 29).

ACAZIAS (860-859) — Filho de Jeorão. Sucedeu-lhe com 22 anos. Reinou um. (Idem 8:26),

ACAZIAS (869-867) — Filho de Acab. Reinou 2 anos. (Idem 22 : 52).

ATÁLIA (859) — Filha de Acab e Jezabel. Viúva de Jeorão. Reinou poucos meses. Foi assassinada. (II Cr. 22 : 12).

JORÃO (867-855) — Filho de Acab. Aliou-se a Josaphat contra Mesa, rei de Edom. Reinou 12 anos. (II Reis 3:1).

V Dinastia

JOÁS (859-829)—Filho de Acazias. Tinha 7 anos quando subiu ao trono. Reinou 30 anos (II Reis 12 : 1),

JEÚ (855-837)—Foi ungido por Elizeu. Reinou 18 anos. Salmanazar III invadiu a Samaria. (Idem 10 : 36).

AMAZIAS (829-800) — Filho de Joás. Subiu ao trono com 25 anos. Reinou 29. Foi assassinado. (Idem 14 : 2).

JOACÁS (837-820) — Filho de Jeú. Reinou 17 anos. (Idem 13 : 1).

UZIAS (800-748) — Filho de Amazias. Tinha 16 anos. Reinou 52. (II Reis 15 : 2).

JEOÁS (820-804)—Filho de Joacás. Reinou 16 anos. (Idem 13 - 10).

JEROBOÃO II (805-764) — Filho de Jeoás. Reinou 41 anos. Esteve sempre em paz com o reino de Judá. (Idem 14-25).
ZACARIAS (763) — Filho de Jeroboão. Reinou 6 meses e foi assassinado. (Idem 15:8).

VI Dinastia

SALUM (763) — Reinou 1 mês. Foi assassinado. Desordem na Samaria. (Idem 15-13).

VII Dinastia

MENAEN (763-753) — Reinou 10 anos. Tiglat-Palesar III invadiu a Samaria. Idem 15:17).
PEKAIA (753-751) — Reinou 2 anos. Tropas assírias invadiram o norte da Palestina. (Idem 15 : 23).

VIII Dinastia

JOTÃO (748-738) Filho de Uzias. Tinha 25 anos quando foi associado ao trono. Reinou 10 anos. (II Cr. 27 : 1).

ACÁS (738-722) - Filho de Jotão. Tinha 20 anos quando subiu ao trono. Reinou 16 anos. (II Reis 16 : 2).

PEKA (751-731) — Filho de Remalias. Reinou 20 anos. (Idem 15 : 27).

HOSEAS (731-722) — Reinou 9 anos. O rei da Assíria, Salmanazar IV, tomou conta da Samaria e Hoseas ficou seu vassalo. Quis recuperar a independência. Sargom encerrou-o no cárcere. Em 722 terminou o reino do Norte.

CRONOLOGIA HISTÓRICA DE ISRAEL

- EZEQUIAS** (722-693) — Filho de Acás. Subiu ao trono com 25 anos. Reinou durante 29. (Idem 18 : 2).
- MANASSÉS** (693-638) — Filho de Ezequias. Tinha 12 anos e esteve no poder 55. (Idem 21 : 1).
- AMOM** (638-636) — Filho de Manassés. Subiu ao trono com 20 anos e reinou dois. Foi assassinado. (Idem 22 : 19).
- JOSIAS** (636-605) — Filho de Amom. Tinha 8 anos quando o fizeram rei. Esteve no poder 31 anos. (Idem 22 : 1).
- JOACAS** (605) — Filho de Josias. Foi preso em Ribla por ordem do faraó Neco. Reinou 3 meses. (Idem 23 : 31).
- ELEAKIM** (605-597) — Irmão de Joacás. Foi nomeado rei pelo faraó Neco que lhe mudou o nome para Joiakim. Tinha 25 anos quando subiu ao trono. Reinou 8 anos. (Idem 23 : 36).
- JOAQUIM** (597) — Reinou apenas 3 meses e foi levado cativo para a Babilónia por ordem de Nabucodonosor.
- ZEDEQUIAS** (597-586) — Tinha 21 anos quando começou a reinar. Esteve no trono 11 anos. Foi preso pelo rei da Assíria que fez degolar os filhos diante dele, e pôs fim ao reino de Judá em 586. (Idem 24 : 12).

NOTA: — Os documentos bíblicos indicam algumas datas que não é fácil adaptar com rigor à cronologia cristã.

Na história de Israel há quatro acontecimentos que servem de referência para outros. São eles: Êxodo, a construção do templo de Jerusalém (I Reis 6 : 1), a queda do reino da Samaria e o fim do reino de Israel.

Mas todas as datas são aproximadas e sujeitas a discussão.

OBRAS E ARTIGOS PARA CONSULTA

- História Universal** — P.^e Manuel da Silva Ramos
História Universal — H. G. Wells (tradução)
História Eclesiástica — Daniel Rops (tradução)
Povo Bíblico — idem, idem
Jesus no Seu Tempo — idem, idem
História, Doutrina e Interpr. da Bíblia — Joseph Augus (trad.)
Deus, Túmulos e Sábios — C. W. Ceram (tradução)
O Livro de Amós — A. R. Crabtree (tradução)
Contribution à l'Étude du Prophetisme — André Neher
Etudes sur Amos — Librairie Philosophique, Paris
História Sagrada — Henry C. Thompson (tradução)
Amos and Hosea — W. R. Harper
The Book of Amos — H. E. W. Foobroke
The Book of the Twelve Prophets — G. A. Smith
Chronology of the Old Testament — Elmer A. Leslie
Decline of the Hebrew Kingdoms — F. H. Robinson
Dictionary of the Bible — John D. Davis
History of Egypt — G. A. Smith
Helps to the Study of the Bible — U. Press., Oxford
Central Ideas in Amos — A. S. Kapelrud
History of the Jewish Nation — Alfred Edersheim
Joel and Amos — S. R. Driver
The Old Testament — J. M. P. Smith
Old Testament Introduction — John Howard Raven
The O. T. in the Light of Archeology — Christopher R. North
The Old T. in the Jewish Church — W. Robertson Smith
Preaching from Amos — Paul F. Barackman
The Prophets of Israel — W. Robertson Smith
The Theology of Amos — Carl G. Howie
Works about the Words of Amos — James L. Mays
The Works of Flavius Josephus — William Whitson
The Abingdon Bible Commentary.

ÍNDICE

	Págs.
Apreciações da obra de Amós	5
Preâmbulo	7
Ao longo dos séculos	17
Quem era Amós?	30
Ambiente cultural e religioso do séc. VIII.	40
Actividade de Amós	48
Ambiente político em que Amós viveu	60
Amós e o ideal que o inspirou	72
Amós e a tradição moisaica	85
Ocorrências que influenciaram Amós	95
Os recabitas e a religião de Jeová	108
O rei Uzias e o profeta protegido	115
O mesmo homem numa tríplice missão.	125
Resumo biográfico	126
Considerações sobre o livro de Amós	130
A mensagem escrita e a sua influência.	141
Um povo em marcha	153
Resumo da mensagem de Amós	167
Cap. I — <i>A lei, a vida — plano divino</i>	
O homem sob o domínio do Eterno	169
Cap. II — <i>A Malícia</i>	
O homem em rebeldia com Deus	187
Cap. III — <i>A Justiça</i>	
O homem e a sua culpa	214

ÍNDICE

	Págs.
Cap. IV — <i>A Vontade</i>	
Deus persiste em salvar o homem	222
Cap. V — <i>A Verdade</i>	
Deus não quer aparências	228
Cap. VI — <i>A Consciência</i>	
Deus quer que o homem se reconheça	236
Cap. VII e VIII — <i>A Expição</i>	
O mal nunca fica impune	245
Cap. IX — <i>O Triunfo</i>	
Resgate e restauração	251
<hr/>	
Datas importantes do séc. VIII a. C.	261
Bibliografia	268

Acabou de se imprimir aos 16 de Dezembro de 1962,
na Tipografia da Livraria Progredior — Avenida de
Rodrigues de Freitas, 383 — Porto

Rectificamos estas passagens :

mãe de Acasias — pág. 58, linha 6
Durante *ano e meses* — pág. 58, linha 8
de governo combinado — pág. 63, linha 15
o ano de *1469* da era antiga — pág. 88, linha 19
Governo de Jotão — pág. 262, linha 4

